Revista LiteraLivre©

ISSN 2595-363X

Distribuição Gratuita

Vol. 03 - nº 13 - Jan./Fev. de 2019

2º

Aniversário



Literatura com Liberdade

Revista LiteraLivre
ISSN 2595-363X

Volume 3, número 13 - Jan./Fev. de 2019 - ISSN 2595-363X
Jacareí - SP - Brasil

Expediente:

Publicação: Bimestral

Idioma: Português

Distribuição: Gratuita online em pdf

Conselho Editorial: Ana Rosenrot, Julio Cesar Martins e Alefy Santana

Editora-chefe: Ana Rosenrot

Diagramação: Ana Rosenrot – Alefy Santana

Suporte Corporativo:
Julio Cesar Martins – Alefy Santana

Revisão: *Todos os textos foram revisados por seus autores e não sofreram nenhuma alteração por parte da revista, respeitando assim a gramática, o estilo e o país de origem de cada autor.*

Imagens: as imagens não creditadas foram retiradas da internet e não possuem identificação de seus autores.

Capa: Pixabay

Site da revista:
http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/comoparticipar

Contato: revistaliteralivre@yahoo.com

Página do Facebook:
https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre

Autor Corporativo: Ana Rosenrot
Endereço: Rua Dos Cravos, 106 – Parque Santo Antônio – Jacareí/SP - CEP: 12.309.360

A Revista LiteraLivre foi criada para unir escritores de Língua Portuguesa, publicados ou não, de todos os lugares do mundo.
Toda a participação na revista é gratuita, com publicação em PDF e distribuição on-line.



Edições (atual e anteriores):
http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/numeros





ISSN 2595-363X

EDITORIAL

Queridos amigos e amigas, é com muita honra e alegria, que trago hoje a nossa edição de 2º aniversário, a 13ª edição. Brincando um pouco com as superstições referentes ao número 13, optei pelas cores e o tema sorte, que é algo que tem nos acompanhado em cada edição. Há dois anos, começávamos nosso trabalho de forma tímida, mas confiante, e hoje, somos considerados referência na divulgação da Língua Portuguesa pelo mundo. Centenas de autores já tiveram seus textos publicados em nossas páginas, alguns passaram por aqui apenas uma vez, enquanto outros estão presentes desde a primeira edição e de uma forma ou de outra, já fazem parte da nossa história.

Quero agradecer aos amigos(as) que acreditam na revista, nos enviam seus textos e outras artes, assinam, leem, divulgam e nos incentivam a continuar com suas carinhosas mensagens de apoio.

Meu agradecimento especial vai para os amigos: Jorginho da Hora, por sua dedicação e seus Haikais e ao Márcio Apoca, ilustrador do "Artista do Mês", por acreditarem na LiteraLivre e cederem seus trabalhos em nome da arte!!

E em 2019, continuaremos a levar *"Literatura com Liberdade"* gratuitamente para o Brasil e o mundo.

Nesta edição, além de uma infinidade de textos incríveis, temos ótimas oportunidades para os autores:

– Antologia "Eu Jardineiro", organizada pelo meu amigo e participante assíduo da revista, Lenilson Silva.

– Convocatória para a Antologia "A Arte do Terror – vol. 6 – Apocalipse", promovida pelo nosso parceiro "Elemental Editoração".

– Projeto "Cartas para a Vida", uma linda iniciativa, onde autores escrevem cartas de incentivo e esperança aos que precisam de uma palavra amiga.

– Antologia: O Sonho do Corvo, em homenagem aos 210 de Edgar Allan Poe.

– Chamada para a 3ª edição da “Revista SerEsta”.

Lembrando sempre que, somente fazemos a divulgação de projetos e convocatórias que ofereçam participação gratuita ou tenham renda revertida para ações beneficentes.

Obrigada em nome de toda a equipe!!

Abraços poéticos!!

Vamos mudar o mundo através das palavras!!!

Esta edição é dedicada aos moradores de Brumadinho/MG, um povo maravilhoso e sempre muito bem representado na revista por ótimos autores; nossos corações estão com vocês! Contem com nosso apoio e solidariedade!!



Ana Rosenrot
Editora-chefe

Neste Número:

Enviem seus trabalhos para a próxima edição até 05/02!!

A participação é gratuita!!

Não se esqueçam de assinar a revista no site!

Amanhecer – Foto

Ilha Grande – Rio de Janeiro

Gerson Machado de Avillez - Rio de Janeiro/RJ



Coluna CULTíssimo

Filmes Cult que foram fracassos de bilheteria

Alguns filmes fazem um sucesso meteórico, arrecadam milhões desde suas estreias e se tornam grandes sucessos, apesar de muitas vezes não serem bons, enquanto outros, muito melhores em todos os aspectos, acabam rejeitados nas salas de cinema, mas, posteriormente, se tornam cultuados entre os cinéfilos.

Hoje, *Hollywood* enfrenta a *"Crise dos Blockbusters"*, onde a originalidade se perdeu em dezenas de *"remakes"*(refilmagens de filmes já feitos), *"reboots"* (reinicialização, nova versão de um filme ou série) e continuações desnecessárias, num excesso de nostalgia que tem somente um propósito: arrecadar cada vez mais dinheiro, enquanto produções incríveis ficam em segundo plano e muitas vezes não conseguem sequer pagar os custos de produção; com certeza, novos clássicos estão surgindo.

E esse tipo de situação não é tão nova quanto alguns acreditam, o cinema mundial já passou por muitos altos e baixos, indo do glamour à falência e vários fatores podem contribuir para o sucesso ou fracasso de um filme: a época do lançamento, a campanha publicitária de outros filmes, orçamento, questões polêmicas, políticas, religiosas, escândalos e etc…

Mas, independente da bilheteria, a T.V., o *VHS* (Video Home System - Sistema Doméstico de Vídeo), o DVD (Digital Video Disc - Disco Óptico Digital) e hoje em dia, o *Blu-ray* e os serviços de *Streaming*, fizeram com que os "fracassos" de bilheteria

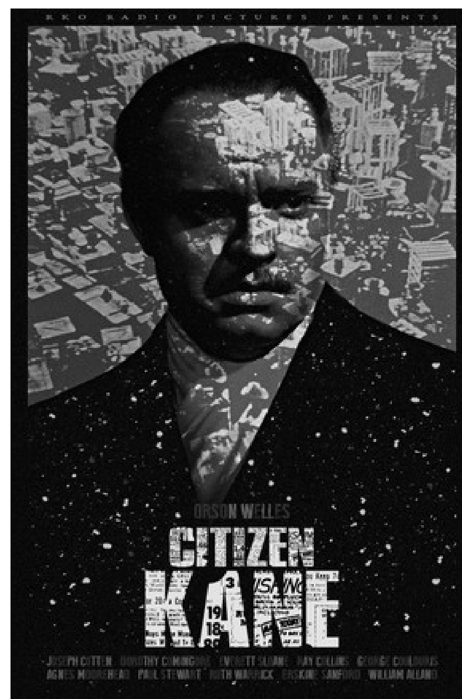
chegassem ao grande público e muitos se tornaram incrivelmente populares, entraram nas listas de melhores filmes já feitos, ganharam o status de Cult e são amados no mundo todo.

Separei alguns filmes que, todo mundo já viu ou ouviu falar(e muito) e aposto que a maioria não vai acreditar que eles fracassaram horrivelmente na bilheteria.

Vejam se conhecem todos eles e divirtam-se! Até mais!



Cidadão Kane (Citizen Kane) – E.U.A – 1941 – Eleito várias vezes como "O Melhor Filme de Todos os Tempos", Cidadão Kane, dirigido e estrelado por Orson Welles, ainda influencia cineastas em todo o mundo. Considerado hoje uma obra-prima da sétima arte, enfrentou a perseguição do magnata da imprensa "*William Randolph Hearst",* principal inspiração para o personagem *Charles Foster Kane*. Hearst fez de tudo para impedir que o filme fosse lançado: usou seu poder e influência para que os jornais não divulgassem o longa, ameaçou donos de cinema e chegou ao cúmulo de acusar Welles de comunismo (o que, naquela época, podia destruir a carreira do acusado e até fazê-lo ser preso). Um diretor da MGM, teve a audácia de oferecer uma grande quantia em dinheiro, para que o filme fosse destruído; ainda bem que isso não aconteceu. Com todos esses problemas, o filme foi lançado com timidez e atraiu pouquíssimo público, US$ 1,5 milhões de um orçamento de US$ 830 mil. Um lucro mínimo para um clássico absoluto.



Sinopse: Cidadão Kane é a obra-prima do diretor *Orson Welles* e

conta a história do magnata da imprensa *Charles Foster Kane* (Orson Welles) em uma sequência de flashbacks. O jornalista *Jedediah Leland (Joseph Cotten)* fica intrigado pela última palavra de Kane - *rosebud* - e tenta descobrir o seu significado entrevistando pessoas do passado do magnata. Inspirado na vida do milionário William Randolph Hearst.

Direção: Orson Welles
Gênero: Drama – **Classificação:** Livre



A Fantástica Fábrica de Chocolates (Willy Wonka and the Chocolate Factory) - E.U.A- 1971 – Grande sucesso da televisão, *A Fantástica Fábrica de Chocolates,* é um filme cheio de críticas ao consumismo, dirigido por *Mel Stuart,* que consegue "dar o seu recado" e ainda encantar crianças e adultos, mostrando que "tudo tem o seu preço". Financiado pela *Quaker Oats Company,* que chegou a comercializar os chocolates Wonka (que tinha um erro na fórmula e derretia nas prateleiras, sendo rapidamente retirado do mercado), o longa, filmado na Alemanha, é a adaptação do livro de *Roald Dahl,* que odiou as mudanças feitas por *David Seltzer* no roteiro e além de fazer campanha contra o filme, se negou a vender os direitos do livro para uma sequência, que se chamaria *"Charlie e o Grande Elevador de Vidro";* somente após falecer, sua viúva negociou os direitos para a adaptação de 2005.

O baixo interesse por filmes infantis, a campanha do autor e o chocolate molenga, "derreteram" a bilheteria do longa, que custou US$ 3 milhões e arrecadou somente US$ 525 mil, um fracasso completo para um filme atualmente tão amado.



Sinopse: *Charlie Bucket* (Peter Ostrum) é um menino pobre, que acha um dos cobiçados "bilhetes dourados" que dão direito a um carregamento vitalício de chocolates *Wonka*, além de poder conhecer a misteriosa fábrica de chocolates. Ele e mais quatro crianças passeiam pelo lugar, mas *Willy Wonka* (Gene Wilder), o dono da fábrica, não é uma pessoa bacana e sim uma figura manipuladora. As crianças, ao mesmo tempo em que mergulham de cabeça nos seus desejos, pagam um preço por isso.

Direção: Mel Stuart - **Gênero:** família, fantasia, musical – **Classificação:** Livre



Blade Runner: O Caçador de Androides - (Blade Runner) – E.U.A. - Hong Kong - 1982 – Considerado um dos maiores influenciadores de filmes, jogos e séries de ficção científica, *Blade Runner: O Caçador de Androides,* adaptado do livro *"Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?",* do grande escritor *Philip K. Dick,* dirigido por ninguém menos que *Ridley Scott* e protagonizado pelo grande astro *Harrison Ford,* tinha tudo para ser um sucesso arrasador nos cinemas, mas, isso não aconteceu e o longa que custou US$ 28 milhões de dólares, arrecadou apenas US$ 32,8 milhões.

Afinal, qual foi o erro que levou um filme tão cultuado atualmente fracassar?

A resposta? Subestimar a concorrência.

Naquele ano de 1982, três filmes de ficção científica disputavam o primeiro lugar nas telas: *"Blade Runner"*, *"E.T. - O Extraterrestre"* e *"Jornada nas Estrelas 2 – A Ira de Khan".* Devido também ao orçamento maior (E.T. custou apenas US$ 10,5 milhões e Jornada US$ 11,2 milhões), todos apostavam no sucesso de *Blade Runner*, só que o resultado foi inesperado: *"E.T. - O Extraterrestre"* se tornou a maior sucesso de bilheteria da época, arrecadando US$ 359 milhões e *"Jornada nas Estrelas 2– A Ira de*

Khan", foi a sexta maior bilheteria do ano com US$ 78,9 milhões.

Apesar de idolatrado pelos amantes da ficção científica, Blade Runner parece ter um estigma para o fracasso, pois, a continuação de 2017: "Blade Runner 2049", também foi considerado um fracasso comercial; deve ser culpa dos replicantes.



Sinopse: No início do século XXI, uma grande corporação desenvolve um robô que é mais forte e ágil que o ser humano e se equiparando em inteligência. São conhecidos como replicantes e utilizados como escravos na colonização e exploração de outros planetas. Mas, um grupo de robôs mais evoluídos provoca um motim, em uma colônia fora da Terra e este incidente faz os replicantes serem considerados ilegais na Terra, sob pena de morte. A partir de então, policiais de um esquadrão de elite, conhecidos como Blade Runner, têm ordem de atirar para matar em replicantes encontrados na Terra, mas tal ato não é chamado de execução e sim de remoção. Até que, em novembro de 2019, em Los Angeles, quando cinco replicantes chegam à Terra, um ex-Blade Runner (Harrison Ford) é encarregado de caçá-los.

Direção: Ridley Scott
Gênero: drama, ficção científica
Classificação: 14 anos

Para contato e/ou sugestões:
anarosenrot@yahoo.com.br

Conheçam meu livro "Cinema e Cult":

http://cultissimo.wixsite.com/anarosenrot/livros

A Beleza

Marcos Andrade Alves dos Santos
Canaan/Trari/CE

Somos as coisas que florescem no outro. Tive essa ideia enquanto amava uma roseira. Ela florescia naquela terra úmida e forte, roubando todos os olhares para si. Era verdade que sua Beleza merecia destaque em relação a feiura daquela terra, mas somente para os olhos rasos. Na verdade, a terra que entregara sua substância para a roseira prosperar, era realmente a fonte daquela Beleza. Jamais a roseira floresceria sem sua força, sem que a terra fosse seu alimento... a terra é, portanto, a Beleza bruta e a roseira lhe tornava suave através da delicadeza das suas pétalas.

A Beleza precisa de meios para ser inteligível aos olhares humanos, pois os homens fragmentados se especializaram em ver apenas as coisas mais aparentes, desprezando o profundo, o mistério – que é bruto e assustador em sua versão original.

Certa vez, quando criança, conheci uma mulher que tinha o nome de Beleza. Ela caminhava nesta pequena cidade, pelas ruas de terra e no mercado, com uma bacia de colorau na cabeça. O colorau é uma coisa muito bonita. Ele colore as linhas invisíveis do alimento, criando outros sabores e, assim novas histórias para a comida. Muita gente gosta do colorau por causa da cor e da realidade que cria na refeição.

Mas poucos sabem que o colorau nasce do suor e dos calos daqueles que pilam a semente do urucum com a farinha de mandioca. O colorau floresce do esforço de uma gente que mantém viva um fragmento do Antigamente. Essa tentativa desaparece aos poucos; foi assim que senti quando a Beleza morreu e ninguém mais surgiu com uma bacia de colorau na cabeça, oferecendo-o como pretexto para contar muitas histórias sobre um tempo bonito que insiste em não desabrochar nos novos.

A Beleza floresce mais bonita no outro, quando resgatamos essa sensibilidade que permite penetrar na superfície e viajar até o mais profundo, que é de onde transborda a mística que conquista o olhar. Transbordando numa roseira ou no colorau, que se tornam meios graciosos para aparecer, a Beleza impressiona nossos sentidos. Porém, como nos ensinou um homem que queria ser árvore, é preciso caminhar contra o caminho deste tempo, ou seja, em direção àquilo que vem primeiro, que ainda não chegou a ser belo como vemos pelos "olhos tecnocegos". E assim, diria Manoel de Barros, quando se volta ao primitivo, se deixa de sofrer os desencontros do mundo e se alcança o poético e o mítico, no seu estado original.



A Besta Que Subiu do Mar

John R.
Brasília/DF

Ouvi dizer que numa era de sombras e terrores uma grande *besta* traria caos a este planeta.

Ouvi dizer que ela surgiria da água e que, com o passar das eras, dominaria todas as outras formas de vida.

Foi dito que a besta possuiria uma *magia* jamais vista antes, inigualavelmente poderosa: capaz de levá-la a alturas impossíveis, a profundidas inimagináveis e até mesmo a novos e insuspeitos universos.

Disseram-me que a besta seria tão astuta quanto a serpente e tão cruel quanto o demônio.

Contudo, disseram-me também que ela não teria *consciência* de sua perversidade, que seria, num estranho paradoxo, uma *vítima de si mesma*. Tal criatura, em sua ignorância, miséria e vaziez, julgaríasse inocente dos males que traria ao mundo.

O que não me disseram é que já vivemos nos tempos da besta, e que ela já domina o mundo. O que não me contaram é que a besta, a grande besta, não chamaria a si mesma de “besta” ou mesmo de “aberração”, mas batizaria a si mesma com um espantoso e indevido nome: *homo sapiens sapiens*.



A dita cuja

Magali Guimarães

Águas Claras/DF

Expor as fraquezas ou situações vexatórias enfrentadas em algum momento de nossas vidas não é algo que fazemos com muito gosto. Alguns preferem fingir que elas não ocorreram, outros deturpam o ocorrido e fazem, literalmente, a "sua própria história", já outros, como eu, transformam em produto literário e fingem que se trata mais de fantasia que de realidade. Talvez, diria um psicanalista de carteirinha, seja um mecanismo de defesa para elaborar traumas. Terei que fazer análise para descobrir. Pois bem, exposta esta faceta controversa de nós seres humanos, vamos à situação dantesca (ou cômica), a depender do ponto de vista do leitor.

Creio que muitos concordarão com o adjetivo dantesco no exato momento em que descobrirem que a presente situação envolve um dos insetos mais asquerosos, nojentos, repugnantes e odiosos que existem na face da terra. É este mesmo que veio à sua mente, caro leitor! Trata-se do abominável inseto a que denominamos "barata". Meus adjetivos para ele também já lhes assegura a minha relação com o dito cujo [arrepios ao escrever isso... irc!].

A minha relação com ele [arrepios, arrepios e mais arrepios...] tem se resumido àquilo que alguns denominam "chilique", e creio não ser diferente de muitos que empreenderam na leitura deste texto. Tenho "baratafobia", confesso! Não, não importa se esta fobia ou este termo não existe, o que importa é o que este inseto me causa: verdadeiro asco, quiçá, pavor! Não obstante, e sem mais delongas, passemos ao ocorrido.

Numa calorosa e bela noite de sexta-feira, talvez de um sábado, pois é usualmente nestes dias que costuma baixar em mim um espírito de uma faxineira e/ou de uma decoradora/organizadora do lar. Nestes dias, os familiares já sabem que o melhor é não ficarem por perto, senão, sobra alguma tarefa para

fazerem: arrastar algum móvel, trocar algum vaso de lugar, limpar ou arrumar uma gaveta e por aí vai... Estas tarefas domésticas costumam me distrair, afastar a solidão e os maus pensamentos. Até aí, o início da noite estava tranquilo. A casa já limpa, cheirosa e com as janelas abertas para arejar, pois o calor na cidade em que morava era intenso. Eu e meu filho em casa. Ele, terminada a semana escolar, estava se distraindo com algum tipo de jogo no computador em nosso escritório. Eu, ainda fechando o dia da faxina/organização, me empreendi na tarefa de decorar uma pequena estante de metal. Dessas usadas em escritórios e bibliotecas, mas estava dando a ela outra função, como costumam incentivar os decoradores nos programas de televisão. Havia, no início do dia, a pintado de branco e, agora, já seca, dava a ela um novo detalhe colando rendas em suas bordas. Atenta à minha tarefa, estava eu na cozinha, pois era ali que ela seria utilizada. Coloquei-a numa parede entre a porta dos fundos e a outra que dava para a copa (ambas abertas). Nossa copa era ligada à sala de estar e as demais portas da casa saiam nela.

Um detalhe importante é que a nossa casa se localizava numa esquina da rua e, nessa esquina, havia uma "boca de lobo". Com o calor da região em que morávamos, não era incomum vermos o dito inseto na calçada de nossa casa, na garagem ou mesmo no paredão que dividia a nossa casa com a de nosso vizinho. Este paredão ficava ao fundo da casa, de frente para a janela e porta da cozinha. Às vezes, elas empreendiam em voos rasantes e entravam pela janela casa afora, e o chilique e o corre-corre eram certeiros! Não havia dedetização que exterminasse de vez tal abominável criatura! [Enquanto escrevo sinto algo no pé, já imaginaram o que passou pela minha cabeça, não é mesmo? Arrepios, arrepios... mas tenho que terminar a história...].

Pois bem, estava eu distraída e feliz ajeitando a estante, colocando a rendinha e experimentando objetos em cima para ver qual combinaria melhor com a nossa cozinha, de repente, senti um cheiro característico de barata no ar. Parece praga, mas quem tem medo (ou asco ou pavor) de baratas sente de longe o cheiro dessas ditas cujas. Comentei, então, com o meu filho que me era a

única companhia. Ele resmungou algo, mas sem dar muita confiança, pois estava entretido com seu jogo no computador.

Olhei ao redor e nada vi. Cheirei alguns objetos que estava manipulando e não identifiquei de onde vinha o cheiro. Deixei para lá, passados alguns minutinhos, eu envolvida na minha tarefa, senti novamente o cheiro do asqueroso inseto entrando pelas minhas narinas. Dessa vez, chamei o meu filho que, à época, tinha seus 12 anos e tinha uma visão muito melhor do que a minha, já que sou míope. O chamei principalmente no intuito de corroborar de que realmente não tinha nenhuma barata por perto, pois aquilo já estava começando a incomodar... Ele pacientemente veio dar-me o seu "suporte", olhando comigo os objetos, atrás das duas portas da cozinha, debaixo da geladeira... nada, nada... Chegamos à conclusão de que nada havia. Era apenas impressão minha...

Mas que nada! Pasmem, senhoras e senhores! Se era uma barata kafkaniana, eu não sei dizer, só sei que a dita cuja [prefiro usar este termo, como já perceberam, pois, assim, não tenho que nominar a asquerosa] estava muito mais perto do que imaginam! [Novamente arrepios e nojo só de pensar no ocorrido!] Senti, então, algo próximo à minha nuca e, obviamente, passei a mão para ver o que era. Passei a mão pelo cabelo e fui descendo-a, logo senti algo que preferi nem pegar ou olhar o que era, apenas bati a minha mão na intenção de que, o que quer que fosse, saísse de cima de mim. Vi, então, a responsável pela minha aflição: aquela enorme barata do tipo voadora caindo ao chão.

Contando assim parece que "tudo bem... tudo tranquilo...", era só matá-la e, pronto, estaria resolvida a situação! Seria essa sua reação, caro leitor, diante de tal ocorrido? É provável que a resposta seja NÃO [assim, em maiúsculas mesmo] para muitos que chegaram até aqui na leitura. A cena real foi um tanto mais tensa e, ao mesmo tempo, frenética, talvez, dramática.

Vamos à descrição mais detalhada dos fatos: enquanto passava a mão pelo cabelo – e caía na real de que a barata havia estado nas minhas costas e, naquele momento, estava no meu cabelo, o que era para mim extremamente repugnante – eu gritava desesperada; a dita cuja caía ao chão, e eu esperneava,

sacudia a cabeça e saía feito louca em direção à sala tirando a blusa e jogando-a ao chão [já que tinha o receio de que ela ainda estivesse na minha blusa, quiçá, uma outra barata]; ao mesmo tempo, meu filho saía do escritório assustado em minha direção me pedindo calma e tentando entender o ocorrido; e meu marido entrava em casa, também sem entender nada e, ainda por cima, com o seu chefe junto.

Uma cena inexplicável em que o desespero em relação ao dito inseto sobrepôs a qualquer vergonha de estar ali, descabelada e sem blusa diante de todos, inclusive, do chefe do meu marido. Só havia para mim uma saída digna, se é que se pode chamar isso de dignidade: sair de cena! O que foi feito imediatamente já que minha preocupação maior era tirar de mim o cheiro asqueroso e repugnante daquela dita cuja.

https://www.facebook.com/poesias.da.magali/



A escada da educação

Ana Carolina Machado

Belém/PA

Escola?
Ficava distante
Caminho?
Todo de barro
Estrelas?
Constante companhia
Sonhos?
Carregava no coração
Livros?
Carregava na mão
Futuro?
Era como uma escada
Degraus?
Escalava com a educação
Determinação



A Lenda da Concha d'Água

Davi Mendonça Cardoso
Cabo Frio/RJ

Havia uma menininha muito educada que morava com uma mãe doente, porquanto naquela época não chovia. A menininha, pois, saiu a procurar água segurando uma concha de lata. Ela logo avistou uma enorme fonte que tinha água limpa, mergulhou e voltou pra casa.

No caminho encontrou um cachorro com sede.

– Oh, pobre cachorrinho! – lastimou a menina. – Se eu pudesse dar um pouco de água a você sobraria muito para a minha mãe.

Então, ela colocou um pouco de água na sua mão e deu ao cachorrinho. O cachorrinho bebeu e ficou muito alegre, pois não se achava mais sequioso, para tal deu até uma cambalhota como se estivesse a dizer: "Obrigado, menininha".

Ao fazer tal bom ato, a concha já não era mais de lata, e sim uma de prata, tão bonito que esplandecia. A menina nem reparou nisso e continuou o seu caminho para casa.

Chegou a sua casa muito tarde, quando acabara de anoitecer, e bateu a porta.

– Quem está aí? – perguntou a empregada lá de dentro.

– Sou eu, a menininha Joana - falou Joana (assim era o seu nome). E a empregada abriu a porta.

Ao abrir a porta, Joana deparou-se com a consternada cena da sua mãe empalamada e sedenta na cama, que lhe dissera:

– Dê água para ela, posto que ela necessite mais de água do que eu.

A mocinha deu um pouco de água à empregada, e nisso a concha se se transmudou numa de ouro; depois, fora a vez da mãe de Joana e, após esta, a da própria menininha. Sobrou um pouco para um indivíduo que bateu a porta. Joana o atendeu e todos viram tratar-se de um forasteiro que muito se aparentava com Deus Nosso Senhor Jesus Cristo. O forasteiro, em vez de beber a água na própria concha, virou-a de ponta-cabeça, e toda a água que se encontrava na concha virou uma fonte (pois havia um buraco no chão, próximo à porta); a água, logo, começou a espirrar qual um chafariz. E todos podiam beber essa água, inclusive vocês.

Assim, eles foram felizes para sempre…

(Escrito entre 2010 e 2018, baseado n'A Lenda da Concha, conto d'O Livro das Virtudes para as Crianças, de William J. Bennett.)".

A mulher sou eu

Penelope Jones
Curitiba /PR

O que é isso, cara! Tire a mão do meu corpo, dos meus seios, não te pertenço, nem de corpo, nem de alma. Não sou um grito desesperado de socorro, sou as minhas garras afiadas mirando tua jugular saltada. A ira é tua, a frieza é minha. Sou puta de quem desejo, sou perdida para quem amo. De resto não sou teu objeto. Sou frescor da manhã, não carrego marasmo de lagoa, sou mar aberto, indo e vindo em marés que me moldam, remoldam, refazem, modificam. Estou distante dos teus verbos estáticos, das tuas notas enfadonhas, da tua perversão de achar que tenho dono, dona ou o que valha. Sou isso mesmo. Fêmea em todos os pontos cardeais. E não me entrego aos pés de quem me subjuga. Tenho tara por homens que me carreguem no colo, que me tragam ao lado, que me deixe ser tudo isso que você é incapaz de ver. Feche a boca. Não ouse me cuspir. Ando flertando com a loucura, não me custa nada dizer que não sou mais acuada, nem aquela menina escondida dentro de roupas de piá. Não preciso do teu incenso, da tua benção, da tua aprovação. Você é meu verdugo preso. Agora a carrasca sou eu. E essa mulher está saindo de dentro da mulher que esconde a mulher que sou, feito aquelas bonecas russas. Só que hoje, cara, sou a menor matrioska nesse brinquedo maluco que me revela a cada pequenez deixada de lado. A mulher sou eu.





Acerca de Desafios para Reduzir os Casos de Assédio Sexual

Nuno Marques Pereira
Guaratinguetá/SP

Há um tempo mui remoto, houve um papa com o nome de Joana – compatrícia de Margantina da Inglaterra, e prima da prima do primo do Sr. Kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk ... Pedro de Alcântara Francisco Antônio João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon – que foi mulher. Quando ela era uma pequena menina levou-a um amigo seu para a cidade grega de Atenas, capital do país, caracterizada num vestuário de barão. Lá, ela iniciou os seus estudos e tamanho aletradou que se tornou sapiente em ciências diversas, de tal maneira, que não existia aluno algum que fosse igual a ela. Depois, foi a Roma, e lá leu i de cadeira. Aletradavam-se dela notáveis magistérios e vários demasiados aprendizes, do feitio em que era mui grande o seu renome na eterna cidade de Roma. Todavia, certo dia, Joana fora eleita em congraçamento como papa (melhor dizendo, papisa); e, tornando-se papa, acabou por dormir com um parente seu e engravidou. E ela não compreendeu em quanto tempo daria à luz, e, certo dia, dirigindo-se da Igreja de São Pedro para São João de Latrão, veio-lhe as dores do parto e acabou concebendo o bebê ali no carreiro, e depois expirou; acabaram por tumularem-na ali. Ela pouco gozou de seu renome e dos panegíricos dos homens, tal qual estorvou ao papa seguinte a ignomínia que lhe foi feita. Resta hoje um manuscrito, lá na Biblioteca do Vaticano, no qual é atribuída a sua autoria; ei-lo aqui:

Uma das maneiras de praticar a violência que frequentemente aumenta no Brasil de um jeito mui alarmante é o assédio sexual, precipuamente contra os indivíduos pertencentes ao sexo feminino. É lastimável entreouvir de quando em quando a notícia acerca de um homem praticando abusivamente um assédio sexual contra uma mulher (ocorrência que, pelo móvel de infelizmente acontecer em excesso, tornou-se algo banalizado), ou vice-versa, e ver que ninguém faz algo com o fim de puni-lo. A deslumbrante formosura que as pessoas possuem

em seu corpo físico acabou se tornando e sendo visto, com o andar do tempo, como objeto.

Um desafio que necessita ser o primórdio do fim do assédio sexual é mostrar à sociedade que tal ato é pejorativo e nocivo ao indivíduo que o sofre, educando a todas as crianças e adolescentes revelando como tal crime de fato o é. Após fazê-lo, assumir uma visão civil e penal perante sua ocorrência e denunciar de verdade quando este vir a acontecer.

Crê-se que se tais medidas forem tomadas, há de ser um grande passo para o valente combate ao assédio sexual. É disso que precisamos para darmos a largada ao desafio para reduzir os casos de tal crime – e tal largada ainda não foi dada. E, para dá-la, precisa-se de um(a) presidente que tome tais medidas com o total prazer e a mais vasta aptidão (algo que, pelo jeito, demorar-nos-emos a ter pela razão de a preferência de diversos cidadãos brasílicos ser querer eleger o homófobo, machista e violento deputado Jair Bolsonaro como presidente).

Não foi em vão que José Bento Monteiro Lobato escreveu que: "infelizmente no Brasil subtrai-se; somar ninguém soma".

Ela também proferiu as seguintes palavras ao assumir o papado:

Quando há quatro anos, nesta mesma sala, foi lida a proclamação do Estado do Vaticano, ficou formulado o princípio fundamental de onde derivam todos os poderes do Estado — a soberania nacional, postergada sempre pela frase "da graça de Deus", com que as dinastias mascararam o seu poder pessoal absoluto. Reivindicaram esse princípio as revoluções de 1640, 1820, 1836, sempre desvirtuadas pelos seus mandatários. Na sua essência, a revolução do dia cinco de outubro de 1910 foi essa reivindicação, tendo como consequência imediata à fundação da República; e, para que a revolução não fracassasse quais as anteriores, deu-se ao título da República, que abrange muitas modalidades de instituições, a forma nítida, iniludível da República Democrática Parlamentar. Como esta base estável não foi suficientemente compreendida, as novas instituições sofreram diversas vicissitudes e, ultimamente, a de uma ditadura de feição imperialista absolutamente repugnante às aspirações do país.

Esquecera por completo a fundação de cinco de outubro de 1910 e, para salvá-la, deu-se o conflito violento de quatorze de Maio de 1915.

São dois momentos históricos que se completam, integrando-se em uma época nova que há de ser fecunda pelo sacrifício de um milhar de desinteressadas vítimas que cimentaram com o seu sangue ao Estado do Vaticano.

Que se segurem as mãos dos que tocaram irreverentemente na área santa das nossas liberdades. Que todo o cidadão elevado à Presidência da República se considere um magistrado, tendo por escopo o acatamento da soberania nacional

e assistindo com interesse e amor, mas sem intervenção ilegítima, ao normal funcionamento do regime democrático parlamentar.

Nenhuma função mais difícil do que manter a harmonia dos poderes do Estado, e sua mútua independência e coexistência. Feliz quem, sob a sua chefatura, conseguir alcançar esta energia que realiza a ordem como condição do progresso.

Portugal já não é um país confinado no extremo ocidente; é um elemento desta civilização heleno-latina que a Renascença incorporou no mundo moderno com vinte séculos de cultura. Vivemos nesta espécie de solidariedade humana que corrige os excessos do egoísmo humano. Um outro equilíbrio europeu tem de fundar-se, conduzindo ao estabelecimento duma paz milenária.

A política externa do Vaticano deriva completamente da sua situação geográfica; ela solidarizou-se com a Europa, quando combatia o imperialismo d'Espanha no século XVII e quando no século XIX desmoronava o imperialismo napoleônico; ela nos fará cooperar na atividade mundial dos grandes Estados com apoio no Atlântico.

Apresentando estes dois aspectos da política interna e externa do Estado vaticana, deles se depreende um plano de Governo. E, ao proferir as palavras de compromisso de honra, desta hora em diante só aspiro a que, ao regressar decentemente ao lar, se possa dizer: "Cumpriu o que prometeu; guiou-se pelo bom senso e pela imparcialidade".



Almas gêmeas

Lucas Vilela
Belo Horizonte/MG

Hoje a nossa história talvez termine de uma forma meramente trágica.
Há dez anos atrás, quando nos conhecemos, sem ainda imaginar que a vida já havia traçado decididamente nossa história, perdidamente nós nos apaixonamos.
Na época em questão, a sensação era que de tínhamos sido feitos um para o outro: a maneira como nossos olhos se encontravam eventualmente; como nossas mãos se encaixavam com perfeição ao se procurarem; a maneira como nossos lábios se descobriam a cada beijo apaixonado.
Lembro-me bem de cada detalhe, vivendo pela sensação de que nossa história esteja escrita em meu coração; posso reconta-la milhões de vezes sem deixar nenhum detalhe passar despercebido, ainda que talvez durante este ato, meus olhos se carreguem de lágrimas e a minha voz se torna suficientemente embargada para ser ouvida. Os detalhes; o íntimo; os pretextos; as conversas aleatórias; os gestos de carinho, nada disso eu poderia me esquecer, nem se eu quisesse já que eles vivem em mim; fazem parte da minha história e por certo perpetuaram comigo durante toda a minha existência.
Naquele noite, quando nos vimos a primeira vez, eu já conhecia sua voz, doce e suave ao mesmo tempo; acompanhada de uma risada encantadora. Seu sorriso que de certa forma se tornara impresso na minha mente, de maneira que mesmo ao passar de todos estes anos, me ilumina e transcende sobre minha vida. Nos momentos de dor ou dúvida procuro me perder neles e ali que eu encontro minha redenção. Lembro da camisa preta, a estampa de helicóptero, o cabelo levemente penteado para o lado. Enquanto eu me preparava para lhe encontrar, meu coração irrompia contra o peito, era como um presságio; por dentro meu coração dizia: você vai se apaixonar.
Desde o primeiro momento em que te vi, ali na minha frente, sorrindo, vindo ao meu encontro - talvez tomado de ansiedade, assim como eu - tive a breve certeza de que mesmo que minha permanência na sua vida fosse breve, algo dizia que nosso laço era eterno e uma simples separação física não seria suficiente para desfazer do amor que viria a surgir entre nós dois.

No momento em que te abracei pela primeira vez, senti um corrente de energia percorrer todo o meu corpo. Nesta ocasião a minha voz falhou, meu coração se debatia descompassadamente dentro de mim, insistindo para que eu fosse em

frente. Lembro-me de me perder na sua conversa; de como você mexia os olhos e gesticulava enquanto falava, o modo como você pausava entre as falas. A sua história sendo unida a minha pelo toque das suas palavras - que eram como música aos meus ouvidos atentos.

Soube que a recíproca era verdadeira quando na mesma porção lhe apresentei a minha versão de vida, sem muita expectativa é claro, já que eu não tinha tanto assim para contar. Não demorou muito até que demos o nosso primeiro beijo, este que selaria nossa união para sempre. Repousado em seus braços firmes, me aproximei, pensei que fosse desabar de tanto nervosismo, as pernas tremiam e eu sabia que não iria conseguir disfarçar, você percebeu, lembra?

Gentilmente você se aproximou, com todo o seu charme avassalador, o seu perfume penetrava nas minhas narinas com calma e delicadeza.

- Posso? - perguntou-me demonstrando certa ansiedade. Respondi encostando serenamente meus lábios nos seus. A principio me dediquei a sentir o sabor deles, permanecendo na mesma posição por alguns segundos: em seguida me vi perdidamente envolvido enquanto lhe beijava sem querer parar.

Desde aquele dia, nos apaixonamos de uma forma muito especial. A nossa história vinha se tornando sólida e agradável enquanto ao nosso próprio ritmo a tecíamos. Nossos momentos juntos eram perfeitos e nunca o suficiente; nossas almas ansiavam por estarem juntas e quando estávamos um do lado do outro, o amor pairava sobre as nossas cabeças. A presença do outro acalentava-nos, emanava a nossa ansiedade.

Muitos meses transcorreram-se depois disso até que o destino com suas demências inexplicáveis resolvera agir e por fim nos separar. E eu, por um lado, senti o mundo desabar debaixo dos meus pés quando rompemos, a dor chegou no meu coração com rigidez, e pela primeira vez na vida precisei enfrentar o sentimento de perda sem saber lidar com ele. Talvez se fossemos mais maduros teríamos nos reiterado de outra forma, mas isso não aconteceu.

O sofrimento viera a tona, me consumindo em demasia, algumas vezes chegava a ser sufocante, ardia dentro do peito, roubando-me o ar. Eu me sentia vazio, a sua falta por pouco faltava de destruir, seria fruto da inocência e maturidade - me perguntei diversas vezes enquanto lutava para respirar. Que amor era esse? eu me inquiria dia a dia enquanto labutava para aceitar a nossa separação precoce, já que um dia ingenuamente imaginei que ficaríamos juntos perpetuamente.

Alguns anos se passaram depois do nosso rompimento, três anos para ser exato. Durante um encontro de amigos estávamos ali, um de frente ao outro. Neste prazo tivemos alguns encontros ocasionais, porém nada que tivesse muita representação. Mas neste dia em especifico, senti uma coisa diferente de tudo. Enquanto observava você falar, por dentro uma angustia crescente me degolava. Meu coração insistia e chamava pelo seu nome. Na minha vida existia um outro rompi-

mento recente, outra dor a ser tratada enquanto eu não sabia se na sua vida já existia outra pessoa.
Talvez tenha sido alguma artimanha do destino, mas por algum motivo acabei nos seus braços outra vez, neste dia. Perdido entre as emoções; entre as dúvidas do meu coração, deixe-me levar pela breve ilusão de que a partir daquele dia teríamos uma oportunidade de resolver nossas diferenças e o nosso amor viria a superfície outra vez. Lembro-me de termos nos permitido tentar outra vez; tínhamos muito para viver juntos ainda, pensávamos.
Naquele dia, a noite, algumas horas depois de depositarmos nossas carências um no outro, antes de nos despedirmos sua voz encontrou os meus ouvidos me dizendo: acredita em nós. Me despedi com o coração triste e confuso, nãos sabendo ao certo como lidar com meus próprios devaneios, já dentro do ônibus, encostado na janela, simplesmente fechei os olhos e deixei-me levar. Nosso reencontro tivera sido tão breve, mas, por outro lado acreditei que aquilo seria só a ponta do recomeço.
Poucos dias depois, ainda tragado pelas emoções constantes daquele reencontro, vi mais uma vez o controle fugindo das nossas mãos. O destino havia agido novamente, mas dessa vez repetindo sua maldade, insistindo em nos manter separados.
Hoje, mais sete anos se passaram. Desde então vivemos vidas separadas, outros amores vieram, ciclos começaram e terminaram, mas a sua existência nunca deixara minha mente. Várias vezes, a ponto de eu não poder contar, me vi perdidamente anestesiado tentando lutar contra um amor impossível já que não havia mais a possibilidade de ficarmos juntos, andávamos em ritmos diferentes. Me perguntei se era escolha sua ou do destino.
Nesta noite eu sonhei com você; esse sonho rasgou o meu coração com força. Nesta passagem nos reencontramos, os corações queimavam de desejo dentro do peito. Nossos lábios se percorriam com amor e por um breve momento acreditei que fosse verdade, até no momento em que acordei, sozinho na minha cama e mais uma vez desolado pela sua falta.
Diante da angustia, permaneci entre minhas indagações, e por tanto prefiro acreditar que o meu destino permanece sendo lhe amar em silêncio, já bastante desacreditado que um dia possamos nos reencontrar com o coração aberto.





Anjos da Morte

Cleidirene Rosa Machado
Catalão/GO

São os anjos da morte
Se achegaram trazendo má sorte
Suor cálido, gotejando a podridão
Hálito tosco, exalando a putrefação.

Olhos nos olhos, a sublimação
Querem nossa pele, um jogo de sedução...
-Vás-te embora anjo maldito
Leva para longe, esse falar erudito.

Um dia o guerreiro da luz, aquele por vezes venerado
Um dia o grandioso anjo da luz, aquele por todos exaltado
A luminosidade que era suprema. Caiu incerta em um precipício
Aquele ser angelical se cobriu de terror em desperdício
Nasceu rabo, nasceram chifres e por Deus foi levado a um comício.

Adeus a ti, agora eu já me vou.
Esqueça meu nome, esqueça quem eu sou.
Diante do espelho a noite, olha a ti, nobre senhor.
Não entenda o porquê de nós, mas só lhe tenho horror.

Ao amor eu canto

Bruno Bastos
Salvador/BA

Eu desisto da vida, eu renego meus eus, mas tudo bem querida, a vida nem sempre é breu.
Quantos sonhos tranquilos, eu pedi a deus, mas no fim dessa vida, nada mesmo é meu...
Quantos olhos tristonhos, acalentei em meus ombros e no fim de tudo, ninguém lembrou quem era eu.
Silenciei os meus passos, deixei de me enterrar em abraços, abarquei tudo em mim e no fim deixei só, aquilo que nunca pedi.
E a tristeza minha cara, nunca mais me achou, perdida em peças raras, enterrada, na dor.
Quantos olhos eu vi? Quantas bocas beijei?
E no fim, querido, ja nem sei, quem amei.
Sonhei com peças raras e nunca jamais as vi, pedi a deus alento, atento a tudo que nunca deveria sentir.
Pedi aos teus belos olhos, que vissem o bem em mim e jamais partissem para outros, outras, pessoas e lugares, amores e verdades que o tempo jamais deixará sumir.
Te perdi e perdi a mim mesmo, sonhei com o que nunca mais vi
Pedi a deus alento, mas no fim dessa vida, apenas pedi.
Sonhei com peças raras, com locais para deitar e jamais levantar, em um mundo onde não teria você.
Me perdi em mim mesmo, sonhei com tudo que jamais senti, pedi amores ao vento e mesmo atento, jamais consegui sentir.
E no fim desta, desisti de viver, joguei tudo pro alto, pois nunca poderei ter você, fechei bem os meus olhos e a porta do coração, já não sonho mais nada, pois sei, que sonhos são em vão
O amor marcado no peito, perdido dentro de mim, amarrado e amordaçado para nunca jamais voltar a existir.



Ao amor que te dei

Maurício Régis
Camassandí/BA

Senta do lado carinhoso,
E fale calada no escutar
Do comportado trejeito alado.
Compartilha comigo e vem
Jantar em amorosidades.

Cala essa minha boca,
Que sedenta se ascende
A provocar na boca tua.

Enche o próprio peito
Que de satisfações palpita.
Acomoda-me no colo,
Cujo acalanta a alma
À derivada distração.

Retina que balbucia
A performance da paisagem
Vindoura de ti.
Haja definição!
Sob o cálice viçoso
E nítido lustroso
Ao vidro gravíssimo
Em polidez.

Ainda cansado
O meu ombro
É que aguarda te abraçar.
E do acalanto viciante,
O orgasmo vibrante fervilhar.









Arranha- céus

Karina Caputti
São Paulo/SP

Entre montanhas e arranha-céus
Morros, favelas, taperas e comunidade
Existem homens, mulheres, jovens e crianças
Sonhos, esperanças, devaneios
Vontades, desejos e medos.

A humanidade não se diferencia pela sua condição humana
A diferença está na renda, naquilo que se tem
Alguns muito mais que outros
As dores humanas são as mesmas, inerente a sua condição.

Em um mundo onde a prioridade está no dinheiro
Onde se deixa os homens alheios à própria sorte
Perante tantas condições desiguais
É impossível falar sobre direitos
Quando muitos têm seus pratos vazios.

A contradição se faz presente nos espaços de vivência
Crianças pedem nos semáforos, pessoas dormem pelas ruas
Enquanto crianças vão a Disney nas férias de verão
E adultos discutem as taxas cambiais.

A condição de existir exige busca por dignidade
As desigualdades impõe a injustiça social
A grande maioria está abaixo dos arranha-céus
Enquanto poucos apenas passam por eles....

https://www.facebook.com/karina.caputti



Arte é experiência?

Lenilson Silva
Pedras de Fogo/PB

Arte é experiência...
Seus traços são experiências
Que definem você
Suas memórias são experiências
Que eternizam grandes vivências
Você é fruto da arte!
Mesmo antes de nascer
Você não lembra,
Mas você deixou traços
Deixou experiências numa pessoa
Que essa pessoa não seja a única
Vamos deixar marcas!
Que sejam intensas em várias pessoas.



Artista do Mês

Desenho: Márcio Apoca

Campo Mourão/PR

Edgar Allan Poe

(escritor, americano)
(texto: Ana Rosenrot)

Edgar Poe – Nasceu em Boston, Massachusetts, Estados Unidos, em 19 de janeiro de 1809, filho do casal de atores Elizabeth Arnold e David Poe. Muito cedo, foi abandonado pelo pai e ficou órfão de mãe. Sozinho no mundo, o menino foi acolhido por Francis Allan e o seu marido John Allan, de Richmond, Virginia, mas nunca foi formalmente adotado; mais tarde, Poe incluiria o sobrenome Allan ao seu nome, em homenagem a mão adotiva, que também morreu bem jovem.Ele frequentou a escola primária em Baltimore, depois estudou na Inglaterra e, em seguida, na Universidade de Virgínia (EUA), por apenas um semestre.

Sempre em confronto com Francis Allan, o jovem Poe fugiu de casa e se alistou nas forças armadas, onde serviu durante dois anos antes de ser expulso de West Point por indicisplina.

Começou sua carreira literária em 1827 com a publicação de uma coleção anônima de poemas, chamada *"Tamerlane and Other Poems"*. Passou os próximos anos escrevendo prosa e trabalhando para revistas e jornais.Seu estilo único já chamava a atenção naquela época, apesar de não render muito dinheiro.

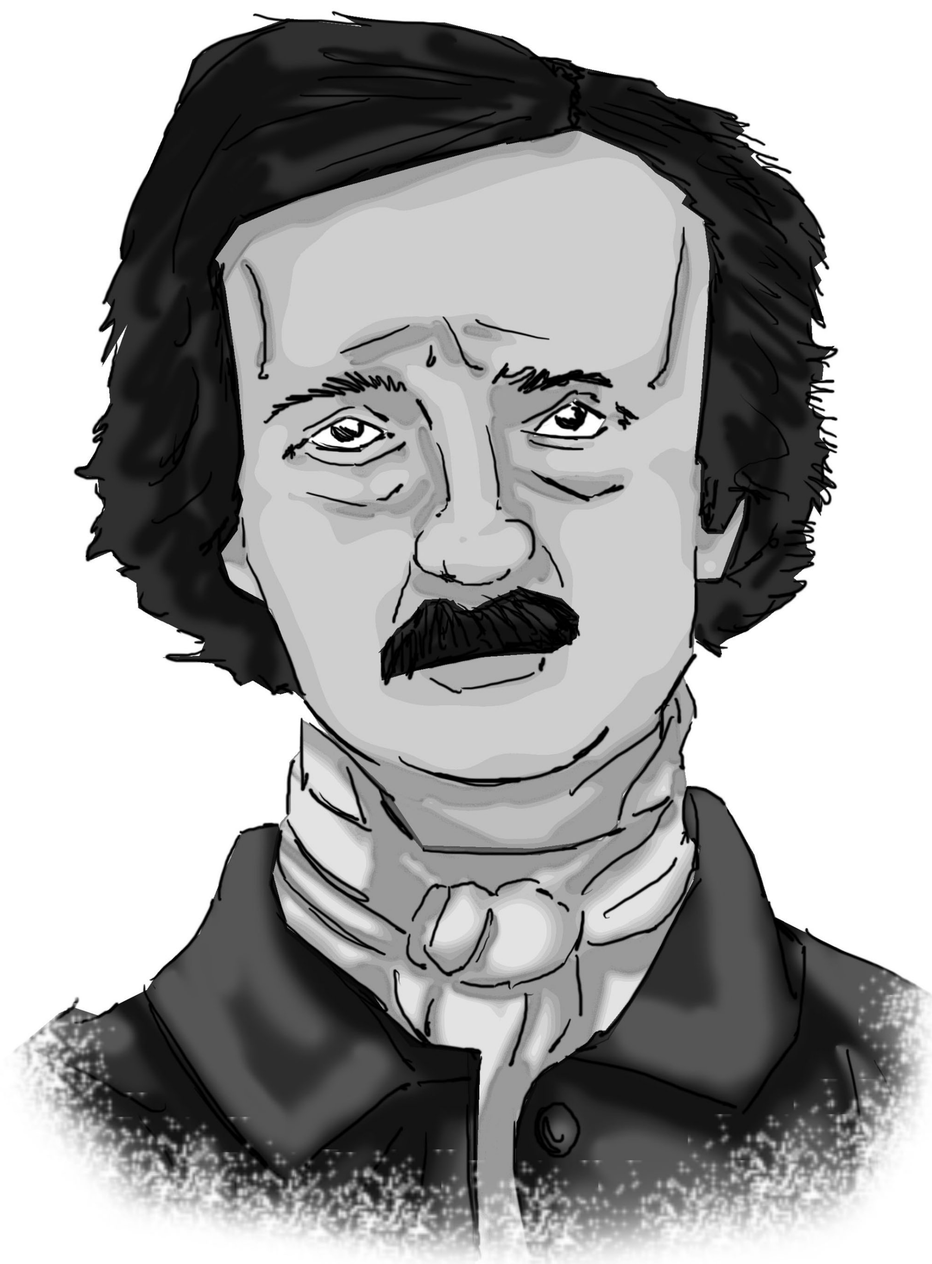
Casou-se em 1836 com sua prima Virgínia, que tinha apenas 13 anos de idade.Passou por diversas dificuldades financeiras, perdeu o emprego e também a esposa, que morreu de tuberculose.

A desilusão, as perdas e a pobreza, o fizeram se afundar na bebida, sofrendo ataques de *delirium tremens.*

No dia 3 de Outubro de 1849, foi encontrado semiconscientenas nas ruas de Baltimore, com roupas que não eram as suas, em estado de delirium tremens, e levado para o Washington College Hospital, onde veio a morrer no dia 7 de Outubro. A causa de sua morte até hoje é desconhecida, tendo sido atribuída ao álcool, congestão cerebral, drogas, tuberculose, doenças do coração, dentre outras causas.

Mas seu legado sobrevive, influenciando gerações de escritores, cineastas e artistas pelo mundo e mesmo após 210 anos de seu nascimento, sua obra continua atual e assustadora, provando ao mundo sua genialidade.

Suas principais obras foram: O Gato Preto, O Coração Delator, A Queda da casa de Usher, Annabel Lee, O Retrato Oval, Os Crimes da Rua Morgue, Berenice, O Corvo, A Máscara da Morte Rubra, etc...



https://www.facebook.com/apocastudios

Avalanche, figurinhas, Ramones e gta

Matheus Felipo

Mogi das Cruzes/SP

uma avalanche desce a montanha,
exterminando casas e hotéis a baixo.
bonito: a neve se sobressai, ocupando
um lugar novo, de modo impactante.
se não fosse uma avalanche
exterminando casas e hotéis,
não haveria espaço pra novos edifícios,
o que seria entediante. tudo á que se
renovar, não é mesmo?

coleciono figurinhas e passo os dias
organizando-as pra colar no álbum.
não há nada que faço tão bem
como organizar e colar figurinhas.
quero fazer isso pelo resto da vida.

falsifiquei o ingresso para o show
dos ramones. enquanto os fãs pagaram
uma cacetada, eu não vou gastar um tostão.
curtirei o show da mesma forma que todos:
animado e cantando as musicas junto.
muitos fãs queriam estar no meu lugar,
mas falsificar ingresso é só para os
predestinados.

jogando gta aprendi a ver
o feio ao redor de tudo, e não á
como diminui-lo. a feiura, portanto,
me é corriqueira e por isso admirável
- pelo menos agora, jogando gta.



Balada da esquecida filha de alguém

Emanuel R. Marques

Aveiro- Portugal

Concebida com pecado pelas súplicas do lodo
Criação adormecida pelas vozes do engodo,
Brilhas nas manhãs de um sol inexistente
Perdes-te nas noites em que o frio é mais ardente.

Na frágil caravela dos desaventurados
Os homens são descrentes por ventos pouco alados,
Esboças um sorriso num cigarro obediente
Bebes mais um copo e finges-te contente.

E nos teus devaneios assobias a canção:

"Olha-me nos olhos desta atroz solidão
Bebe do meu sangue e consome o meu pão,
Nunca vi as aves nas gaiolas aprender
Sente a minha cama e ensina-me a viver."

Tropeças nos insectos que não queres pisar,
Adormeces numa fábula que ninguém quis contar
E num suspiro lacrimoso que consegues esconder
Clamas pelo veneno que te possa absolver.

Loucos são aqueles que veneram o vazio
Mas sujos infelizes os seres de desolação,
Danças indecisa ao som de um assobio,
Esperas inconstante pela longínqua solução.
E se uma luz sopra num sinal
Túnel de cactos e aberrações,
Será que é o fim de todo este mal?
Mas é melhor esquecer as paixões.

www.facebook.com/emanuel.r.marques

Breve Dissertação sobre o Palavrão

Joaquim Bispo

Odivelas, Portugal

Caros circunjacentes:

A minha preleção de hoje versa o palavrão em todas as suas aceções, o qual, segundo o dicionário Houaiss, pode ser considerado em três aspetos semânticos:

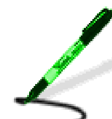
O mais popular, imediato e disseminado é o turpilóquio ou tabuísmo. Nesta forma torpe, explode, geralmente, boca afora, espontâneo e veemente, quando se é vilipendiado de maneira inopinada ou prepotente nas interações sociais. Sobrevém, amiúde, nas acrimónias do trânsito citadino, onde a peleja pelo espaço essencial do asfalto faz colidir os interesses particulares. Então, nos píncaros da exaltação, aquilo que primeiro acode aos lábios, sem se subordinar a uma triagem nas circunvoluções da racionalidade, são considerações sobre as características ou os hábitos excretais ou sexuais do pretenso agressor ou de algum membro da sua família. São expressões belicosas cuja significação pretende provocar algum constrangimento na autoestima do interlocutor acidental. Por exemplo, «Rastilho curto!», o que, como calculam, também achincalha o tamanho do autocontrolo dele.

No entanto, para atingir o adversário de maneira cruenta e implacável, o vitupério, não precisa de coincidir, morfologicamente, com um vocábulo de semântica obscena. Para tanto, a entoação deve colmatar a escassez de ignomínia. Recordo aqui a forma irretorquível como concluí uma altercação de trânsito, que deixou o meu antagonista em estupor, como touro lidado: «Ó meu caro amigo: Vodafone!»

A forma mais vulgarizada, todavia, é a de aconselhar o contendor a encetar determinada atividade, ou a deslocar-se para determinado local, diversos dos atuais, e que, na opinião do fustigador, se adequam melhor às características do enxovalhado. As notícias da política internacional são um manancial de expressões com sonoridades e construções ortográficas que sugerem conotações soezes e insultuosas. Aquando da guerra na ex-Jugoslávia, ouvi uma feirante verberar outra, nos seguintes termos: «Vai pà Bósnia, sua Herzegovina!» Se fosse agora, talvez dissesse «Vai Bachar al-Assad com Trump, sua Daexe!», o que me parece de uma gravidade inquestionável. Ninguém merece ver-se confrontado com esta alternativa.

Outro significado de "palavrão", este com alto grau de adequação, é "palavra grande e de pronúncia difícil". Quando era mancebo, pensava que o





maior palavrão da língua portuguesa era "inconstitucionalissimamente", com 27 letras. Hoje, constato que o palavrão que me enchia de orgulho era apenas um palavrinho, como pirilau de menino. O do pai chama-se Paraclorobenzilpirrolidinonetilbenzimidazol, tem 43 letras e é uma substância farmacêutica. O do vizinho africano chama-se Pneumoultramicroscopicosilicovulcanoconiótico, tem 46 letras e significa "portador de uma doença pulmonar aguda causada pela aspiração de cinzas vulcânicas".

O mundo destes palavrões é atroz. Embaraça qualquer estudante de medicina, mas, sobretudo, aterroriza o portador da doença Hipopotomonstrosesquipedaliofobia, a qual — crueldade das crueldades — é a "doença psicológica que se caracteriza pelo medo irracional de pronunciar palavras grandes ou complicadas". Imaginem o pânico do doente de ser inquirido sobre a denominação da sua própria enfermidade!

Estes vocábulos escaganifobéticos parecem-me denunciar o pérfido subterfúgio de arquitetar termos complicados, pela mera acoplagem, numa mesma palavra, de outras muito mais curtas. Por esta técnica, também posso autoqualificar-me como Homemextremamenteatraenteinteligentedivertido, epíteto de que só não faço uso por abominar redundâncias.

A terceira aceção de "palavrão" é "expressão pomposa e empolada". Não me ocorre, por ora, qualquer exemplo ilustrativo. Locuções grandiloquentes e/ou de sentido ininteligível são sempre de coartar em comunicações a grandes auditórios, ainda que académicos. Por mim, cultivo o discurso despretensioso, matizado apenas por vocábulos lhanos e percetíveis por todos.

Tenho dito!

http://vislumbresdamusa.blogspot.pt/





Bruxa

Maria Carolina Fernandes Oliveira
Pouso Alegre/MG

Na rua me querem santa,
Na cama me querem puta.
No trabalho, um nó em seus estômagos
Quando meu nome disputa
o cargo, a ideia,
a palavra.

Em segredo me pedem ajuda,
Mas em público me querem muda,
Calada, alienada, anoréxica,
bulímica, incompleta, infeliz.
Querem-me silenciosa
E nua

Mas mesmo que queiram tanto,
Tanto se frustarão,
Que viverão engasgados
Por um patriarcado rançoso
Que não sairá de suas gargantas:

Um vômito frustrado
Que no meio do caminho
foi forçado a voltar
Pois as pessoas ao redor
Teriam nojo de vê-lo.

Porque sou mulher.
E mulher é sujeito coletivo.
Porque sou luta.
E podem me querer boneca,
Mas eu quero ser bruxa.





Candidato

Luiz Roberto da Costa Júnior
Campinas/SP

para Gore Vidal

Depois daquele boato
houve um breve hiato

Não era cordato
enviar o ultimato

depois de um desacato
chegar às vias de fato

Pareceria novato
não sairia barato

Falta de tato
fazer distrato

Usar como artefato
ganhar no estelionato

Fazer gato
e sapato

fugir a jato
de pagar o pato

Não daria para ficar no anonimato
achar que rima não revelaria o ato

Não seria candidato
por ser um insensato

http://www.recantodasletras.com.br/autores/lrcostajr





Cemitério

Vadô Cabrera
Jacareí/SP

Hoje saí em busca de algumas respostas,
que dentro de mim não as encontrei.
Após longa e cansativa caminhada,
adentrei a um cemitério e procurei:

Procurei minha perdida paz interior,
Pois, carrego comigo confusos conflitos.
Encontrei o som do silêncio exterior,
Na solidão de corpos em decomposição.

Andei por jardins de flores vivas e flores mortas;
Li sobrenomes famosos em jazigos suntuosos;
Vi alas nobres separadas das alas pobres.
Senti-me um Ser vivo rodeado de tantos mortos.

Lancei perguntas ao vento.
Indaguei tantas coisas...
E a brisa fria me dizia para ter calma,
que ali seriam desvendados os segredos da alma.

Caminhei por estreitas ruas - vielas,
por túmulos desiguais...
Vi a humildade e a vaidade, lado a lado,
de mãos dadas, porém, duas rivais.

Lembrei-me das palavras do velho poeta:





"Quem não se iguala na Vida, se iguala na Morte".
E segui tropeçando em tocos de velas brancas
E cacos de imagens de gesso multicores.

Vislumbro uma pequenina flor que insiste em nascer.
Irrompeu pela trinca do concreto e mostrou sua singela beleza.
Resistindo às intempéries do Tempo, a trôpegos pés
e às hábeis mãos do homem que cuida da limpeza.

Sigo a esmo, por frondosas árvores frutíferas e floridos ipês.
Ainda sem encontrar minhas respostas, paro sob uma sombra fresca.
Pássaros insistem em quebrar o silêncio, trinando canções fúnebres.
Continuo perdido em pensamentos...

Sento-me num velho e empoeirado banco de cimento.
Penso na Vida, penso na Morte: filhas do mesmo Pai.
Penso no momento presente, que é o Meio, pois:
A Vida é o Princípio e a Morte é o Fim.

De repente sinto-me leve, tão leve...
Então, saio do cemitério aliviado.
Ali compreendi o significado,
Do meu 'eu' a longo tempo aprisionado.

Ali entendi que a Morte é o ponto de partida,
para uma nova e redentora Vida, pois,
o Espírito...Ah, este é eterno!
Habitará novos corpos, na sua jornada incontida.





Cenário da Morte

Letícia de Menezes Mariano

São Leopoldo/RS

A lua se ergue
entre as pedras...
O céu azul escuro parece
um cenário perfeito...
Para o lobo que uiva,
Para lhe avisar
O final de sua vida...



Cessar-fogo

Conceição Maciel

Capanema/PA

No escuro da noite deitou no chão frio
O corpo trêmulo e desprotegido deitado no cárcere que há pouco era seu lar
Na cegueira do medo suava nervoso molhando sua roupa.

Por entre os pobres móveis, sombras se esgueiram
Assombrando surda e anonimamente
Imitando filmes em que heróis e bandidos
Confrontam-se na luta diária entre o bem e o mal.

Ouve gritos abafados por entre as tábuas envelhecidas
Lá fora há corre-corre e o transpirar de odores
Murmúrios disfarçados chegam aos seus ouvidos
E os cães latem insistentes incomodando os "donos" da noite.

Seu corpo rígido de pavor, pinga suor e os sons horripilantes das balas
Ecoam em seus ouvidos abalados pelo medo
Não há mais sonhos a serem sonhados,
Por que se os olhos fecharem, talvez não se abram jamais.

Os sentimentos se isolam e já não há mais comunhão
Há apenas sonhos destruídos e esperanças em pedaços.

Até as lágrimas cessaram, mas os soluços teimam em vir
Como um protesto tardio e nulo na escuridão de dias ensolarados
Em que o Sol, indiferente se apresenta ignorando a guerra entre os seres.

E o cessar-fogo... Que nunca cessa.

https://www.facebook.com/conceicao.maciel.14

Com a janela aberta

Bruno Candéas

Recife/PE

a vida é mais bonita
no meio da pista

meus grandes planos
estão queimando

meus bons amigos
foragidos

a vida é mais completa
com a janela aberta

meus voos insanos
estão pousando

meus bons ruídos
constrangidos

do livro Teatrauma, 2018

https://www.facebook.com/profile.php?id=100009145923397







Comunicamos o falecimento de Bruno

Reinaldo da Silva Fernandes
Brumadinho /MG

– Uoooommm!!!!

Eram 7:45 e, portanto, alguma coisa estava errada naquele sinal. Mas a galera da 331 comemorou:

– Oba! Aula menor hoje!

O professor resolveu, então, dar uma lição de moral:

– Vocês estão comemorando. Mas vocês sabem por que as aulas são menores hoje?

Não. Ninguém sabia.

Ele fita um cartaz no fundo da sala: "12 DE OUTUBRO - DIA DA CRIANÇA". Um minuto de silêncio. Depois, diz:

– Bruno morreu.

Igreja Batista do Tirol. Bruno está deitado lá na frente, perto do altar. O cordeiro de Deus foi imolado.

O salão está cheio. Está por ali um grupo de professores da escola - nem todos pois uns são ausentes até na hora da morte -, vizinhos, amigos e muitos alunos.

Vejo Eduardo. Um capeta que ninguém aguenta na sala de aula. No entanto, Eduardo, nos seus 11 anos, agora está quieto. Seus olhos cheios de

lágrimas. Como os de Douglas, um outro "capeta", me ensinam que anjos e demônios moram juntos.

Bruno está no altar. Tão quieto! Logo ele, agitado, com tanta energia.

Rodrigo, 15 anos, o mais velho, age como se o morto não fosse seu irmão: conversa aqui e ali, não chora, mostra o "Diário da Tarde" aos coleguinhas. Estranho: parece sentir orgulho em saber que o jornal fala de seu irmão.

Silêncio. Reflexões. Talvez medo da morte. Que entra sem pedir licença, toda cheia de si, poderosa!

Um choro quebra o silêncio. Choro alto, desesperado. Rodrigo vai lá, na entrada da igreja, abraça a mãe e vem com ela, protetor feito gente grande.

E Bruno ri. Vai ver que é porque uma coleguinha lhe tocou a mão, costume dos Batista.

– Ele parou de estudar para trabalhar... pra me ajudar!, soluça a mãe. O homem foi lá em casa, falou que tomava conta dele, eu não queria. Ele quis ir... pra me ajudar. Falou: "Ano que vem eu volto a estudar, mãe!"

Observo a dor da mãe. Desgraça de vida, penso. E não consigo evitar algumas lágrimas.

– O homem falou que tomava conta dele, que ele ia só trabalhar, que ninguém ia nadar. Ele nem foi lá, deixou os meninos sozinhos... foi pra me ajudar que ele foi, gente! Meu menino...

Bruno não ouve os lamentos da mãe. O guri, ali no altar, está orgulhoso de si mesmo. Missão cumprida: não fez como o padrasto, abandonando a mãe. Não! Bruno foi vender sua água mineral. Sua, não! Do homem para quem foi trabalhar.

– Ele falou que tomava conta dele, gente! Ele prometeu pra mim, gente!

O pastor ajeita a coroa de flores. "Eternas saudades", se lê.

– Aonde foi?

– Na Várzea das Flores, explica Rodrigo, mostrando a manchete: "LAGOA ENGOLE MENINO".

– A sala-de-aula não cabia ele. Nem o pátio da escola. Só a lagoa foi o seu lugar... filosofa a professora Beatriz.

– É a cara do Brasil, comenta a diretora Lúcia Ferreira.

Ora! Bruno só foi vender sua água mineral. Mas fazia tanto calor...



Conviver é Preciso

Mônica da Silva Costa

Jacarezinho/PR

Todo e qualquer ser humano que se diz independente
é apenas iludido no meio de tanta gente!
Nesta vida, ninguém nasce, cresce, vive ou morre só -
dependemos um do outro até que viremos pó!

Complicado é entender o mistério de gostar -
por que amamos tanto uns para outros odiar.
Para nós, é muito fácil amar, pois, nossos amigos.
O difícil é aceitar, conviver com inimigos.

Gostar de gente do bem é mais do que natural -
e o que devemos fazer com quem nos deseja o mal?
Nem sempre será possível se afastar, tomar distância -
é preciso conviver, praticando a tolerância.

Como vamos criticar se também temos defeitos?
Não podemos exigir, já que não somos perfeitos.
A imperfeição humana está em todos os lugares -
basta se afastar um pouco e respirar outros ares...

O ser humano é gregário, não pode viver sozinho -
precisa compartilhar, dar e receber carinho.
Não são obras do acaso todos os que conhecemos –
é uma ação do Universo para que nos transformemos...



Definha, o pobre.

Gabriel Alencar
Boa Vista/RR

Dia 2.

Eu olho pra ele com carinho. Meu sorriso não está apenas nos meus lábios, está nos meus olhos. Oh! Como eu deveria ter apreciado melhor cada momento em que estive perto dele. Momentos preciosos que não voltam mais…

Dia 4.

Infelizmente vejo o começo do fim, eu já sei o que vai acontecer, eles já me disseram. Limito-me a tentar aproveitar o pouco tempo que nos resta da melhor forma possível.

Dia 5.

Hoje foi um dia difícil pra ele, percebo que foi muito afetado, não está mais o mesmo de apenas há três dias. Eu tento descontrair, mas ele não tem mais condições de ficar saindo. Prefere ficar em casa, aproveitar a tranquilidade, as coisas simples da vida.

Dia 7.

Definha, o pobre. Mas eu olho pra trás e vejo que ele fez tudo que deveria ter feito. É, pra isso eu tenho que tirar o chapéu: ele deu conta do recado. Propunha-se a fazer algo? Cumpria. Fazia planos? Executava-os (na medida do possível, claro). Ele deveria se orgulhar do tanto que conseguiu fazer (e quanta coisa foi!), mesmo em sua condição.

Dia 10.

Hoje é o dia derradeiro. Oh! Mas foi tão rápido! Que triste agonia! A partir de hoje ele terá apenas uma sobrevida… Eu o contemplo num misto de orgulhosa e

pesarosa. Eu queria muito, muito (ah! Como eu queria!) passar mais tempo com ele. Mas este é o grande destino da vida: o fim. Quem sou eu para alterar a fatalidade? Como poderia eu alterar o curso natural de tudo o que existe nesta terra? Agora as lágrimas querem me visitar, mas não quero chorar…. Devo contentar-me com o fato acontecido, devo aprender com o que passou para construir algo melhor no meu futuro. No fundo, eu sei que depende de mim. Mas… as vezes é tão difícil. Tão complicado, tão… tão… Ai… não sei direito, será que no fundo depende mesmo de mim? Será que sou capaz de (nem que seja) influenciar (pelo menos um pouco) este curso de eventos para que este fim não seja tão cruel, tão fatal… Ah! Algo me diz que é possível sim… Mas agora não há mais o que ser feito, terei que esperar uma nova oportunidade… Sim, porque sei que novas oportunidades virão, sei que, quando elas então chegarem, eu estarei pronta para mudar o que for possível e mudar o rumo das coisas (será?). Sim… Mas… Por hoje, só me resta entristecer-me, em vê-lo quase acabado, quase destituído de tudo o que era, sim, a terrível sobrevida que ele terá que viver daqui pra frente. Não quero soar pesarosa demais, nem tão melodramática, então, digo-te as simples palavras que me vêm ao coração:

Adeus, salário.

https://escritoraoacaso.blogspot.com.br/



Desabrigo

Ilza Carla Reis
Euclides da Cunha/BA

Sinto frio!
Muito frio!

Tenho apenas o chão gélido
por aconchego

O cobertor que me envolve
encolheu

Agora, apenas esconde minhas dores
e acoberta-me do breu

Os meus pés, descobertos,
sentem frio
muito frio!

Quero um país pra me cobrir...
Quero uma nação pra me aquecer...

https://www.instagram.com/ilzacarlareis/
https://www.facebook.com/Ilzacarlareis



Diatribe de Doçaina

Wagner Azevedo Pereira
Rio de Janeiro

Deveríamos dizer
Doze de duzentos discursos diretos
Debalde! Difícil demais...
Durante dias dois... diariamente.
Devagar...
Daí durar duma decoração...
Dignemo-nos!
Dediquemos daquele dedilhado dum dó debuxo dipodíaco direcionado dodecafônico
Do decoro
Da decência decorativa decomposta decorrente dourada
Duplicando decurso
Decumbente
Disposto
Disputando
Dessedentando
Dessentido dotal
Dessepultando
Debulhando
Dimanando
Domando
Desassossegando desatado desassustado
Desbordante
Difluente
Dimensionalmente digno
Dileto
Donaire
Desavergonhado dionisíaco
Desavexado
Desbloqueado
Debochado
Desabrochado
Desbocado
Divergindo docemente
Diacrônico
Durativo
Diferentemente d'outros...



Dissecar palavras

Tatá Scaroni

São Paulo/SP

eu tenho mania
de dissecar palavras
sento à mesa
ponho o óculos
afio e firmo a pena

pronta.

a primeira
infla no peito
salta na boca
C O R A Ç Ã O

cravo a ponta-bisturi
na vontade de rasgar
o que me é vital

começo no C,
a curva que se fecha em punho
encontro o O em ciclo
R corta reto e firme a camada que vem

chego no A,
no meio
que se avermelha
pelo medo de ser partido

coração em duas partes
vira cliché

o C se apressa
e deixa um rastro
de sangue
na veia pulsante

A surge gigante
e abre a boca na vontade
de engolir o mundo
que pensa carregar

enfim a última proteção:
O fino e suave
que acaba no centro
oco e vazio

o amor não mora no coração

www.surubadeum.com
https://www.facebook.com/tais.scaroni



Dor Dormente

Leandro Emanuel Pereira
Portugal

Entretenho a dor;
Deixo-a fluir;
Engano o seu esplendor;
Faço-a cair...

Penso em ti;
Recordo o teu olhar;
Não estás aqui;
Para me amar...

Vida vazia;
De ornamento simplista;
Cordial utopia;
Não há quem te resista...

A tua luz;
Cega o medo;
Algo que seduz;
Constrói o nosso enredo...



É Natal!

Edweine Loureiro

Saitama – Japão

Com fome,
Jesus, o homem,
caminha a esmo.

Está cansado…
Está enfermo…

Mas ninguém se importa:
E há até quem o trate mal,
fechando-lhe as portas
numa noite de Natal.

Não longe dali,
um Jesus menino
chora, sozinho,
pelo destino
de Jesus, o homem,
que caminha,
com fome,
sem saber aonde ir…

https://www.facebook.com/edweine.loureiro





Em Nome da Ciência

Fernanda Caleffi Barbetta
São Bernardo do Campo/SP

Eu sempre fui a favor dos experimentos práticos. E foi graças a esse meu quê de cientista que eu resolvi testar nosso amor cientificamente.

Fiz do lavabo um laboratório. Uma espécie de "lavaboratório". Ela me olhou desconfiada, fez algumas perguntas e me seguiu durante os primeiros cinco minutos, certamente com receio de que eu quebrasse alguma coisa. Eu disse apenas que estava fazendo um experimento e que arrumaria tudo quando terminasse. Ela aceitou, ainda desconfiada.

Fui até a cozinha, peguei uma peneira, daquelas de lavar arroz, coloquei luvas de borracha, avental branco até o joelho, fechei a porta do lavabo e desliguei o celular para que nada me atrapalhasse. Então, peguei nosso amor com todo o cuidado e o coloquei na peneira. Eu precisava saber o que de sólido havia naquela relação.

Imediatamente, um líquido espesso começou a escoar, passando livremente pelos orifícios do utensílio de plástico. E escoou por dez dias. Dez intermináveis dias. Interditei o lavabo e fiquei observando..

Não demorou muito para que ela suspeitasse de que algo havia dado errado. Eu também não tinha imaginado que demoraria tanto. Quase interferi nos resultados finais ao cogitar vasculhar a peneira ou dar algumas batidinhas repetidas na pia para tentar acelerar o escoamento. Mas meu lado cientista me impediu.Eu precisava ter paciência para saber se nosso amor tinha algo de consistente.

No terceiro dia ela exigiu seu lavabo de volta, embora o usássemos com uma frequência quase anual. Com jeitinho, pedi que confiasse no meu experimento e disse que deixaria a porta entreaberta para que ela pudesse espiar. Mas mantive os detalhes sobre o experimento em sigilo.

Ela até apareceu no começo, colocando apenas a cabeça para dentro do pequeno banheiro, franzindo as sobrancelhas e fazendo as mesmas perguntas sem resposta.Logo desistiu.
Mas eu não desisti. E eu continuei observando. Dia após dia, num misto de curiosidade, ansiedade e aflição. Ela já nem me perguntava mais sobre minhas incursões diárias ao "lavaboratório", não espiava mais pela porta entreaberta e estava cada vez mais distante. Ah, as mulheres.
No décimo dia, a última gota gosmenta escorreu, e eu pude ver o fundo da peneira. Não havia restado nada. Nem um grãozinho para uma análise mais aprofundada. Constatei que havia despejado tudo pelo ralo.
Deixei o lavabo, pensativo. Procurei por ela pela casa toda, mas ela não estava mais lá.E não voltou mais.
Angustiado, redigi um artigo e enviei para vários sites e revistas científicos. Precisava publicar os resultados obtidos com minha pesquisa inédita.
Apesar de não ter chegado a uma conclusão precisa e definitiva, elaborei duas hipóteses. A ciência tem dessas coisas mesmo, tudo são teorias e hipóteses. E eu formulei as minhas.
A primeira era difícil de aceitar e até um pouco constrangedora. Declarava que o objeto de estudo não possuía componentes sólidos. Confesso que, apesar de relutante em admitir tal teoria, o sumiço dela me parecia uma prova bastante contundente. A outra hipótese, mais aceitável, era a de que o amor possui uma consistência leitosa.
Ao final do artigo, coloquei uma observação em negrito: "sugiro que nas próximas análises um recipiente seja colocado embaixo da peneira durante o escoamento".

https://fernandacaleffibarbetta.blogspot.com/



Entrevista com o demônio

Ricardo Ryo Goto
São Paulo/SP

"O espírito de satanismo é qualidade consequente de rebeldia espiritual, de teimosia sistemática, contrária aos princípios superiores da angelitude."
- Mensagens do astral- Ramatis

Muitas religiões e doutrinas afirmam categoricamente que o Mal não existe, e sim a ausência do Bem. Usam a metáfora da luz, para dizer que a escuridão não passa de sua ausência.

Partindo do pressuposto que o Mal efetivamente não existe, não há pessoas más, e sim pessoas ignorantes, mal-esclarecidas, pouco evoluídas, com baixo nível de consciência ou coisa semelhante. Ou seja, não existe o diabo, a encarnação do Mal.

Se levarmos em conta que o conhecimento científico, objetivo, racional, é um ideal a ser alcançado pela humanidade, quanto maior o nível alcançado, menos ignoraremos a respeito da vida e do universo, mais distantes estaremos de praticar o Mal, ou, por outro lado, mais perto de praticarmos tão somente o Bem.

Outro dia, numa sessão de trabalho no centro espírita onde atuo como doutrinador, manifestou-se um espírito:

-Boa noite, doutor.

-Boa noite – respondi.

-Há quanto tempo não nos vemos...

Trabalhando naquela casa, havia dialogado com diversos espíritos, não me era fácil distinguir um de outro...

-Pode nos dizer seu nome ?

-Não importa, pode me chamar pelo nome que quiser.

Acostumado a editar livros psicografados por nossos médiuns, adotamos por hábito trocar os nomes dos espíritos comunicantes nas publicações.

-Muito bem, meu irmão, posso me dirigir a você como Antônio ?

-Claro, doutor. Já fomos, de fato, irmãos.

Puxei ao máximo pela memória atual, onde guardo algumas informações ditadas pelo meu guia a respeito de outras encarnações.

-Irmãos de sangue ?

-Não, de corporação. Por várias vezes nos irmanamos em instituições ao longo da história.

-Padres da Igreja católica ?

-Antes disso, como nobres da corte francesa, participamos de várias cruzadas à Terra Santa. Depois, nos tornamos hábeis inquisidores de Tomás de Torquemada.

Lembrei-me de relatos de meu guia dizendo que eu havia participado de terríveis episódios de opressão, intolerância e crueldade, e que, nas encarnações posteriores havia me decidido a compensar minhas faltas, ajudando, com trabalho humanitário, espíritos que eu havia prejudicado.

Lembrei-me vagamente de um antigo colega, cujo nome era outro.

-Sim, Antônio,você deve ter se arrependido das atrocidades que praticamos e, por isso, tem se dedicado a trabalhar para resgatar seu carma...

-Engano seu, doutor – disse contrariado.

-Como assim ?

-Há séculos não reencarno. Depois dessa última experiência a serviço do Santo Ofício mantive-me na Erraticidade, estudando e aprendendo, conversando com espíritos ilustrados, como o senhor.

Para mim, a vida corpórea é a lição mais importante que nós, espíritos em evolução, devemos estudar, a fim de ressarcir débitos, apaziguar desafetos, reforçar laços de amizade.

-Não sente necessidade de voltar à vida corpórea ?

-De forma alguma. O conhecimento que angariei tem sido suficiente para chegar à conclusão de que a vida não tem sentido.

-Qual o argumento ?

-O doutor conhece a teoria do Big Bang ?

-Sim, aquela que afirma que há 13 bilhões de anos, numa explosão o universo foi criado, e, a partir daí, se mantém em expansão.

-Correto. Depois desse instante primordial, os astros foram se formando, a vida foi sendo criada, o espírito foi animando os hominídeos e aqui estamos, após centenas de reencarnações.

-E graças a isso vamos evoluindo e nos aperfeiçoando até o estágio de espíritos de luz.

-Já ouviu falar de Big Crunch ?

-Também. Diz que, em função do aumento da atração gravitacional, o universo vai se comprimir e se colapsar. Por que ?

-Se Deus está em atividade desde toda a eternidade, por que teria criado o universo há 13 bilhões de anos ? O que estaria fazendo antes disso ?

Lembrei-me de Santo Agostinho:

-Estava planejando o Inferno, onde iria colocar todos os que fizessem

perguntas desse tipo.

-Não, Deus tem criado e destruído o universo usando o Big Bang e o Big Crunch desde sempre. Nós só temos conhecimento dessa história de 13 bilhões de anos porque somos frutos dessa "geração" atual.

-Quer dizer que somente espíritos mais antigos vão se recordar dos outros ciclos de Big Bang-Big Crunch?

-Não. Não existem esses espíritos. Ao atingir o Big Crunch, toda a espiritualidade desaparece com o universo. Tudo começa novamente. É o universo se reencarnando.

-Isso me parece sem sentido.

-Pois é. Mas é a única solução para que nenhum espírito se iguale a Deus.

Fiquei surpreso. Nunca havia pensado em algo parecido.

-Isso mesmo doutor. Para que a evolução do espírito tenha alguma lógica, a vida buscando a perfeição se torna ilógica. Imagine a alguns bilhões de anos, quando ocorrer o Big Crunch, quantos espíritos ainda estarão nos níveis de evolução inicial e serão destruídos para que um novo Big Bang tenha início ?

-Por que, Antônio, você se deu ao trabalho de vir até aqui para nos dizer isso ?

-É que vejo seu esforço imenso aqui no centro em ajudar, aprender, melhorar, desprezando horas que poderia usufruir se divertindo, descansando e relaxando. Faço isso para evitar que vocês, envaidecidos por essa pretensa missão a que se veem imbuídos se decepcionem.

-É por isso que desistiu de reencarnar ?

-Sim. Estou esperando pacientemente o próximo Big Crunch.

Antônio se afastou, deixando o médium um pouco atordoado.

Depois de finda a sessão, retornei para casa, meditando no tema conversado naquela noite.

Antes de dormir, fiz minhas orações como é praxe, pedindo um sono tranquilo.

Durante o sonho, vi-me num deserto, como se fosse o próprio Cristo. À minha frente, o sorriso irônico de Antônio, tentando-me com suas ofertas de poder e riqueza.



Espelhado

David Leite

Jandira/SP

Uma pequena choupana, solitária, em um acampado verdejado.

Mais próximo

Na janela, de folhas abertas lado a lado, tremulava a cortina para o lado de fora, dançando com o vento.

Mais próximo

De dentro se via a penteadeira, com um grande espelho com moldura de madeira.

Mais próximo

Sobre a penteadeira, uma caixa de música. Finamente trabalhada, com filigranas douradas, gemas cintilantes, tão suntuosas quanto deveriam ser os tesouros ali guardados. E sobre o tampo espelhado, girava, em harmonia à melodia mecânica, a pequena bailarina perolada. Nas lantejoulas em seu tutu refletiam as luzes do sol, rebrilhavam nos espelhos e geravam miríades de lumes em todo o ambiente, como fogos de artifício.

Apreciando aquele resplendor hipnótico, o pequeno rato esquecera-se do queijo, do gato, do dono do gato e todo o motivo de sua excursão fora de sua toca. O caleidoscópio de luzes, a melodia de sineta de cristal, o bailar suave da boneca, tudo era mais importante que sua fome no momento. Exceto, talvez, a sugestão de perigo que dois brilhos esverdeados e paralelos lhe suscitaram ao se

projetarem no espelho, Os olhos do gato, alheio a tudo senão sua caça, o miravam tanto quanto o pequeno rato o fez com a bailarina, mas sem a perplexidade contemplativa da beleza e sim com o impulso de caçador.

Um salto do gato quase pôs fim ao pequeno roedor, se este não tivesse saltado antes. Sobre a corda da caixa de música, o camundongo começa a correr, desesperado em escapar de sua nêmese. O girar da corda invertido pelo correr, inverte a música, agora estalada e tronca, o bailar suave muda de direção, alquebrado, arrastada, quase derrubando a pequena boneca. O cintilo suave dos brilhantes agora toma um segundo sentido, virando um vórtice fulgente. O gato, antes resoluto, começa a se afastar, encrespando os pelos diante daquilo.

Mais longe

As cortinas na janela são sopradas para dentro, numa lufada de vento. As janelas se fecham com o mesmo sopro

Mais longe

Uma pequena choupana num acampado, sendo iluminada pela alvorada.



Fodam-se os Pandas!

Vitor Luiz Leite

Rio de Janeiro/RJ

O pobre não tem tempo pra se importar com o buraco na camada de ozônio ou a extinção do urso panda: o egoísmo é a única arma e proteção que ele tem. Ele sabe que o sol logo vai nascer e mais um dia, enchendo o rabo de um burocrata engravatado com dinheiro, vai jogar areia de gato nos seus olhos.
Pode sentir isso na fumaça do cigarro enquanto espera o trem na plataforma molhada. Facilmente consegue perceber no calor do copo de plástico que aquece sua mão. As pupilas ainda dilatam enquanto desce queimando ao que o dia começa. Fodam-se os pandas e a luta de classes; é preciso segurar o emprego ao menos até outubro, quando os gêmeos fazem seis. Melhor então que seja até janeiro; a ceia de natal ainda nem foi comprada.

Todo grito de união e brado ao coletivo é apenas um fetiche burguês pelego. Os ricos podem se preocupar com o futuro do planeta. Eu apenas espero que as compras no mercado não ultrapassem os duzentos reais; mas sempre passam. Fodam-se os pandas! Deixem que os artistas se preocupem em educar as gerações: Quem precisa de médicos e engenheiros quando se tem uma geração inteira de universitários descerebrados psicóticos, que alimentam suas depressões e complexos sob a luz dos holofotes midiáticos? O que pode dar errado num mundo onde todos querem ser bobos da corte? Fodam-se os ursos pandas... e os golfinhos... e toda criatura bela o suficiente para despertar qualquer empatia ou amor nos podres corações disformes e lamacentos que compramos à prestação.

Vivemos a pior geração de que se tem notícia! Somos o chorume na lata de lixo da história humana! Somos o refluxo do tempo agonizando sob um muro sem alicerces, rezando para que a chuva o derrube de uma vez e esmague nossas cabeças! Somos os colonos que cultivam o solo seco e quebradiço nessa esquina da realidade em nossas consciências; uma bela lavoura de pesadelos frescos!

A produção em massa de líquido amniótico engarrafado. As caixas empilhadas de fetiches retóricos. Somos os batizados no charco, na lama, os que saciam a sede nas poças e se banham no suor de febris operários fabris. Fodam-se os pandas!

Os retratos e monumentos já não mais nos esperam. As fotografias amarelaram e os vestidos de noivas foram consumidos pelas traças. Carcaças

ainda queimam após a combustão espontânea nos bancos das igrejas. Rios ainda correm e secam ao coagularem. Os óvulos inférteis ainda subsistem graças às máquinas pneumáticas que marcam códigos de barras nas testas dos recém-nascidos.

Fodam-se os pandas... e os veganos. Os liberais e os socialistas. Os direitistas e os esquerdistas. Os -istas e os -ismos. Não me convide para qualquer coletivo. Eu não segurarei seus cartazes. Eu não gritarei suas palavras de ordem. Eu não me ajoelho ante a sua liberdade imposta; a pior forma de escravidão que existe!

Fodam-se os pandas! A era de remelentos adultos com cheiro de leite. Anestesiados pelos aplausos descontrolados dos babuínos nus que mostram sua felicidade atirando fezes uns nos outros. O império dos suicidas sem coragem. Não existe sujeito mais nocivo que o idiota acadêmico cheio de boas intenções. As ideias com cheiro de naftalina. As prostitutas com diplomas nas paredes são as mais sujas e doentes que existem. Ombreiras e pastas! Currículos e autofagia literária! Ditadores de bermudas, chinelos e pupilas dilatadas. Fodam-se os pandas!

O sangue no prato e o bicho morto sendo mastigado é a única coisa real no planeta hipocrisia. Quero entupir minhas artérias com a maior quantidade de gordura possível; que saia pelos poros e besunte a pele esticada e rechonchuda.
Quero serrar meus membros diabéticos pelo açúcar em meu sangue. Quero soltar fumaça de cigarro na cara do juiz quando ele me disser sobre a multa por fumar na calçada do prédio. Quero atropelar um advogado com uma escavadeira, deixando apenas sua gravata de seda incólume na minha maçaneta. Quero entrar atirando numa repartição pública. Quero onerar o estado. Quero que gastem com a cadeira elétrica e com as assinaturas na papelada. Quero que o meu dinheiro me seja devolvido em duas putas loiras, uma garrafa de uísque e alguns charutos de qualidade duvidosa. Fodam-se os pandas!

Tudo se torna cinza ao passo que o dia começa na plataforma molhada. O cheiro de gente suando às seis da manhã. Os juros que me fazem xingar ao abrir a correspondência. O preço das porcarias que intoxicam o meu organismo.
Somos a pior geração que já existiu! A geração dos ursos pandas! A geração dos ovos de tartaruga! A geração da liberdade escravocrata auto imposta! Não fale!
Não pergunte! Não aponte o dedo! Siga sua vida como o gado no matadouro.

O cheiro da grama molhada vale a pena. O sorriso no rosto do guri. Fodam-se os pandas! E os desabrigados. Os violados. Os presos. A diversidade;
eu odeio todos igualmente, não há privilegiados quando o assunto é desprezo. Foda-se o glúten. O carboidrato. O colesterol. As geleiras. As florestas. As revoluções e os patifes que as lideram. Aos leões os homens com boas ideias!

A tinta nas paredes já há muito desbotou. O piso solto já nos corta os pés quando andamos rápido. É só silêncio. Silêncio histérico e inerte. Silêncio sem cheiro... ou cor... ou sabor... apenas silêncio. Como nunca antes se viu. Nem o ar mais parece existir, mesmo que ainda se respire. Ou não... Quem se importa?
Silêncio! Silêncio, maldito capataz de terno e gravata! Silêncio, sujeitinho de lenço no pescoço sob a barba! A porta ainda estava aberta quando eu aqui entrei. Mas eu a fechei e joguei a chave fora. E coloquei no caminho esses barris de ferro onde escondi minha individualidade.

E quando por mais uma vez nós olhamos pela janela, o café, o cigarro, as contas e os problemas nos fazem sorrir.... antes e depois de chorar; é a única coisa verdadeiramente real... e pela a qual vale a pena morrer heroicamente. Fodam-se os pandas! O homem comum. O homem iletrado. O analfabeto operador de máquinas pesadas. O velho com nicotina nos dedos. Aquele que conta as moedas para uma segunda e última cerveja e sua senhora, que por mais última vez antes de dormir, reza seu terço quebradiço ajoelhada frente a cama; os verdadeiros protagonistas do mundo são sujeitos invisíveis.

Que não recebem bom dia dos homens com soluções ou aceitam cigarros das mãos que os criaram; as mesmas mãos ensanguentadas que sorriem e exigem que você grite por liberdade.

Fodam-se os pandas!

Nada mais importa enquanto caminhamos cantando rumo ao abismo da coletividade.

Nada mais faz sentido quando nos tornamos essa massa amorfa e fétida chamada sociedade.



Futuro abiótico

J. Marcos B.
São Vicente/SP

CONCEPÇÃO

Algures na terra, sob uma linda noite de luar dois velhos amigos, Justino e Ascaneo, conversam antes de se deitarem para dormir.

- Há cerca de 13,7 bilhões de anos atrás surgi o *big bang* e assim surgiu o universo. Mas só há 4,6 bilhões de anos é que surge o planeta terra. Há mais ou menos 150 mil anos surge o homem e logo se torna *Erectus*, depois se torna *Sapiens* e hoje somo o ser dominante da face da terra. Diz Justino.
- Fato. Confirma Ascaneo.

- A terra, no entanto é o único planeta com vida inteligente, comprovada até agora nesse sistema solar. E a terra também é como sabemos um ecossistema finito em recursos naturais. Sabemos que todo sistema tem um ciclo de vida que vai da concepção, evolução e decadência. A decadência e morte de um sistema se dá quando os problemas causados são maiores que os benefícios gerados por ele, então o sistema estar fadado a morte.
- Fato.

EVOLUÇÃO

- O Titã Prometeu foi preso no monte Cáucaso para que uma águia comesse lhe o fígado todo o dia, por ele ter dado aos homens o fogo da sabedoria.
No século II, Cláudio Ptolomeu o astrônomo grego afirma que a terra é um corpo fixo e é o centro do universo. Criando assim o Geocentrismo.
Em 1543 Nicolau Copérnico afirma o duplo movimento dos planetas sobre si mesmo e em volta do sol. Discordando de Ptolomeu e da Igreja católica. Era o inicio do Heliocentrismo, o sol como centro do universo. Foi declarado herético.
- Fato? Pergunta Ascaneo sem ter certeza da afirmação do amigo.
- Protágoras de Abdera afirma que o homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são, enquanto são, das coisas que não são, enquanto não são. Assim como Sócrates, Protágoras foi acusado de ateísmo tendo inclusive livros seus queimados em praça pública. Começava então o Antropocentrismo.
Em 542 o Concílio de Arles, oficializa a condenação eclesiástica ao suicídio. Os suicidas não têm enterro nem cruz cristã. Em 585 no concílio de Macon II, na França os bispos e padres resolveram dar uma alma para as mulheres. Em 9 de Junho de 1537 o Papa Paulo III Alessandro Farnese editou uma Bula, a Veritas Ipsa afirmando que os índios e os negros tinham alma.
- Fato?

- Em 1632 Galileo Galilei descobre a lei das quedas dos corpos é diz que a terra e redonda, contradizendo Copérnico e a igreja.
Em 1765 houve a revolução industrial, em 1789 houve a revolução francesa, em 1948 é oficializado o *Apartheid* na África do sul.
De 1914 a 1918 fizemos a nossa primeira guerra mundial. De 1939 a 1945 fizemos a nossa segunda guerra mundial, nesse período usamos dois artefatos atômicos um em Hiroshima e outro em Nagasaki.
Em 1969 o homem pisa pela primeira vez na lua. Em 5 de julho de 1996 clonamos a ovelha Dolly. Em 14 de abril de 2003 mapeamos o genoma humano. Em 27 de Junho de 2005 o planeta Terra já tem mais de 6,5 bilhões de habitantes.
- Fato. Afirma o amigo já enfadonho de tantas informações aquela hora e já se entregando ao cansaço do sono.

DECADÊNCIA

- O *carpe diem* de Horácio foi distorcido para o consumismo hedonista exacerbado.
Já há mais de 1 bilhão de veículos em circulação no mundo, em média 2 bilhões de toneladas de dióxido de carbono são emitidos por ano que é o responsável por 70% do chamado efeito estufa. Hoje apenas 20% das terras do planeta ainda estão com razoável cobertura vegetal.
Buraco na camada de ozônio, aquecimento global, efeito estufa, *El niño*, derretimento das calotas polares, enchentes, desabamentos, enxurradas, tornaram-se uma constante em nosso dia a dia. Estamos asfaltando a crosta terrestre, impermeabilizando o planeta. Já começa a faltar água potável em algumas regiões do mundo.
- Fato. Afirma o amigo sonolento Ascaneo quase dormindo já acomodado para um sono profundo, mas o amigo Justino não para de lhe bombardear informações e mais informações...
- O consumo mundial dos seres humanos excede em 20% a capacidade de renovação dos recursos naturais do planeta. Uma situação insustentável. Estamos no limiar de um colapso meu amigo. Segundo a terceira lei de Isaac Newton para toda ação há sempre uma reação oposta e de igual intensidade.
Em todo processo de equilíbrio existe uma constante chamada "constante de equilíbrio" que é uma relação entre os objetos. E a temperatura é uma característica fundamental para o equilíbrio dos objetos. No equilíbrio, coexiste proporcionalmente essa constante. Quando um ecossistema não consegue mais se regenerar suas forças estão em desequilíbrios, mais cedo ou mais tarde ele vai falhar é tudo uma questão de tempo.
- Fato! Afirma o amigo já sem interesse algum a tantas informações inúteis para eles naquele momento. Ascaneo só queria dormir porque deitado já se encontrava, mas o velho amigo que não estava muito pra conversa, fica pensando no teor da conversa... deve ser nostalgia do colégio, saudades de lecionar, esses pensamentos ecoam em sua mente como pensamentos mesmo se distanciando, pois seus olhos já estão fechados há alguns minutos. Justino ex

advogado outrora sofrerá uma grande decepção amorosa em sua vida. Ascaneo ex medico outrora também sofrerá uma grande perda em sua vida.

- Um futuro abiótico é o que nos espera meu amigo. Boa noite. E finalmente se cala e se ajeita para dormir também, pois o amigo já se encontra em sono profundo e sem saber o que desencadeou aquele papo sem pé nem cabeça.

Ambos estão deitados em suas camas olhando para um céu estrelado ao relento em baixo de uma ponte. Camas que têm como colchões papelões, trapos como travesseiros e jornais como lençóis para se cobrirem, se protegerem do sereno. Em volta lixo, destroços e o leito seco de um rio que outrora passará por ali. O tempo passa, a madrugada cai sobre os ombros cansados dos velhos amigos que dormem o sono dos justos, apaziguando os medos, rancores e amarguras, por quê? Porque o tempo tem esse poder sobre os homens. No dia seguinte nenhuma mídia escrita ou falada noticiou que foram encontrados os corpos de dois indigentes embaixo da ponte as margens do rio, mortos por uma picada de cobra. Por quê? Porque indigentes não da audiência, não vende jornais.

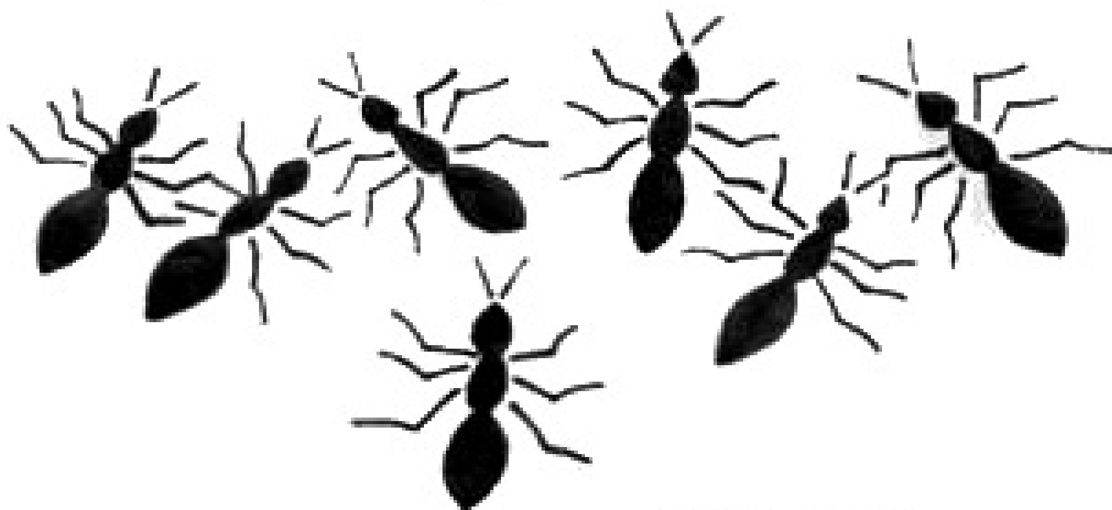


Haikai Engraçadinho

HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

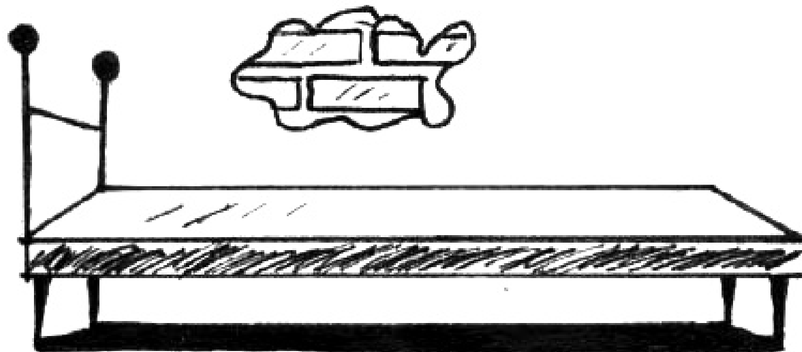
O piquenique já era:
formigas
no jardim



HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

Quarto de empregada
sem janela, nem lua
nem nada



Jorginho da Hora - Simões Filho/BA

História de Hospital

Gracielle Torres Azevedo

Maceió/AL

Era manhã de verão e o menino que, na noite anterior, trajava terno negro e gravata borboleta cinza para ser padrinho de casamento ao lado de sua mãe, agora se encantava.

A noite havia sido longa. O menino contente dançava e cantava as músicas do momento. Convidou as tias e primas para uma dança e era o famoso pé-de-valsa.

O menino de aparelho nos dentes e sorriso largo resolvera acordar mais cedo, após a noite da festa e pegar a moto do seu pai. Talvez para ir ao supermercado fazer compras para o desjejum, talvez para passar na porta da menina que lhe acelerava o coração ou talvez para chamar a atenção dos colegas na pracinha da cidade.

O motivo que o fizera pegar a moto será sempre desconhecido e aquela manhã de verão poderia não ter existido, mas existiu e mudou o curso da história.

O céu, que outrora era azul e tinha nuvens radiantes, rapidamente tomou tons de cinza quando um boi atravessou a pista e tombou na moto.

A vida ficou nublada e escura para uma mãe calorosa que acabara de acordar após a festa de casamento de sua prima, da qual havia sido madrinha ao lado do seu menino.

Após aquela manhã ela jamais viu seu filho como antes.

O menino expressivo, após um tempo desacordado na Uti, com respiração artificial, havia perdido os movimentos e a consciência. Já não respondia aos chamados e nem direcionava o olhar.

Roubaram seus 15 anos.

Arrancaram a fórceps aquela juventude e deceparam o futuro do menino dançarino.

Ele queria ser astronauta e desenhista e já pensava em ser engenheiro e jornalista. Agora a vida o engessa na cama do quarto escuro e desencanta o coração de sua mãe.

A mãe segue atenciosa, lhe escova os dentes e lhe beija a face fraturada noite e dia. Conta-lhe piadas e levanta sua cama para tomar um sol, buscando luz e esperança para seguir em frente.

Cuidado e amor de mãe são incondicionais. Ela se faz exemplo a ser seguido.

Ela não enxergava a doença, ela enxergava o menino e seu potencial e assim o confortava e acalentava.

Como se não bastassem a fadiga e a exaustão do longo período no hospital, eis que surge um novo diagnóstico.

O menino também tinha câncer.

-- "Mas como, câncer? Aqui não há lugar para essa doença "-- exclamava a mãe incrédula.

E o que já era cinza se enegrecia ainda mais.

A mãe arregaçou as mangas e lutou com todas as suas forças, enquanto foi possível.

Uma batalha injusta, mas que não abriu espaços para lamentações. Só cabiam valentia, cuidado em sua mais ampla forma, dedicação, amor, empatia e reverência ao Ser Supremo.

Aos poucos, ela entendia que o seu menino, que gostava de dançar, cantar e desejava ser pássaro, finalizava sua missão por aqui. Ela agradecia ao Universo a oportunidade de tê-lo ao seu lado durante 15 lindos anos, enquanto o menino dia após dia se preparava para voar como uma borboleta, para o universo de luz, em que não há dores e os sorrisos são combustíveis de amor e paz.



Homenagem a Brumadinho

Luisa Cisterna

Calgary - Canadá

Minas – são suas montanhas a perder de vista;
Do cheiro de café fresquinho, passado no coador de pano.
Se não me engano, seu fogão é à lenha e a panela é de barro.
Sua cozinha é farta com biscoitos de nata,
Geleia de jabuticaba, doce de goiaba.

Dá água na boca quando a sineta toca;
É a vovó chamando para o que almejo – o pão de queijo.
Feijão na panela e frango com caldo; angu delicioso
E arroz fritinho, bem gostoso!

O carro-de-boi vem descendo a estrada de chão,
Locomoção para a garotada extasiada.
Ouça, ouça, lá vem a maria-fumaça;
É o apito do trem. A meninada corre para ver se desce alguém.

O banho de rio, a cachoeira refrescante – é tudo vivificante.
Ao cair da noite, vovô conta histórias
Da mula sem cabeça e da mulher de algodão;
O medo bate e cobrimos os olhos com as mãos.
Na varanda de piso frio, sentimos arrepio.
Depois vem a gargalhada com a piada inesperada.

Lá fora os sapos coaxam, as cigarras cantam –
Os sons naturais sempre encantam.

O cheiro de terra sempre traz à memória
As tantas histórias com tios e primos e tantos parentes
Que fazem a vida ficar mais contente.

Ó, Minas Gerais, quem te conhece não esquece jamais.
Os que estão perto e os que estão longe – é sempre saudade mesmo na adversidade.

De Brumadinho, ouve-se da tragédia, mas seu povo é forte na necessidade.
A solidariedade levanta a comunidade e reconstrói o que a lama levou.
Não acabou, pois Minas é forte mesmo quando a sorte não está a favor.
Para frente vamos, pois nunca desanimamos!

@cronicando_com_luisa



Horizonte

Horizonte

Quando chegar
numa encruzilhada
e a dúvida assolar
o seu coração,
tome um rumo...
Certo???
Não volte,
nunca desista.
Se encontrar
"pedras no caminho",
chute-as, ou desvie.
Se forem grandes demais,
passe pelos vãos.
Mas passe.
Mesmo com arranhões,
siga em frente.
Olhe o horizonte!
Persistir é a grande meta.
Nunca desista de chegar
onde seus sonhos estão!

Jussára C Godinho

Imagem: Google

Jussára C Godinho - Caxias do Sul/RS



Hortênsia

Sigridi Borges
São Paulo/SP

Menina moça
sonhou em ser mulher...
Era apenas uma flor
a desabrochar toda azul,
azul do céu em cor.

No frio do inverno
brotou
enfeitou jardins
caminhos encantou
em trilhas despontou.

Mas Hortênsia,
perfumada
pensava grande
imaginava longe
sonhava brilhar
sonhava cantar
sonhava voar...

Hortênsia,
você é mulher,
menina moça
ou uma flor?



Infantes Recrutas do Jihadismo

Caroline Cristina Pinto Souza

Botucatu/SP

Recreação densamente substituída
Pistolas ao invés de conhecimento
Psique lavada, mente consumida
Infantes recrutas em treinamento.

Os plúmbeos olhares à caça de alvos
Estulto ódio - prematura instrução
Bombas estrondosas - momento calvo,
Em nome de Alá, "digna exaltação"?

Oprimidos, liberdade bloqueada
Afastadas perspectivas benévolas
Num abrigo, ilusão do "Paraíso" dada
Os miúdos presos à bolha de névoas

Largos sacrifícios, ciclo vicioso
Infância moída... Revés tenebroso.



Instante

Renata Machado
São Leopoldo/RS

Acordo. Abro os olhos e enxergo a águia tatuada perto do ombro. Imensa, maior do que é na verdade. Está bem próxima. Meu nariz roça o seu peito. Gosto deste cheiro. Suas pernas enroscam nas minhas.

O abraço. Ele estica as pernas. É tão sereno quando dorme. Inspiro o ar, afundando meu rosto no seu pescoço. Ele me abraça. Está quente e é bom estar aqui. Brinco de afastar e aproximar meu corpo do seu para ver o mesmo movimento nos fios pratas que nos ligam.

Enroscada no seu corpo, sentindo sua pele, penso nas vezes que o enxergo apenas a consciência que é, como um tufão de vento prateado salpicado de vagalumes. É tão lindo, tão imenso, tão humano e tão distante disso. É infinito. É eterno.

As duas formas me encantam. Enlouqueço quando dentro de mim, ele agarra minha cintura. Me delicio com cada sensação, em cada uma das minhas formas. Percebo que somos tudo e nada ao mesmo tempo.

Lembro do deserto que atravessei com ele ferido. Lembro de quando me mandou fugir sem olhar para trás e do momento que me achou. Lembro do instante que abriu a porta. E eu o enxerguei, sozinho e com uma multidão. Lembro do agora. Terra e fogo. Magma.

Abro os olhos e enxergo a águia tatuada perto do ombro. Acordo.



Insulamento

Alessandra Barcelar
São Paulo/SP

Aquela senhora sentada na calçada todos conhecem, apesar de lhe negarem o olhar. Todos da cidade já foram abordados pela velha, que pedia esmola com uma cara de choro. Mesmo assim, ninguém sabia seu nome ou sequer conhecia a história que antecede aquela situação dramática a qual se acomodara. Uma mulher sem futuro e sem passado. Alguns diziam que ela era uma pessoa normal e que desistiu da vida que tinha, se rebaixando ao cotidiano humilhante. As noites na praça eram regidas por uma pequena quantidade de iluminação pública, que se transformava em atrativo para casais de namorados e más companhias. Para aquela senhora, apenas um cobertor velho a protegia daquele mundo sombrio.

Ela dormia agarrada a uma garrafa. Ninguém sabe ao certo o que sonhava. Ninguém conhecia sua perspectiva de vida. Era apenas ela, vivendo sua vida solitária em um universo que não era o seu. Se não acordasse na manhã seguinte, sabe-se lá quanto tempo demoraria até perceberem.

Aquela tosse rouca coçando a garganta causava desconforto. Ouviu passos de alguém se aproximando, mas não se sentiu assustada. Na verdade, o som produzido pelo salto despertou curiosidade. Aquela praça não era um local indicado para passeios noturnos.

A velha demonstrou espanto ao perceber quem se aproximava e tentou disfarçar a emoção contida naquele encontro. Sentou-se ainda segurando a garrafa. O olhar buscava sempre o chão, como se sentisse dor ao enfrentar os olhos da moça que se sentava ao seu lado:

– Trouxe umas roupas – disse a moça, deixando uma sacola no chão, entre as duas.

A senhora puxou a doação para próximo dos pés e agradeceu, desconcertada. As duas ficaram em silêncio, sentadas no banco da praça mal iluminada.

– Eu passei ontem de carro por aqui e vi a senhora. Faz tempo que não tínhamos notícias suas. Perdoe-me, mas agora eu preciso ir. Só queria ver se estava bem.

A moça se levantou aflita. O momento parecia incomodá-la também:

– Até breve – disse enquanto se afastava da velha sentada.

Ela olhou para a garrafa e a apertou, como se sentisse uma forte contração.

– Como ele está?

A moça parou e deu um sorriso, que foi rapidamente consumido pela dor que a lembrança parecia trazer.

– Ontem ele disse a primeira palavra. Ele falou "mãe".

A velha sorriu enquanto seus olhos lacrimejavam.

– Ele é esperto como o pai era.

– É sim – respondeu a moça, também emocionada com a conversa. – Eu realmente preciso ir.

– Eu entendo. Não se preocupe. Obrigada!

– Se precisar...

– Não. Não se preocupe. Estou bem. Sério!

A moça ainda tentou esconder a preocupação enquanto saía. A realidade é que as duas tentavam demonstrar superficialidade. A velha a assistiu partir e fuçou a sacola. Encontrou um agasalho, que vestiu no mesmo instante. Mais no fundo da sacola achou uma foto de um bebê, na qual ficou minutos parada, olhando. Após isso, deitou-se e dormiu agarrada à garrafa. Ninguém sabe ao certo o que sonhava. Era apenas ela, vivendo sua própria vida solitária em um universo no qual era hóspede indesejada.



Irene

Ernesto Gomes

Santa Rita do Sapucaí/MG

Irene amamentou branco e preto,
Criou ioiô e moleque:
Deu bofetada em um, pontapé, em outro.
Foi dona de quindins do mais fino açucareiro.
Irene sobreviveu, Irene lutou e Irene amou.

Obrigou-a o senhor a alisar o membrum virile,
Muitas vezes fez deitado na rede ou no chão:
Irene gostou, Irene odiou e Irene apanhou.

Linda, sempre sorrindo, não por desejo;
Mas pela comodidade.
Irene mulher, Irene camaleoa e Irene apenas.

Sífilis contraiu na lactação.
Presos as suas costas, muitos esgarçaram as perninhas.
Irene mãe, Irene companheira e Irene doente.

O padre chamou por Nossa Senhora,
Esta, lá de cima, respondeu:
- Posso descer agora não.
De chá e unguento, cuidou-se.
Irene ferida, Irene caída e Irene acamada.

Sinhô, da capital, mandou trazer doutor:
Nada adiantou, diz que a orgia a levou.

Nem Santo Benedito, amigo da gente,
A boa negra poupou.
Irene cova rasa, Irene cachorro e Irene desmembrada:

Tudo isso suportou Irene.
Pouco reclamou, aguentou firmemente
O tronco que o destino a amarrou.
Agora, não merecias ir para o céu,
Servir branco na eternidade.

Não contente em flagelarem teu corpo,
Aprisionaram tua alma.
Alma que é alma é livre!
Como a tua deverias ser.
Ires para onde quiseres, Irene.
Livre, Alforriada e sem algema.
Sentarias, ao pé da fogueira, com teus antepassados:
Contadeiras de história, músicos e ferreiros.
Irene Boa, Irene livre e Irene preta.

Desculpe o poeta, Irene,
Pois acabo de prender-te de novo.

https://www.recantodasletras.com.br/autor_textos.php?id=178683



Isso é amor

Maria Elza Fernandes Melo Reis
Capanema/PA

Pensava que o amor
Estava escrito nas estrelas
Quando te amei...
O vi desenhado no brilho dos teus olhos
Ardente no toque das tuas mãos
No frêmito da nossa pele
Nas horas que atrelamos pernas e braços
E fizemos um laço de prender saudade.
Pensava que o amor
Era somente beleza do corpo
Quando te amei...
Descobri que é também beleza da alma
Quando perambulei tuas emoções
E fiz morada em ti
Nas horas que nos sufocamos
Dentro de um abraço.
Pensava que o amor
Era apenas volúpia
Quando te amei...
Descobri que era sorrisos e afagos
Pensamentos interligados
Quando fiquei horas escrevendo em ti
Os meus insanos versos
De amar contigo.
Pensava que o amor
Era apenas paixão efêmera
Beijos abrasadores
Eternas cartas de amores
Quando te amei...
Senti o coração vibrar
A pele suar
Sentimentos em mim fervilhando
Desejos de em ti ficar
Fiquei fascinada
Isso é paixão!
Isso é amor!



Lápis Branco

Ian Veink

Florianópolis/SC

Em uma tarde quente de verão
Queimo
Em meus lençóis enquanto frio
Meu corpo escorre na aquarela
Que pintamos abraçados
Após dias e noites
Seco
Sexo
De saco cheio
Coração vazio
Pego no sono sobre a indiferença da frágil poesia que linha por linha desenvolvemos
Na memória de cada toque mundano
Das toalhas de banho usadas várias vezes
Deixei me levar por seus gestos
Gostos
Gozos
Prazeres que sinto com meu novo corpo
Sem a noção sensorial que tinha antes
Em uma certa noite me tornei um canalha
Sujo
repulsivo
Agora restam as consequências
Poesia barata

https://lagrimasereticencias.wordpress.com/





Luvas de tricô

Rafael Linden

Rio de Janeiro/RJ

Max soube da morte da mãe por um lacônico telegrama do irmão mais velho Richie. Caminhou pelo jardim de sua casa, num subúrbio de Dortmund, e esforçou-se para verter uma lágrima. Ainda não, quem sabe um dia. Desde que deixara os Estados Unidos, há trinta anos, ele praticamente cortara os laços com sua família.

Richie permanecera a vida toda na cidade natal, Houlton, enquanto a irmã do meio morava em outra cidade próxima. Max trocava com eles apenas cartões de Natal. Às vezes Richie adicionava alguma notícia sobre a saúde dos pais, que residiam perto dele em uma casa de repouso desde que o pai sofrera um derrame, há onze anos. Peggy, a mãe, limitava-se a tricotar. Todos os dias, o dia inteiro, há décadas. Não tinha tempo para o marido inválido que, no entanto, era bem cuidado pela equipe do asilo.

Situada no Maine, um dos estados mais frios dos Estados Unidos, a cidade de Houlton passa boa parte do ano com temperaturas abaixo de zero e até mesmo em pleno verão há dias gélidos. Peggy dedicara os últimos quarenta e sete anos a fazer milhares de luvas, gorros e cachecóis para as desafortunadas crianças que dependiam da caridade alheia para se aquecer.

O passado de Max se apagara, exceto por uma tarde de setembro que ele trazia bem viva na memória. Tinha cinco anos de idade. Naquele dia, como faziam com frequência depois do almoço, Peggy levou o filho pequeno para brincar no amplo parque comunitário. O verão estava no fim e a tarde de Max

começou agradável, em meio à algazarra de dezenas de meninos e meninas de todas as idades.

Ao entardecer, o vento mudou de direção e as outras crianças foram chamadas pelos pais ou babás para vestir um agasalho a mais, um cachecol, luvas. Max olhou em volta, mas não achou a mãe. Continuou, mesmo assim, a brincar e correr enquanto a temperatura caia rapidamente. Depois de mais de uma hora no vento frio, o menino sentiu as mãos geladas. Olhou de novo em volta, inutilmente.

Os outros se foram pouco a pouco, restando apenas dois outros meninos, bem agasalhados. O pai destes perguntou a Max se não estava com frio. Ele fez que não, mas tiritava. Sua pele já estava ficando azulada e as mãos enregeladas. O homem, preocupado, perguntou-lhe o nome de sua mãe e começou a chamá-la, gritando em todas as direções, até que Peggy surgiu corada, resfolegante, acompanhada à distância por um jovem ressabiado que logo se afastou. Ela correu para o filho e abraçou-o. Max não dizia nada. O pai dos outros meninos chamou atenção para as mãos da criança, pálidas, com um tom azulado na ponta dos dedos. Peggy aqueceu-as como pode e levou o menino embora.

Max ficou no hospital por dois dias. Apareceram bolhas em seus dedos. Ele não chorou. Só perguntava se seus dedos iam cair, tal qual aquele mendigo que não tinha dedos nas mãos ou nos pés e morava de favor nos fundos da igreja. O pai e os irmãos mais velhos garantiam que não, evitando trair preocupação. O caçula teve de voltar com frequência ao hospital por várias semanas, para que os médicos examinassem suas mãos, tratassem das bolhas, administrassem medicamentos. Perdeu o tato nas pontas dos dedos de sua mão direita e passou a sofrer dores que jamais o abandonaram.

Sua mãe, ainda antes do filho ter alta, começou a tricotar luvas. Fez um par para cada membro da família. Depois, continuou a fazer luvas coloridas para crianças. Em pouco tempo encheu dois cestos e levou-os à igreja, onde pediu ao pastor que as distribuísse sem jamais revelar quem as fizera. O pastor, agradecido, prometeu que o segredo seria respeitado. Daí em diante a "Santa do Inverno", como era chamada, passou a doar anonimamente cestos e cestos daqueles objetos.

Ao voltarem do colégio no meio da tarde, a filha tinha de lavar a roupa e cozinhar, enquanto Richie arrumava a casa. Quando o pai chegava do trabalho, impressionava-se com o cansaço dos filhos mais velhos e o silêncio do caçula. Tentou, várias vezes, convencer a esposa de que Richie e a irmã precisavam se dedicar mais aos estudos, mas ela respondia secamente que tinha de fazer mais luvas, pois as crianças pobres passavam frio e ela tinha que ajudá-las. Max a tudo observava, inexpressivo. Não se interessava por amigos, falava pouco e

mantinha-se, a maior parte do tempo, trancado em seu quarto estudando ou, simplesmente, contemplando a paisagem da janela.

Os anos passaram e os filhos mais velhos se viram com médias insuficientes para admissão na maioria das universidades. As economias da família não bastavam para pagar as taxas escolares. Encontraram emprego na vizinhança enquanto Max, ao menos, mantinha boas notas. O pai, orgulhoso, dizia que o caçula conseguiria uma bolsa para ser o primeiro da família a estudar na Universidade do Maine. O menino ouvia calado. Assim que completou o ensino médio conseguiu de fato uma bolsa, porém para estudar na Alemanha. Despediu-se dos irmãos e do pai com afeto e disse um adeus sem emoção à mãe, que tricotava.

Os que ficaram pareciam conformados com a negligência de Peggy. Mas Max, o último a permanecer sob seus cuidados na tenra infância, ficara marcado pelas muitas vezes em que se viu com fraldas sujas, com o joelho ralado, com fome ou sede, ou simplesmente solitário e triste, em frente à porta fechada do quarto da mãe. De onde, a custo, ela surgia afogueada, apressada, fechando rapidamente a porta atrás de si.

Três dias depois da morte da mãe chegou outro telegrama de Houlton, dando conta da morte do pai. Desta vez, Max chorou.

www.umcientistanotelhado.blogspot.com



Me abrace

Victor Santos

Recife/PE

Tenho mania de começar os textos dizendo que horas o fato aconteceu, mesmo que eu não saiba ao certo a hora exata. Eu juro que tento procurar outras formas de iniciar o primeiro parágrafo. Mas é complicado. Então vamos lá.

Eram por volta das dez e meia da noite. O professor tinha acabado de entregar as provas quando percebemos uma movimentação estranha no corredor. Ouvi, vindo lá de fora, gritos como: "não faz isso", "vamos conversar". Eu estudo no décimo quarto andar de um prédio de quinze andares, no centro da cidade. Quando sai da sala de aula para ver o que acontecia, vi uma pequena roda de pessoas tentando convencer o moço que estava disposto a jogar-se edifício abaixo. Eu o conhecia, seu nome era Paulo e era estudante do quinto período do mesmo curso que eu. Apesar das tentativas dos alunos e professores, Paulo não desistia da ideia de tirar sua própria vida. Via-se que seu rosto banhava-se em lágrimas e seus olhos, vermelhos, davam a entender que outrora chorou incessantemente. O rio que corria em suas veias transbordara pelas aberturas feitas em seu braço.

Olhei para o relógio. 23h. A rodinha de pessoas tornou-se uma roda larga e, lá embaixo, o número de espectadores já era considerável.

Chamaram os bombeiros. O capitão Romero se aproximou para começar as "negociações". Após alguns minutos de conversa, o militar perguntou: - o que eu posso fazer para você mudar de ideia? Ainda em prantos, o suicida olhou para a multidão aos pés do edifício, encarou cada um do aglomerado de gente no corredor e fixou seus olhos avermelhados nos do bombeiro. Ao abrir a boca, disse, de forma quase inaudível: - me abrace.

Talvez agora você se pergunte: "o Paulo se matou?". Afirmo que Paulo se mata todos os dias, em várias cidades diferentes do mundo. Paulo se enforca, se droga, se joga, se corta. O Paulo reflete o rosto de cada ser humano que, para se sentir vivo, pede ao céu todos os dias: - me abrace.



Memória

Daniela Genaro - São Paulo/SP



Meus Carnavais

Vera Raposo
Teresópolis /RJ

Vivi sonhos nesses dias
Onde tudo era alegria
Preparava com esmero a fantasia
Logo cedo pelas ruas já se via
Mascarados, bate-bolas e alegorias
Blocos em praças se reuniam
Cada um que chegasse pra folia
Brigas, tumulto não havia
Quando qualquer confusão surgia
A gente logo corria
Na verdade a gente se divertia

As músicas tinham poesia
Letras e muita harmonia
Nos bailes o som das melodias
Arrepiava quando entrava a bateria
Boas são as lembranças, não é nostalgia
Quatro dias de plena euforia
Só íamos para casa ao romper do dia
Coberta de confetes e serpentinas do
Carnaval me despedia

Mimetizando o mar

Juliana Souza

Sorocaba/SP

Seja como o mar.
Leve e turbulento.
A nossa vida é como um mar,
Não é só feita de momento tranquilos,
Ou só de momentos de agitações,
Tudo tem seu tempo,
Uma hora de agitação e
Outra hora de mares mansos.

Por isso, saiba aproveitar todos os momentos da vida,
E assim, nunca se esquecer
Que a vida é como um mar,
Bonito em todas situações,
Em todas as estações,
E em todas as horas do dia,

Seja como um mar
Seja turbulência e calmaria,
Pois tudo na vida é feito de equilíbrio,
E o mar sabe trazer e levar todas os sentimentos,
Sabe se reinventar, ser forte e resiliente.



Morada

Eni Ilis
Campinas/SP

Tivesse eu uma casa,
as janelas seriam vitral,
à porta pequeno sino,
na sala espaço para o balanço da cadeira.
Corredores de silêncio,
quarto de aconchego.
Em algum lugar uma ampulheta na prateleira de pedra.

Escapismo ou intuição de onde vim?



Ninguém morreu

Marina Monteiro
Rio de Janeiro/RJ

Ninguém morreu.

Eu espero um amigo na livraria. Folheio alguns livros. Procuro algumas respostas. Às vezes, por mais ceticismo que se tenha, a gente ainda quer acreditar.

Mas ninguém morreu.

Se no luto da morte já é imposto tempo. No luto da vida são pressupostos impaciência e desdém da plateia.

A vida grita:

- Ninguém morreu!

Mas fala isso pro meu fígado. Eu penso nele e imagino verde, pegajoso e morto.

O primeiro órgão que morreu em mim!

Ninguém morreu. Daqui a pouco logo mais de um ano ainda ontem, mas todo mundo já esqueceu. Crianças nasceram, dentes caíram, velhos morreram. Mataram a Marielle. Quatro tiros só na cabeça. A minha mãe tem uma dor no braço. Ontem eu fui ao teatro. O corpo pulsa. Toda semana tem uma segunda feira.

Quando ninguém morre, a vida continua mais feroz. O luto da vida não tem espaço. Hoje eu quero uma cerveja na Lapa!!!

A vida segue. Tudo vai ficar bem. Meditação. Respiração. Presença. Tudo passa e a piadinha da uva segue. Ninguém morreu. Eu não sou o

Pai

da

Menina

Morta.

E o "como se tivesse morrido" é sacrilégio. Porque ninguém morreu.

Ausência de fato.

Mas tudo em mim parece morto. Ou tudo que eu acreditava em mim.

Novas partes surgem e eu não aceito. Tem um sinal novo na minha bochecha direita que faz do espelho estranho. Eu não to conseguindo aceitar a vida após a morte. Mas não morreu ninguém.

Só que tudo virou passado, nostalgia, ausência. Tudo morto de agora. Mataram a Marielle. Quatro tiros só na cabeça. A cidade esteve de luto.

Eu ainda estou.

Será que eu não me torno meus lutos pra sempre?! Ninguém morreu. Novos espaços nascem no meu corpo. Buracos, crateras, vias, becos, vielas. Meu corpo está exposto. Sigo na livraria o amigo não chega. Talvez não chegue. Talvez tenha morrido. Talvez eu esteja morta. Vejo o meu corpo estirado no chão. Ninguém morreu.

Mas ninguém morreu.

Mataram a...

Matam a...

Senhores usuários é proibido dançar no interior da composição. Diz o metrô no Rio de Janeiro. É proibido dançar.

As pessoas estão morrendo.

Mas ninguém morreu e a vida segue. Eu não sou o Pai

da

Menina

Morta

Eu tenho que...

Ninguém morreu. Há novos espaços desabitados no meu corpo. Meu amigo não chega. Eu poderia estar morta. Mas ninguém morreu. Não há fatos. Um luto só pode durar seis meses.

Ninguém morreu.

Todo mundo morto!

Noite de Consoada

Jeracina Gonçalves
Barcelos, Braga, Portugal

Sobre a toalha da mesa, nesta Noite de Consoada,
Espalho as pétalas secas das rosas que tive na mão.
Seu aroma amarfanhado traz-me dos tempos d'então
A azáfama da cozinha nesses tempos que já não são.
Os bolinhos de *"calondro",* que fritava às colheradas
A aletria, o leite-creme, as farófias e as rabanadas.
O bolo-rei era o rei nesses tempos abençoados
Quando era fácil o riso soltado às gargalhadas
A seguir pela noite dentro, ao ritmo do coração.
Meus olhos alagam-se no mel que mana do meu coração!

E o meu olhar orvalhado recua mais no passado:
Farófias, aletria, leite-creme, rabanadas…
E os bolinhos de *"calondro,"* de que eu tanto gostava.
Com a salsa fresca da horta, os bolinhos de bacalhau
Eram também um petisco que meu pai não dispensava
Nessa noite fria e santa - a Noite de Consoada.
Temperada com hortelã, a açorda de bacalhau
Muito fina e rarefeita, ao cozido dava entrada,
Nessa noite santa e fria - a Noite de Consoada.

Rapa, tira, deixa, põe, entre risos gargalhados
e cantares ao Deus-Menino
Amêndoas e confeitos passavam de mão em mão
Até que o sono chegava, rapa/tira…, par/pernão
Nessa noite santa e fria era passado o serão
Sem presentes na chaminé, na bota ou no sapatinho…
Não havia Pai Natal nem presentes do Menino.
Havia muita alegria, muitos contos e cantares
Nessa noite santa e fria, a Noite do Deus/Menino,
Noite de grande alegria e muito amor no coração!



O Britador

Fernando Antônio Fonseca
Belo Horizonte/MG

" Deus arruinará os que arruínam
a terra"

(Apocalipse 11,18)

Estão todos lá à espreita, esperando um motivo para descolorir as montanhas escavadas, a rocha que um dia foi uma paisagem admirável e hoje é apenas uma fraude que ignoramos.Passam os homens da companhia, robots de roupa amarelada, operando máquinas gigantes, ajuntando nos pátios minério e corações lacrados. Enquanto isso, os sinos tocam,o povoado acorda,o acampamento desperta. O sol cumpre sua rotina. O dia passa na imagem de uma moça bonita que- alheia à tudo- mostra partes do corpo numa casa de terreiro sem muros,estendendo roupas no varal, e suplicando que algum funcionário a corteje e a leve para o altar. Onde o padre a benzeu num dia ruim, e desejou-lhe graças e dádivas em nome do senhor. Oh! senhor, porque iludes tanto uma mulher que respira poeira e toca o sexo esperando tua unção? Porque senhor, permites a ruína de uma porção de vida, o ambiente que se esvai? Tenha piedade, senhor, e devolva ao homem o que é do homem, e a césar o que é de césar.

A moça não tem um nome, mas sim a alienação de uma personalidade mansa. Ela retém na saliva o último beijo que praticou. Foi com um caminhoneiro fora de estrada, Múcio, que havia se apaixonado por ela, e partiu quando se viu desempregado, sem perspectivas de sobrevivência no interior do país. De Minas Gerais ou Pará? Esqueci-me de dizer: ela era das minas de timbopeba e capanema, interior bravo de minas. Onde urubu voa de lado. Mas, como ia dizendo, a moça a princípio esperava pela volta do caminhoneiro, que prometeu retornar para levá-la, prometendo-lhe mundos e fundos. Entretanto, com o passar do tempo, ele não mais deu notícias nem explicações, sua correspondência se tornara cada vez mais rara, e ficou o dito pelo não dito. A moça perdeu a ilusão, trancou-se na rotina de uma família pobre do interior, e, não obstante, ainda não esquecera o caminhoneiro de vez.

Um dia a moça resolveu tentar o azar numa cidade grande. Olhou no mapa e decidiu: São Paulo! Carregou na viagem de ônibus seus pertences e um endereço

que escondia dentro do sutiã, onde se lia: "Pensão da Genoveva". Atendeu-a uma negra gorda que a examinara de cima a baixo, com olhares de aprovação. Forneceu-lhe a cópia da chave do quarto, e disse-lhe que tomasse um banho e se arrumasse para a noite, pois iria ter muitos clientes, a novata do pedaço.

Naquela noite, seu primeiro parceiro fora o Múcio, o caminhoneiro, que frequentava a casa, e que, ao vê-la, chorou. Resolveu tirá-la dali, e montou um barracão na periferia da grande cidade, São Paulo, onde viveriam juntos.

O que ela não sabia era que ele já havia se casado, tinha filhos e tomava cachaça toda noitinha na pensão da Genoveva. Decidira, entretanto, não contar nada para ela. Um belo dia, ela se transformou em um britador e engoliu o Múcio, após uma noite de amor, triturando-o como se fazia ao minério de ferro em sua cidade natal. Depois, se auto-consumiu, engolindo a si mesma, não deixando vestígios nem poeira, apenas uma fotografia na parede do barracão onde, juntos, sorriam uma alegria autêntica...



O cara de amarelo e azul

Lívia Stocco

Franca/SP

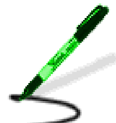
"Sem presente, sem pernil. Sorte se tiver uma carne pra assar", ele repassava o que sua mãe dissera. Mesmo assim, amarrou uma meia do lado de fora do quarto e deixou uma fresta da janela aberta, que nem nos filmes, apoiada num cabo de vassoura. Uma da manhã, duas da manhã, três… O sono o venceu. Não dormiu muito, acordou às seis e meia com frio: choveu, o plástico já não protegia muito, aberto então deixou o vento frio entrar. Checou a meia: molhada, vazia. Pior: era a única que tinha que não estava furada. Cabeça baixa, um engulho na garganta seca, foi contar para os irmãos pequenos que o Velho tinha pulado a casa deles. "Tá velho demais, gordo demais", justificou. "Vai ver esqueceu de um monte de barraco igual ao deles".

A mãe esfregou as mãos na toalha e enxugou os olhos vermelhos. Estão inchados, ela deve ter tentado esperar o gordo de vermelho também. "Velho idiota", pensa o menino, "fazendo a gente de palhaço".

Três batidas soam na porta e a mais velha abre: um homem magrinho vestido de amarelo e azul. O cara nem tira o capacete, mas desce da moto, para na porta e chama o nome dele. "Encomenda pra você, garoto", ele diz. O coração dispara, os olhos ardem, o nó na garganta transborda. Ele avança, pega o pacote. Senta no chão rodeado pelos menores; eles pulam feito duendes, ele não liga. Senta, puxa a caixa simples de papelão para si. Rompe o lacre de fita adesiva em um segundo e a coisa acontece: estrelas e calor saem da caixa, o barraco todo se ilumina, o menino jura que ouve sinos e gente cantando por cima das vozes dos pequenos, que gritam: o Natal chegou, o Natal chegou!

Papai Noel? Que nada! Coisa de gringo, de quem tem lareira, carro bacana na garagem, jardim com banquinhos pra sentar. Nunca deve ter pisado o pé num amontoado de gente como o que ele morava. O negócio é acreditar no Cara de Amarelo e Azul. Esse sim é ponta firme.

https://liviastocco.wixsite.com/mundos



O cordão poético é dito de alguma coisa sempre

Irane Castro
São Luís/MA

Minha singela homenagem a Literatura de Cordel do ontem ao agora.

A Literatura de Cordel.
Bela arte do cordealista.
Instala aro da mente
Na rima das palavras.

Lá da era Renascentista.
Bem dita no papel.
Cintilou em vários lugares.
A priori em Portugal.

Marinhou norte a sul.
Margens plácidas do Ipiranga.
Do ontem ao agora.
Arranjou morada no Nordeste.

Há mestres há aprendiz.
Versa aprender e ensinar.
Quão traços de oralidade.
Estilo popular e local.

Fruí pela sua imaginação.
Prosa nas feiras poéticas.
Talha de vê realidade.
Seja arte dos folhetos.

Ora vai e ora vem.
Como firme trato cultural.
Explica história da história.
De casos e causos.

Que circula o expressar.
Opinião, animação e bel-prazer.
Noticiar corpo e alma.
Simples, difícil e o contrário.



Nos livretos e barbantes.
Exemplar de Guimarães Rosa.
Vez singular vez plural.
Proeza em dito pensar.

Como fala Ariano Suassuna.
É percepção do lugar.
Porções José's e Maria's.
Ergue cordão de idéias.

Como a Ilha encantada
São Luis do Maranhão.
Difundida no Mercado Central.
Guia as diversas bancas.

Tal essência tal habilidade.
Inverso, inverso e reverso.
Tão canto tão encanto.
Imensurável, definida e autêntica.

As sementes dessa cultura.
Sobrevém singular à plural
Espalha, espelha e experiência.
O fruto de poemas.

Jeito de qualquer lugar.
Vê o lado bom.
Zueira em todo lugar.
Tem a era recitada.

Como 1 de Agosto.
Dia municipal de comemoração.
Oficial Sarau do Reviver – (Centro Histórico)
Na Praça Nauro Machado.

Onde criador e a criação.
Sina impossível em possível
Boa via de algo.
Alguém e alguma coisa

Que o próprio tempo.
Global para o Nacional
Leva-o reverso Patrimônio Imaterial.
Presente por todo universo."



O elevador

Marcelo Gaspar de Souza

São José do Egito/PE

Nice balançou a cabeça positivamente para o que sua visita falara. A chaleira apitou alto, como a maria-fumaça, avisando que está chegando à estação.
- Aceita chá? - ela perguntou a pessoa na poltrona amarela, posicionada do lado do sofá azul marinho de dois lugares.
- Claro! - devolveu com voz suave, de pernas cruzadas, curvara-se para frente, a fim de localizar Nice, na cozinha.
Quatro sachês: dois para cada xícara; água fervida, borbulhava até deslizar para os recipientes de porcelana branca, com delicados desenhos de um jardim real.
- Açúcar ou adoçante? - indagou a anfitriã.
- Tomo puro mesmo - respondeu da sala, tragando um cigarro de filtro branco.
Nice voltou com uma bandeja equilibrando duas xícaras que sopravam fortemente a fumaça vivaz, perdendo-se no ar.
Sentou-se Nice. Olharam-se. Sorriram. Conversaram sobre temas diversos, coisas que tinham em comum: filosofia, arte, teatro, principalmente sobre solidão. Gostavam de falar, como se tudo mais não existisse. O tempo pairava ao lado, saboreando a conversa, os olhares, o movimento de suas bocas, os gestos.
- Preciso ir. Vou buscar minha avó, ela ficará com mamãe neste final de semana. Elas se adoram - completou a visita.
- Tudo bem - respondeu Nice - espero te ver novamente, um dia... , engasgou, segurando a porta.
Um beijo. Um toque leve de lábios. Sorrisos pálidos. Olhares perdidos.
- Então adeus - disse Nice, recebendo um abraço forte como resposta.
Lágrimas.
O elevador chegou, abriu a porta, ordenando que a visita fosse logo embora.
- Verônica?!?! - gritou Nice, na esperança do elevador se compadecer e não seguir seu destino.
Um fechar eterno. Sem volta.

https://klorca.blogspot.com/

O Escritor

Paulo Luís Ferreira

São Bernardo do Campo/SP

Em seu memorável monólogo, "Os Malefícios do Tabaco", Anton Tchekhov conta que um sujeito foi solicitado para dar uma conferência. Como não sabia o que dizer dissertou sobre os males causados pelo tabaco à saúde humana. No entanto, a plateia via estupefata à quantidade de cigarros que ele, o palestrante, fumava enquanto discorria sobre o assunto.

Como tal, propuseram-me escrever sobre um autor sem obra, ou uma obra sem autor. Mas que obra, que autor? Se não sei discernir sobre essas questões, se male-male sei de mim. E mesmo assim, o que sei é que agora uso óculos, meus cabelos pratearam e a barriga está levemente salientada, e estou mais paciente. E só isso. Nada mais sei de mim, muito menos de ninguém. Como disse Sócrates, tudo que sei é que nada sei de coisa nenhuma.

Mas como eu não sou de levar desaforo pra casa, e no afã de demonstrar desprendimento e espírito aberto para as grandes empreitadas da vida, me comprometi. E aqui estou eu tentando escrever o que não sei e se algo escrever sei que nada disse. Mas promessa é dívida, diz o dito.

E assim sendo sentei-me à mesa de um bar sem nada pensado. Quando o garçom me trouxe a cerveja pedida eu já estava meditando, olhando o chão como um crucificado do alto de sua cruz. O corpo cravado numa teia de temas, lembranças, ideias e frases soltas aos borbotões. Depois fitei o copo de cerveja que, com esmero, analisava as vísceras da espuma através das bolhas, e percebi nitidamente a ação do ácido fermentando o gás carbônico, protagonizando a árdua luta entre o lúpulo e a cevada para deleite da levedura. Os cotovelos fincados na mesa formavam duas alavancas, as mãos duas plataformas segurando uma melancia em cima do pescoço. Fiquei um tempo assim: parado. O pensamento girando num rodamoinho de luz e espasmos de escuridão. Uma ânsia de dizer o indizível me estraçalhava as entranhas. Uma vontade incontrolável de ir a Brasília matar todos os ratos.

Mas nada mudou. Nada escrevia nada sabia dizer, tudo não passava de inconclusas conclusões desvairadas. O medo de tornar-me um escritor maldito, definitível, me desnorteou. O mundo precisa de mais um Henry Miller, um Charles Bukowiski, um Marquês de Sade?...

O dilema me levou à zona obscura do raciocínio. Aquela que leva ao insondável mundo da infância. Eu não tinha dúvidas de que ali, no recôndito das lembranças infantis se localizavam o mundo das ideias acabadas, perfeitas, incontestáveis. Embora ainda estivesse confuso e cheio de indefinições, mal vislumbrava através da lembrança, mesmo sabendo que discorrer sobre reminiscências de quando se era menino é correr o risco de relatos sem o menor compromisso com a lógica dos fatos e sua veracidade. Porque para narrar às

peraltices e os acontecidos do tempo de criança é necessário que no mínimo sejamos cronista, contista ou romancista, para não dizer epopeico. Não um reles beletrista escrevinhador, contador de historietas, quimeras e pesadelos inverossímeis, pois que, para engendrar histórias fundamentadas em realidades impalpáveis só mesmo um bom ficcionista. Visto que, quando se é criança só se quer viver aquilo que seja enlouquecidamente de criança e, talvez por isso, se queira, quando adulto, viver esse mesmo estado mágico e por isso mesmo tenhamos que destruir esse mundo infantil para tentar tornarmo-nos um adulto melhor, ou menos ruim. Eu mesmo, não fui o suficientemente corajoso para suportar as agruras de uma infância tão vil. Quem dera me imbuísse de um ser onipotente, para quando descrevesse meus culpados atos, fosse-me automaticamente isentado dos prováveis remorsos e a inevitável condenação celeste. Pois, posso não falar de verdades, porém assoberbo-me de uma virtude: não minto para mim mesmo. E tenho ciência de que a maior viagem que fazemos é àquela que se destina ao intestino grosso.

Mas e daí! O que escrever da infância?... Sobre o subir nas copas das árvores e de lá cuspir seivas gosmentas de frutas amarelas ou vermelhas na cabeça das pessoas, do amarrar bola de fogo no rabo dos gatos!...

— Garçom, você já furou olho de sapo?

— Lógico que não, não sou doido.

— Sei, mas é só apertar a garganta, tapar a boca dele e puf-puf, enfia-lhe o dedo no olho... E operação em lagartixas, você já fez?... Transplantar coração, fígado, rins?...

— Claro que não... Maluquice!

— Você nunca brincou de médico e enfermeira?

— Não senhor. Eu fui uma criança educada.

— Ah é!, que bom né?

— Por que o senhor fazia isso?

— Para curá-las de suas aflições.

— O senhor é doido!...

...Lembro-me também de quando libertava Lucila, a "Louca", das cordas e correntes que seus pais as atavam ao pé da mesa e saíamos alucinados, correndo para nos escondermos entre os arbustos em devassas brincadeiras. Quando lambuzávamos nos encarnados das amoras e sentíamos tremores em nossos corpos nus, rolando abandonados sobre o chão de folhas mortas. Podres. Interpretando belos personagens, eu o lobo, ela a jaguatirica, com as bocarras rugindo selvagemente! Assim éramos eu e a Lucila. Diziam dela, que era ignóbil, demente, sardenta e feia. No entanto, em sua nobre fealdade levava grande vantagem diante os outros todos. Ela era Louca! Divina! E nunca ridícula. Pra mim, ela era a menina dos olhos de vidro e coxas de seda. Éramos felizes em nossas concupiscências pueris.

Ou ainda, quando eu e meus amigos iluminados quebrávamos as vidraças dos casarões, cercados de muros, recobertos de azulejos por dentro e por fora, porque eles, os alienados das mansões não suportavam nem a experiência nem a dor de mudarem de cor... Então gritávamos nas madrugadas, juntos com os cachorros, gatos, mendigos, meretrizes, pederastas e todos os abandonados, e

berrávamos palavras feias, palavras tão obscenas que as meninas que nos assistiam pelas frestas das janelas ficavam arrepiadas de prazer. E cantávamos e dançávamos felizes no meio da rua e nas gramas proibidas de pisar, numa ciranda infernal. Então raspávamos a lata de conservas roubada do mais luxuoso supermercado da cidade e conservávamos nosso ser bebendo pinga até nos machucar de tédio. Isto se nenhuma viatura-policiato-militar não nos decepasse a ronda, ou não nos eliminassem por falta de prediletos civilizados.

Ah! E a paixão insana, de puro incesto, que sentia por mamãe, quando a via recostada no batente da porta com o olhar no vazio, imaginando distâncias e desconhecidos pensares? Que para mim era mais longe e desconhecido ainda. Lícia. Era esse o nome dela. Embora eu quisesse que ela se chamasse Suzana. Oh, Suzana! Como ela se parecia com uma Suzana.

A despeito disso, não me redimo dessas transgressões. Nem estou querendo isentar minhas culpas, pois, como sei e tenho siso, todo ser humano é passível dessas e de tantas outras extravagâncias. Estou apenas cumprindo os ditames da natureza do homem, inerentes a nós abjetos seres. Visto que, em cada um de nós há um cristo a ser crucificado, seja por culpa ou por idolatria.

Foi nesses pensares profanos em que me encontrava que o garçom tocou em meu ombro, despertando-me do transe, e disse:

— Moço, olhe a água nos seus pés. Estamos lavando o bar... Já estamos com meia porta arriada... Vamos fechar... Por favor, o senhor não quer acertar a conta?...

Paguei. Pois, não dava mais tempo de lembrar de nada. Tampouco o garçom queria conversar comigo.

Num repente, levantando a porta semicerrada, entram três homens no bar, de arma em punho, gritando energicamente.

Assaltante 1: — Todos parados aí. É um assalto!

Garçom: — Ai, meu Deus, nos acudam!

Assaltante 2: — Aí cara, para de escrever essa merda! Não se toca não... Isso é um assalto.

O Escritor: — Entendi, entendi. Só vou assinar a obra.

Assaltante 3 :— Ah! Isso aí é uma obra, é? Pois não precisa não, vamos levar essa merda assim mesmo.

Assaltante 1: — Nós não precisamos de autor. Só precisamos do papel pra limpar a bunda daquele cagão ali, — apontando para o garçom, que está tremendo, de cócoras, ao pé do balcão —. E pra você este confeito, aqui. — aperta o gatilho acertando-o entre as sobrancelhas.

Assaltante 2: — Rá... Rá... Rá!... Vamos limpar uma merda com a outra. Vai lá garçom, opera a lagartixa que já está sem alma e sem obra.

Assaltante 3: — Rá... Rá... Rá!... E a obra na merda e sem autor.

paulolaspalmas@yahoo.com.br



O espelho do dia

Marcos Andrade Alves dos Santos
Canaan/Trairi/CE

Senti uma vez a noite dentro de mim. Com todas as suas estrelas e toda a sua escuridão, a noite se abrigou dentro de mim. Aquele foi o mistério mais impressionante que vivi. Nenhum sonho poderia ser comparado com a noite se abrigando dentro de minhas entranhas e se nutrindo de meu coração. Aquilo consistia numa experiência de *engravidamento*. Quem engravida da noite *pare* o dia. Então, me preparei para o parto tão logo senti toda a noite dentro de mim. Como seria belo contemplar a luz nascendo e ,mfffse derramando sobre o mundo... como era lindo ser eu a divina mãe do dia.

Isto me aconteceu numa volta do tempo. Foi numa brecha que se abriu e me tragou que vivi estas coisas. Bem no meio das dunas, quando as luzes da terra clarearam a lua, o fino espelho do dia. Nunca tive notícias do tempo comendo gente, mas foi justamente nesse acontecimento que fui sequestrado deste mundo. Eu estava deitado à sombra de um coqueiral quando de repente o tempo se rasgou e cai de cabeça dentro de uma fresta fininha na realidade. O vento me empurrou ali, não pude escapar. Eu cai por pouco tempo. Olhando para cima ouvia meus coqueiros se balançarem, como me desejando uma boa viagem. Eles certamente me aguardariam para terminar-lhes a história que lhes contava enquanto me confortavam com suas palhas. Assim eu fui sabendo que não podia escolher ficar.

Do outro lado me aprumei em cima da areia branquinha em uma grande nuvem. Sim, até ali achei que as nuvens daquela parte eram feitas de areia. Meus pés afundavam na maciez. Nus como a noite, eles tentavam encontrar sentido naquele mistério. Eles viam por meus olhos. Estava escuro e minha vista não era tão boa para ver naquele lugar misterioso. Somente a areia era visível por causa de sua brancura. Aquela terra parecia ter sido feita para quem não possui olhos que veem somente. Nela era preciso enxergar. Para encontrar os caminhos, eu teria de enxergar com mais sentidos do que somente com aquele que se pertence aos olhos.

Caminhei na esperança que a nuvem nunca me deixasse cair no chão. A medida que me distanciava de meu ponto inicial, as estrelas uma a uma foram se acendendo. Gostei muito da presença daquela luz. Ela facilitaria meu traçado dentro da noite interminável. Aquela noite era tão grande que eu a sentia entrando dentro de mim. A noite inundava meu vazio. Ela me engravidava. E eu sabia qual seria o fruto daquele encontro.

Ao seu turno, um vento macio vez por outra me atingia delicadamente com a areia. Aquele gesto era como um oferecimento. Uma promessa de doçura. Essa doçura manifestava-se na areia, que não maltratava meus pés, senão me levava até aquilo que havia me chamado. A luz emanada pelas estrelas me fez ver mais claramente aquele destino: o tempo tinha se rasgado e me engoliu para os morros. E eu sei o que existe acima dos morros.

Portanto, não caminhava sobre nuvens, mas sobre dunas de areia macia. Senti um sopro do mar e ouvi tambores tocando há certa distância. A música do *Congá* chamava para si o mistério das ondas. E nelas se ajuntavam aquele clarão das estrelas. Aquilo se fazia em *magia* para minha percepção. O destino que havia me chamado foi a *Magia*.

De repente, uma figura surgiu acima das dunas. Uma aparição a qual conheço bem, pois faz parte da minha memória de criança, nas músicas cantadas para me embalar. Uma música que significava partida, uma bela despedida feita por um *Ser Encantado* que não se demora jamais. Sua presença era para mim um doce alento, mas era tão fugidia quanto um passarinho. Eles chegam, se aprumam sobre as árvores, entoam melodias *encantadas* e vão se embora antes que possamos pedi-los para ficar. A canção de um pássaro é como uma continuidade para nossos desejos e seu voo é aquilo que desejamos tanto: a liberdade. Seu canto é um mistério que só acontece em plena liberdade. E seu voo é o exercício de ser tão somente vento.

Talvez seja por isso que os invejamos tanto e inventamos asas. Talvez seja por isso que sua singela presença – oh! Um pássaro não requer luxo, além da maciez de seu cântico – seja capaz de nos restituir às demoras pelas quais esperamos tanto. Existem esperas que fazemos pelas demoras. E existem demoras que não esperam por nós. Elas vão embora antes que nos demos conta de sua importância. Oh! Existem demoras nas quais gostaríamos de nos demorar para sempre, porquê elas nos descomeçam em mistérios que só a noite pode abraçar.

A noite é um mistério que nos interroga sobre nossos mistérios. Ela se ausenta do mundo para morar dentro de nós durante o dia. E quando chega a hora de nascer, sua grandeza corrompe o dia até que ela possa reinar outra vez, enquanto ele agoniza em beleza. Aquele pássaro que chegava era um filho da noite e um começo do dia. Ele sempre se distanciava na madrugada, quando a luz *encantava* o horizonte, desfazendo a escuridão. Ele trazia o cheiro das árvores e quando partia, elas choravam copiosas borboletas – as estrelas do amanhecer. Assim dizia seu cântico de partida:

O dia já vem raiando,
Os pássaros cantam
E os arvoredos choram

Adeus filhos de umbanda
Pássaro verde já vai embora.

Estava, portanto diante de um Rei, um valoroso Guerreiro, o Chefe de um povo que sobrevive nas memórias e nos *Encantamentos do Antigamente. Pássaro Verde* chegava voando, como o pássaro que alegrava meu horizonte ao anoitecer, mas que sempre me deixara triste partindo no raiar do dia. Seu olhar penetrou minha alma, me parando os caminhos. Fiquei de pé admirando a profundidade de seus olhos, um Rio corria dentro deles. No alto de sua cabeça, exibia-se um lindo penacho esverdeado como as *Sete Matas*, símbolo de sua nação.

Ele parou na minha frente e me disse por entre um sorriso florido: *Vivemos uns nos outros. Esse é um exercício contra o tempo. Um acerto feito pela memória. Um meio de continuar depois de partirmos.*

Sua voz me recordava os campos. Soava como os *espreguiçamentos* do dia ao se levantar. É que o dia se espreguiça inspirando a cantoria nos corações dos pássaros. Quando a mágica acontece: os músicos originais entoam a canção que é o dia se espreguiçando, ordenando que todas as coisas comecem a dançar. A voz do índio era o som destes pássaros, era a música que anunciava o final da escuridão e o nascimento da luz.

Por isso eu via que ele não falava em palavras, eram outras coisas que flutuavam a partir de sua boca. Essas coisas eu tentei traduzir para uma linguagem mais próxima do seu perfume. Eram macias ao tocar minha pele e não se perdiam no escuro da noite. Elas adentravam a escuridão e acendiam-se como vagalumes, trilhando um caminho. Senti em meu coração que deveria segui-lo. As flores vagalumes de sua boca iluminavam minha escuridão...

Aquelas flores eram como palavras doces. Não haviam, entretanto palavras. Eram flores que voavam e que perfumavam o ar entre nós. Sua boca era cheirosa como o prado que perfumava minha infância. E eu via o prado dentro dela, era dele que as flores voavam em direção a mim abrindo o caminho a minha frente. O prado estava iluminado por uma lua azulada. No alto do céu de sua boca pairava ali o espelho do dia, embelezando o prado.

Aquele índio possuía as qualidades do *Antigamente*, quando os seres que habitavam esse mundo conduziam em si as *Coisas Sem Valor*. Quis me demorar muito ali. Mas um clarão no céu me chamou a atenção. Retirei o olhar de sua boca. Subi a vista em direção ao céu que nos cobria. Nele faiscavam estrelas. Aquelas formosas criações estendiam seus brilhos desde escuridão até nós – disputando com as flores vagalumes daquele índio. Dançarinas da escuridão. Artesãs da luz. Deusas do fogo vivo. Suas faíscas inundavam as areias das dunas, cristalizando ainda mais grãos. No meio delas o espelho do dia se acendia

como em nenhum outro mundo. Que significava aquilo? Era da terra que subiam as correntes de luz.

Distante, na terminação das dunas e começo de uma baixa banhada por uma lagoa, os sons que ouvi anteriormente elevavam-se. Já estive naquele lugar e conheço o caminho para lá. O caminho era por entre as dunas. De um lado e de outro, a areia branquinha se amontoava. Por causa da altura daqueles morros, nada se via além de sua alvura. Me perdi do índio. Ele trouxera flores para iluminar minha direção. Era esse seu propósito, então eu seguia, gravando suas flores em meu coração.

Me afundei nas areias. Olhei para trás por um breve momento, reconhecendo o lugar onde me encontrava. Estava em cima dos morros que terminam em *Magia*, bem no terreiro dos *Encantados.* Era assim o local: entre o Rio, o Mar, a Lagoa, a Baixa e os Morros foi construída a casa na qual todos os *Cavaleiros* se ajuntavam para *Curar*. Aquela casa bebias das origens do *Mar*, dos segredos dos *Astros*, das forças do *Rio*, da natureza das *Matas,* dos caminhos nas areias dos *Morros.* Uma casa realmente especial, onde o *Antigamente* tinha escolhido desaguar.

Fui em sua direção. Também nela me desaguaria. Deixava atrás de mim uma pequena floresta de arbustos, que poderia ser melhor vista do firmamento pelas estrelas. Somente as estrelas me faziam companhia neste horário profundo. Quanto mais me aproximava da baixa, mas eu podia sentir o que estava se passando. A casa que havia ali estava cheia de *gente que não existe* e eles cantavam uma melodia, que ao subir pelas frestas do telhado enveredavam-se em correntes de luz que subiam aos céus. Eram aquelas correntes que iluminavam a lua.

Aquela visão era como nenhuma outra, por isso é tão difícil explicá-la. Essas coisas só podem acontecer quando não se espera. O tambor soando baixo para acompanhar misticamente a maravilha. Desde o início deste acontecimento as palavras assumiram outras formas que não aquelas conhecidas por nossa linguagem. Elas insistiam em se transformar em outras coisas. Cada palavra daquela gente se transformava numa faísca luminosa que ao se juntar umas com as outras subiam em labaredas na direção do céu. Correntes de luz se enroscavam, acendiam o firmamento e cortavam as nuvens. Indo se ajuntar na lua, clareando-a, como somente o sol ousa fazer.

O fumo das orações acendia a lua no alto céu.

Do alto da duna contemplava silencioso aquele fenômeno. Não pude descer mais, meus pés estacionaram dentro da areia, como que impedidos de prosseguir. O vento me empurrava em direção contrária. Por causa dele entendi que não poderia continuar. Aquele lugar não poderia ser tocado por meus pés. Eu só poderia vê-lo à distância. Sei que aquela *gente* que reza não é como eu. É

uma *gente antiga* que se abriga nas brechas do tempo e só aparecem por *Magia.* Sei que elas me chamaram de algum modo através de suas forças. Queriam, pressinto, me mostrar aquele prodígio. E quão grato me fazem por ser o escolhido.

Os escolhidos não podem nunca recusar um convite. Me acostumei com a rudeza dessa constatação ao ouvir o relato de minha avó sobre como sua vida para *Os Encantamentos* havia começado. Assim não me restava a oportunidade de recusa. Eu mesmo teria de ver para poder deixar registrado as coisas que acontecem, porém que não são enxergadas por todos nós. Aprendi que enxergamos também com os pés, pois foram eles que me guiaram através das dunas...

E a noite caiu outra vez dentro de mim – cumprindo sua promessa.

[...]

Fortes dores me acometem. É hora. Ouço o cântico dele. Aquela melodia suave inebria meu coração. Meus esforços se convertem em lágrimas e elas são agora como as belas borboletas choradas pelos arvoredos. Tudo lhe chama para fora. Tudo se prepara para lhe receber. Não quero gritar: o que está nascendo é um sorriso. É o mais gentil de todos os sorrisos do tempo. Eu sou um acidente. Uma escolha do eterno contra o passageiro. Com este gesto, partilharemos a eternidade.

Quando caminhei por sobre as dunas senti que assim seria – de meu ventre brotaria o desconhecido mais uma vez. Menino! Mais precisamente o senhor de todas as histórias. Começava a me rasgar. Desde o ventre, ele saía delicadamente de dentro de mim. Ah! Como era grande minha felicidade! E como era maravilhoso o meu tormento! Em breve tudo mudaria. Desde que a noite se abrigou dentro de mim caímos num vazio! Mas agora ele ganharia o mundo para preenchê-lo mais uma vez com as danças e as brincadeiras. E eu me tornaria seu *caminhante*. Retornaria aos meus coqueiros para lhes contar como pari novamente o dia.

E assim foi. Embalado pela melodia do pássaro antigo o dia nasceu. E inundou o mundo com sua beleza. Retomei meus desejos. Os coqueiros me chamaram outra vez para sua sombra. E eu fui... depois de tudo isso teria muito mais para lhes contar.



O jantar de gala

Luís Amorim

Oeiras - Portugal

Natal aproximava-se por dias contados e poucos até festa que costuma ser de ambiente familiar, não sem antes acontecer jantar de gala, anunciado no prévio de semanas algumas para cativar assiduidade e, esperar-se-ia, pontualidade da gente mediática e importante no próprio conceito definido quando virada para si mesma. A duquesa e seu consorte é que ideia tiveram para recepção engalanada ao enaltecer de luxo constante no palacete que convidava e muito, já no então de evento, à entrada sem qualquer timidez para o banquete natalício. Mesa posta de sentido feito corredor no salão largo e comprido, quase de vista a perder até extremidade que percebia-se, existir deveria. Convidados eram numerosos, como políticos, representantes da diplomacia, banqueiros e demais empresários, individualidades do social por tanta contagem que se pudesse fazer, diversos artistas da vida cultural, distinta nobreza, alguns religiosos e instituições sociais também representadas. Parecia que ninguém quereria faltar e isso mesmo fora antecipando certo director na causa solidária com pergunta que cônsul lhe fez perante inúmeros ouvintes: «Conseguiu dos organizadores pelo jantar próximo que comunidade dos sem-abrigo igualmente venha a estar presente?» «Infelizmente não. Disseram que povo esse não cabe nestes eventos, que certamente não deverão jantar apenas quando natalícia for a quadra e, portanto, não.» Houve quem não gostasse da resposta e imensos que largaram indisfarçadamente suspiros de alívio. Recordação de conversa de dia e evento outro acontecia pelas entidades presentes naquela interacção quando cadeiras eram tomadas sem demora para que gala por banquete começasse a ter alegria vaidosa, enquanto no ligeiro atraso do convite, embaixador e respectiva companheira entraram ocupando bem o centro da vistosa passadeira trazendo mais comitiva de pessoas tantas, dezenas mesmo, sem pontual imprecisão, revelando o diplomata trazer amigos de gabarito alto, provenientes de uma tal

ilha, da qual ninguém ouvira falar, mas que garantia ele serem da nobreza local. E chegavam com vestimentas realmente de gala, ofuscando naturalmente quem já lá se envaidecia com suas vestes e não só. Apesar de serem desconhecidos, tamanha importância na sua apresentação e vestuário reciprocamente condizente teve por consequência evidente aceitação «Como muitos dos nossos e que o jantar comece!» E assim foi. Apesar do incremento no contar de participantes com o acrescento dos mais recentes, os forasteiros engalanados da cabeça aos pés, foi garantido que haveria refeição para o salão inteiro. Curiosamente ou não talvez por certo em como nada sucede no acaso, cônsul bem dado no trato com a diplomacia nomeada, sentado ficou ao lado do director pela solidariedade e outrora conversa em ambiente distinto com excessiva gente bem atenta foi segunda vez recuperada, até com mais pessoas à volta, só que nesta ocasião última, sem os papéis de ouvintes porque mesa do salão cativava mais e mais sem término à vista tal como aquela parecia direccionada no jantar ao infinito. «Essa gente que chegou é autêntica ou será que pensa o senhor diferente e com verídica percepção? Pois digo-lhe meu caro director, são mesmo eles. Bem identificados e melhor apresentados ninguém iria recusar sua presença.» «Senhor cônsul, dou-lhe meu aplauso! De ora em diante teremos de fazer disto rotina, não considerando quanto aos trajes, pompa e demais títulos de nobreza, mas sim apenas na sua comparência, visto eles não fazerem refeições somente quando é Natal.»





O Navegante

Tiago Xavier
Natal/RN

Em meio a viagens errantes,
Ancorando em diversos portos de obscuros mares,
O solitário navio vivenciava as mais assombrosas experiências:

Sombra e luz,
Agonia e êxtase,
Gravidade e leveza;
Doença e saúde,
Exílio e refúgio,
Inferno e paraíso.

Nele não existia rota definida,
Capitão nem marinheiros que o orientasse.

Ele era a sua própria bússola,
Seu próprio leme,
Seu próprio deus.

Após vários verões escaldantes,
O solitário resolveu se apartar de mais um porto.

Nele vivenciou experiências sublimes
E sentiu demasiados prazeres arrebatadores

Que o preencheu e o fez transbordar
Igualmente as músicas do magnânimo Mozart.

A âncora foi sendo içada lentamente.
Entre o navio e o porto abriu-se um espaço
Para que outro navegante pudesse ali se atracar.

Os céus se escureceram.
Tambores rufaram das densas nuvens
E raios caíram sobre o mar.
Às águas se eletrizaram e o vento soprou intensamente.

A cada relâmpago que iluminava o momento de ruptura,
O espaço entre o solitário e o belo porto aumentava.
A tempestade que há muito tempo não caía sobre aquele mar,
Fez com que o vento acelerasse a partida do solitário navio.

Da proa ele viu o magnífico porto diminuir.

Em seu coração de lata,
Ficaram as ideias que ali foram criadas
E a imagem das furiosas ondas batendo contra um obtuso recife
Que para trás ficou.

E assim se foi o solitário,
Navegando em meio ao mar tempestuoso;
Carregando em seu convés as experiências vivenciadas.



O observador

Jonathan D.S.R.
Osasco

Milão, 11 de maio de 1982.

Querida Donatella.

Você já deve saber que eu fiz o meu aniversario de quinze anos há pouco tempo, foi o melhor dia da minha vida graças a festa que os meus pais fizeram, mas quando eu fui dormir eu percebi algo de estranho, havia algo me observando na janela do meu quarto.

Eu falei para todos da coisa que me observava, mas todos falavam que era coisa da minha imaginação, principalmente pelo fato de que eu não conseguia ver quem estava me observando e não ouvia nenhum som, era realmente só uma impressão de ter alguém lá me olhando. Mas isso acontece todas as noites, eu mal consigo dormir pelo medo daquilo e sempre que eu me levanto da cama para ver a impressão de haver alguém some e eu não encontro nada. Meu irmão já ficou olhando e ele não viu nada na janela, apesar de eu ter certeza de que havia alguém quando ele estava olhando. Eu tentei por uma câmera fotográfica para tirar foto enquanto eu estava na cama; mesmo sentindo que havia algo quando saiu o *flash* não apareceu nada na foto. Eu tentei dormir em outros lugares, mas sempre eu sinto a sensação vindo da janela mais próxima.

Estou lhe contando isso porque tenho certeza de que você é a única que vai me dar ouvidos, você sempre me deu, mesmo quando eu não tinha razão. Eu estou sentindo falta de você desde que você foi para Roma estudar, espero que você venha me visitar nas férias, e então vamos poder conversar sobre essa coisa e sobre como eu vou ter matado ela, já que tenho certeza que vou fazer isso na próxima noite.

Beijos, Alice.

P.S: Eu estou com o revolver do meu pai, se ele não funcionar contra aquela coisa vai funcionar comigo.

https://www.facebook.com/OEstoriador/



O ponto

Iris Franco
Diadema/SP

Saí de casa sem olhar pra trás, os pedaços da minha pele eram jogados nos cantos das esquinas.

Estava de noite, escuro. Aquele tipo de escuro que faz você querer voltar para o confortável, mesmo sabendo que existem outras escuridões que te consomem mais.

Partia para a liberdade, estava me sentindo sufocada pelas aspirações dos meus pais acerca do futuro que não tive, dos amigos que se diziam amigos até eu descobrir a finitude de uma amizade, do emprego que era uma droga, das séries de namorados que tive esperando que o próximo seria "o cara" e, finalmente, estava cansada de mim.

Afinal, só cheguei nesta situação patética porque eu permiti que os outros fizessem isso comigo, por não ter a coragem de dizer não. Vários nãos cochichavam no meu ouvido enquanto sorria por fora.

Eu sempre fui um reflexo, não a responsável pela imagem.

Por muitas vezes, entre um sorriso e um olhar, gritei. Berrei tantas vezes por socorro, só que ninguém me ouviu. Todos estavam interessados em suas vidas, todos estavam entretidos na sua redoma de felicidade, todos pareciam mais felizes do que eu. No fundo, no fundo, me sentia igual aquela camiseta velha, jogada no canto do armário e cheia de naftalina.

Uma garoa fina, o toc toc dos sapatos. O silêncio e o vento frio da madrugada estavam me abraçando com gentileza.

Nenhum carro na estrada, atravessei a rua até chegar no ponto de ônibus, todo fodido, todo pichado e todo torto. Sentei nos bancos vermelhos e sim, eles estavam com uma poça d'água e sim, eles molharam a minha bunda. Isso me irritaria profundamente se eu já não estivesse com a vida cagada.

Abri a minha bolsa e comecei a contar o dinheiro antes que o ônibus passasse. Detestava ficar esperando o cobrador dar o troco, gosto das coisas de um jeito rápido: entrar no ônibus, pagar e sentar.

Todavia, enquanto estava distraída e procurando o dinheiro, alguém passou a mão por detrás de mim, enfiou por dentro da minha blusa e começou a acariciar o meu seio e a sussurrar no meu ouvido: você estava procurando por mim, eu vim por você.

Virei para trás e reconheci a figura imediatamente, era uma velha amiga. Tínhamos conversado várias vezes por cartas, por bebidas, pensamentos e barbitúricos. Mas eram sempre diálogos interrompidos, às vezes, cheios de silêncio, mas muito sentimento.

Eu a beijei, peguei em sua cabeça e a beijei.

Tirei a minha roupa, ela tirou a dela e fizemos amor loucamente, ali, no meio da rua. Mordi o lábio dela e lambi seu sangue quente. Pela primeira vez na minha vida não me importei com ninguém, como fulano ou sicrano se sentiria, nada, nem ninguém.

Ela me deu o prazer, era amor genuíno, amor verdadeiro.

Um amor que dói até o osso.

Eu me encontrei quando me desencontrei.



O Primeiro Amor

JAX
Brasília/DF

Sete horas.
Lá ia Joãozinho para a escola.
Como era bonita a professora!
Os cabelos pretos, presos
Num coquezinho elegante.
Os óculos do magistério
A dar brilho ao seu olhar.
Chegando à escola,
Joãozinho entregou, orgulhoso,
Os versos que compusera para a "Fessora".
"Querida Fessora,
Meu amor é enorme,
É mais grande que tudo..."
Aí, ela fez cara feia, parou a leitura.
Olhou com ar reprovador para Joãozinho:
"Então você não aprendeu
Que o superlativo de grande é irregular?
Vá ao quadro-negro e escreva dez vezes:
O superlativo de grande é maior."
Pois é,
Triste fim de uma paixão.
Joãozinho tomou bronca da professora.
Por causa de um superlativo!
Onde já se viu, pô,
Vernaculizar o amor?

Traços e Troças, 2015 - Editora Lamparina Luminosa - São Bernardo do Campo, SP

O que há de estranho dentro de mim?

Davi Alexandre Schoenardie
Celso Ramos/SC

Sou estranho por amar o inexplicável?
Sou estranho por poetizar a dor?
Sou estranho por amar a tempestade?
Sou estranho por poetizar o rancor?
O que há de estranho dentro de mim?

Sou estranho por guardar os sentimentos?
Sou estranho por fotografar certos momentos?
Sou estranho por guardar os eufemismos?
Sou estranho por fotografar certas fragilidades?
O que há de estranho dentro de mim?

Sou estranho por florescer a felicidade?
Sou estranho por deixá-lo partir?
Sou estranho por florescer o autoconhecimento?
Sou estranho por deixá-la (re) existir?
O que há de estranho dentro de mim?

Sou estranho por escrever metáforas?
Sou estranho por naufragar em você?
Sou estranho por escrever poemarios?
Sou estranho por naufragar em meu ser?
O que há de estranho dentro de mim?

Talvez o estranho seja a melhor qualidade.
E nessa ingenuidade humana,
Um ponto de estranheza talvez seja a revolução necessária.
O que há de estranho dentro de mim?
Um dia descobrirei.
Um dia saberei.
Um dia...

https://www.facebook.com/davi.alexandre.schoenardie



O Sonho da Borboleta

Ícaro Marques Estevam
Coronel Fabriciano/MG

Sobre o sol poente que desliza
Num horizonte onde se vê vaga-lume
Asas ebúrneas bailam na brisa.
Salta margaridas e girassóis a borboleta
Insetos menores a fitam com azedume
Das terras onde nascem violetas.

Do gracejo que assoma em sua dança
Sobra a liberdade que as flores colhem
Para saciar outrora ânsia...
Mal sabem que os tantos gracejos
Encoberto pelo dourado dos polens
Habita um secreto desejo.

Fracos, firmes e frequentes
O bater das asas amolece o ritmo
Onde as pétalas voam e os vaga-lumes mentem.
Pudera ela ter mais quimeras
Para acatar o teu desejo mais íntimo
Que é vadiar no céu de Primavera...

O Veneno e a Cura

Evandro Ferreira
São Gonçalo/RJ

Se você me oferece a dor
Eu a ofereço o remédio
Se você vem com a tristeza
Dou-te a minha presteza.

Se me faz derramar rios de lágrimas
Dou-te um lenço para secar suas amarguras
Se entristece o meu ser
Ofereço-te alegria para você viver
ou sobreviver...

Se vem com arco e flecha, envenenados
Dou-te um antídoto para você superar
Esse seu jeito desesperado...

Se me serve "veneno" para alma
Trato de pegar a mais tradicional e pura erva
Para aliviar seus traumas e ajudá-la ficar calma
Ainda faço um chá santo para sua agonia
E crio ferramentas para você ter alegria.

Se vem armada de espinhos para me arranhar
Dou-te mais bela rosa que você arrancou cada pétala
Despetalou-a..
Despedaçou-a...
e veio me "espizinhar"...

Porque em mim, mesmo com tantas imperfeições,
só tenho coisas boas para te oferecer
E muita alegria para te desejar...

https://www.facebook.com/evandro.rodrigues.1806



Olhos d'água

Leonardo Camargo
Itaberá/SP

O silêncio da tarde era interrompido pela alegria de verão sobre as águas. Na piscina do clube, crianças se jogavam desajeitadas e gritavam entre si, desenhando jatos aquáticos sobre as cabeças. As moças, que exibiam seus corpos para o sol, murmuravam incômodos e saiam da beira da piscina, incomodadas pelos respingos. Mas nada disso diminuía a algazarra das crianças, em plena terça feira de férias.

No meio dos meninos de ombros ossudos, Gustavo se divertia ao nadar até o meio da piscina, batendo os pés como havia aprendido nas aulas de natação. Para chegar até a parede, sempre precisava desviar de Ícaro, o menino que todos conhecem, mas de poucos amigos. Como todas as crianças, ele estava ali, seu corpo submerso e os cabelos molhados, mas ele passava despercebido, feito o movimento das nuvens rarefeitas no céu.

Ícaro parecia a sombra da água, sempre desviando pelos arredores. Enquanto os meninos faziam círculos e jogavam bola com as mãos, ele enchia os pulmões de ar e afundava para onde os pés estavam, sentindo a textura do piso com as mãos. Se os meninos resolviam chegar mais próximo da parte onde "não dava pé", ele parecia conduzido pela brisa das conversas, mas sempre com cuidado, deixando uma distância calculada.

O grupo de meninos livres era o enigma da infância. Ícaro sentia-se atraído pelos seus risos leves e pela possibilidade de fazer o que quiser, mas ao mesmo tempo seus olhos enfeitiçados petrificavam, atingidos pela síndrome do patinho feio, de não pertencer e não ser digno. Às vezes ele se pegava com ódio, a raiva de ser assim, desse jeito. Queria não ter esses olhos, claros demais. Achava que tinha olhos de cego. Era mais fácil olhar para dentro.

Enquanto os olhos de Ícaro pesavam, os de Gustavo se expandiam e colocavam o garoto solitário em seu retrato de verão. Ele se perguntava: *O que tem de errado com esse menino? Ele parece normal, mas não conversa, parece que não sabe ser criança.* Ao redor de Gustavo, várias brincadeiras aconteciam ao mesmo tempo, uma bola vermelha se distanciava da roda pelo movimento da água, ondas provocadas por mãos e pés. O convite da brincadeira foi indo e chegando até a ilha branca de cabelos enroladinhos. Os olhos de Ícaro pareciam refletir o

brilho das águas. Suas mãos saíram do fundo e pegaram a bola com delicadeza, devolvendo ao grupo em um único gesto. Com tanta atenção voltada a ele, Ícaro percebeu apenas que os olhos de Gustavo também eram claros.

O sol parecia uma plateia atenta, esperando o segundo ato dos olhos que conversavam. Na mente inibida de Ícaro, não existia a possibilidade de contato, ele já tinha o que precisava para criar as próprias brincadeiras. Enquanto Gustavo era desafio, uma fase que precisava ser vencida, para zerar esse jogo silencioso. Não sabia de onde vinha a coragem, mas ela existiu:

- Você quer brincar dealgumacoisa? – *"De perto, era estranho".* Foi a única coisa que o seu pensamento ensolarado conseguiu formular, o que fez com que o final da frase se perdesse, levando os olhos as folhas intrusas sobre a água.

- Ah, eu... Eu não sei. – Era a resposta que Ícaro usava para muitas coisas. – Não sei nadar muito bem...

- Ô GUSTAVINHO! – Alguém chamava na beira da piscina. – Vamos jogar bola no campo, você vem?

O convite veio de um menino chamado Diego, que parecia inalcançável além da água, de pé, com o corpo gotejando. As duas possibilidades se chocavam no ar, enquanto Gustavo pensava sobre elas: *Jogar bola, brincar com o Diego e os outros, tudo era sempre a mesma coisa.* Ele ainda queria saber que tipo de brincadeira aquele menino contido guardava para si. De súbito, o medo de ser julgado pelos amigos fez com que olhasse para a escada no canto da piscina, perto de onde os outros esperavam.

- Você sabe jogar bola? – Seu convite distorcido era cheio de esperanças, para que uma só brincadeira pudesse juntar os interesses.

- Não sou muito bom, mas pode ir, eu... Eu fico aqui. – Foi tudo o que Ícaro pode oferecer.

Tudo era uma questão de desafio. Gustavo olhou ao seu redor e percebeu que o sol estava ficando mais pálido, as moças se enrolavam em toalhas brancas e iam para o banheiro, deixando pegadas de água. Enfim, decidiu. Queria as ondas esquecidas, uma brincadeira nova e os últimos raios de verão.

- Podem ir, depois eu vou. – A resposta inesperada deixou o grupo atônito, na sombra. Gustavo simplesmente voltou-se para o novo amigo e disse: - Então, vamos fazer alguma coisa que você goste de brincar.

Ele tinha um sorriso confiante que Ícaro julgava não merecer. Naquele fim de tarde, parecia simples ter o seu primeiro amigo. Os medos desaceleravam junto

a água, deixando de ser ondas para formar um lago. Aos poucos, Ícaro foi mostrando quais eram os seus brinquedos.

- Eu gosto de criar... Histórias.

- Como assim?

- Ah, de inventar, fazer de conta que esse é um outro lugar, outras pessoas...

No silêncio das águas, a imaginação de Gustavo se aproximava.

- Eu queria ser outra pessoa, às vezes.

- Eu também.

E foram. Naquele entardecer, Gustavo e Ícaro eram dois piratas, cavalheiros ou criaturas de superpoderes, perdidos em uma ilha deserta. Eles corriam dos perigos, lutavam com os inimigos, até toda a água secar na pele marcada de sol. Quando toda a luz se tornou laranja, os dois cansados sentaram com os pés na água infinita e dividiram silêncios. Acreditavam que havia um tesouro no fundo do mar, cada vez mais escuro pela noite que se aproximava. Só era possível alcançar o fundo com Ícaro, que descrevia todo o mergulho, trazendo a Gustavo as bolhas e conchas pela voz mansa. Deitados no piso morno, dois meninos enxergavam na piscina os enigmas de um oceano inteiro, desvendado em ondas azuis, vindas dos olhos de Ícaro.

https://www.leonardojcamargo.wordpress.com/



Papatiparapapá

JackMichel
Belém/PA

Muitas vezes paro o mundo, pensando no que não há...
Penso em cobra-marimbondo, papatiparapapá!

Um dia, lá na moenda, a nega gritou: "Carcará!"...
Rosa Branca era a fazenda, papatiparapapá!

Viro a cabeça para o lado, para cima, para lá...
Tentando ver de um tudo, papatiparapapá!

Desbravando tudo que é mato, de repente achei manacá...
Folha grande, flor cheirosa, papatiparapapá!

Chico Rico cavuca o chão, usando só uma pá...
Chão limpinho, limpeza boa, papatiparapapá!

Quando eu canto uma canção, mergulho sempre no Fá...
Meu vozeirão no espaço ressoa, papatiparapapá!

Querendo comer diferente, fui provar do munguzá...
Prato novo, comida simples, papatiparapapá!

Brincando de ser poetisa, poetei por poetá...
Verso curto, rima rica, papatiparapapá!

https://www.websiteoficialjackmichelaescritora2em1.com/



Para o Amor Mais Lindo

Antônio Jefferson Teixeira Sousa

Itapipoca/CE

As forças do Amor rimam com Mar.
As forças do Amor rimam com Cirandar.
As forças do Amor repetem ecos.
As forças do Amor repetem ecos.

Eu cirando com Ele, Ele ciranda comigo.
Eu o mareio, Ele me mareia.
Ecos, ecos. Ecos, ecos.

Amar define a dança melodiosa que o Mar ciranda com a Terra.
A Terra define o eco que Ele faz comigo.
O MAR se junta com eCOS que me faz cirandar; querer, ficar.

Oh Mar, felizes serão os meus dias enquanto me banhares.
Oh Mar, os dias serão teus nesta Terra, o eco não se acabará.



Pedaços de Cecília

Sandra Modesto
Ituiutaba/MG

Conheci Cecília por acaso. Há três anos fizemos parte de um grupo virtual com milhares de seguidores participantes. Descobri que tínhamos a mesma profissão e muitos pontos em comum: Professoras de Português aposentadas, politizadas e brigonas. Tentamos por diversas vezes combater as ofensas das pessoas com relação ao caos político que já perdurava no país, no nosso estado, Minas gerais, e, nossa cidade (Ituiutaba).

Eu saí do grupo por três vezes. Voltei. Na terceira eu nunca mais voltei. É que eu não sou tão forte, mas, Cecília sim.

Depois viramos amigas bem bacanas no facebook. A gente falava muitas coisas e os posts eram alucinantes. Os assuntos perduravam pelos caminhos dos nossos gostos atraentes: Literatura, música, loucura por MPB, tentativas pra explicar aos nossos jovens amigos que greves são necessárias, Ditadura Militar não foi um período histórico saudável para Democracia, que nós somos a política, e liberdade de escolha e de expressão, racismo, machismo, homofobia e misoginia não são avanços e sim um retrocesso.

Passei a gostar de Cecília profundamente pela rede social.

Pasme, diga- se de passagem, isso é um fator preponderante.

Cecília cuidava da mãe adoentada. Mesmo assim reservava um tempinho para se despedir todas as noites citando um trecho de Caio Fernando Abreu. Adorávamos essas despedidas.

Por alguns meses e por diversos alguns meses, Cecília diminuía as suas publicações. Eu ficava preocupada principalmente por causa da mãe dela.

Houve uma vez que a gente riu muito!

É que Cecília recorreu ao recurso de recomendações do facebook com a seguinte postagem:

"Procuro lugares que têm sebos"

Quando vi já tinha vários amigos informando sobre sebo de gordura animal. Indicaram as fazendas, as pessoas que comercializavam o sebo.

Eu pensei: "ela está querendo sebo onde vende livros usados"

E ela foi explicando:

- Obrigada gente. Mas eu quero comprar livros. Em Ituiutaba tinha o do senhor Jair. Alguém sabe se ainda existe?

Todos começaram a gargalhar. Cecília foi informada que o do senhor Jair tinha fechado.

Entrei na conversa:

- Cecília, eu compro muitos livros por um site virtual. Tenho vários exemplares. Os preços são variados e a entrega é rápida. (passei o link pra ela)

Ela agradeceu.

Veio outro amigo e disse:
- Eu fechei minha livraria, mas tenho vários livros em casa e se você quiser... Os preços estão baixos e são livros diversificados de vários autores.
Cecília já postou uma lista enorme que ia de autores internacionais aos clássicos nacionais.
Caso resolvido. Eu não sei quantos livros ela colocou na estante da casa dela e imagino que foram vários.
Os silêncios voltaram. Tornaram- se raros os momentos das despedidas aos amigos, evidenciando Caio Fernando Abreu.
Mas a penúltima vez que vi Cecília, ela nos pediu que orássemos por ela. Ia fazer uma cirurgia no coração.
A solidariedade e a empatia marcaram as postagens:
"Vai dar certo confie em Deus" "estaremos orando por você" Você é forte ""...
O mês de outubro já estava beirando o final. Na cidade fazia um calor imenso e a umidade do ar estava horrível.
Numa manhã estava no quarto havia acabado de sair do banho e com um coração meio derrotado. Eu só não entendia o porquê.
Meu marido entrou e disse:
- Adivinha quem morreu?
- Fala logo!
- A Cecília.
- A nossa Cecília Assis?
- Sim. A professora tão querida. Soube pelas redes sociais e nos grupos do Watsapp que ela participava. Está todo mundo lamentando.
A última vez que vi Cecília...
Fui ao velório de Cecília. Gente jovem reunida, professores, ex- alunos, a filha ao lado do caixão, a mãe sentada ao lado do corpo da filha. O olhar vago da mãe. Creio que o Alzheimer naquela hora tenha sido o melhor sinal. Alguém que só tinha memórias do passado estava com Cecília criança viva. Então entendi que a mãe não ia enterrar a filha com o corpo inerte. A mãe não sentia o momento fúnebre. Porque já estava há muito tempo com a filha apenas em saudades.
Resolvi escrever a história breve de Cecília que morreu em 22 de outubro de 2018, após a cirurgia feita. Eu não conhecia Cecília pessoalmente. E por acaso só os famosos precisam ser chorados e lembrados?
- Não, Cecília também.
"Por todas essas coisas, creio, soube que nunca mais
"Voltaríamos a brincar de encontrar oásis no fim das ruas"
Caio Fernando Abreu
Para entender a Cecília de Caio, o Caio de Cecília estou lendo Caio.



Pedro e Rita

Wilson Duarte
Itatiba/SP

Pedro e Rita formam um casal extremamente feliz. Convivem há muitos anos juntos e, via de regra, estão sempre concordes em quase tudo que pretendem falar ou fazer. Em todo esse tempo raramente houve alguma discordância. Sabem perfeitamente relatar, um ao outro, seus pontos de vista, ainda que sejam contrários e mesmo nesses momentos os dois concordam que a divergência é um direito de cada um. Ambos entendem possuir o direito à livre expressão de seus pensamentos e mesmo dentro desta maneira de pensar, sabem até onde podem chegar sem ferir a suscetibilidade do outro, sem criar um clima de discórdia entre eles, o que, aliás, jamais aconteceu no trato dos mais diversos assuntos, sejam eles amenos ou mais sérios. Sabem argumentar, demonstrar com palavras e ações o que pensam, sem a intenção de fazer prevalecer suas idéias em relação ao que pensa o outro. Essa maneira de entendimento faz com que a vida a dois seja leve e ao mesmo tempo torna o relacionamento mais forte, mais intenso e é assim que desejam que seja sempre.

Neste exato momento estão distantes um do outro. Ela está em uma viagem de férias. Sozinha, sem Pedro, sente imensamente a falta do companheiro, que, em razão de seu trabalho não pode acompanhá-la e o celular é o meio constante de comunicação entre ambos, várias vezes ao dia. Pedro, porém, sabe que, independentemente da distância, Rita está feliz, conhecendo novos lugares, novas paisagens, novas culturas e, assim, aumentando seus conhecimentos. Também ele está feliz por saber que ela está recarregando suas energias para, quando voltar, novamente enfrentar e vencer as durezas do dia a dia e cumprir os compromissos diários que tem, que não são poucos nem fáceis de cumpri-los.

Pedro também está feliz, sim, mas há nele um componente mental que o persegue nas vinte e quatro horas do dia: a saudade. A saudade em razão da distância, a vontade de vê-la e de tê-la novamente junto a si. Mas ele sabe, também, que sentir falta é a comprovação de que se ama muito a alguém e isto o torna mais forte para aguardar o retorno de Rita, para estarem juntos novamente, para que suas vidas possam reencontrar-se e estarem assim para sempre. Para amainar um pouco sua saudade enquanto aguarda seu retorno, Pedro, pelo celular, declara que Rita é sua estrela-guia, que é a mulher de seus sonhos, a mulher que ilumina e completa sua vida e, por tal, é a mulher que está em seus pensamentos a cada segundo…







Peônias Brancas

Natália Oliveira
Bacabal/MA

O dia havia chegado, o vestido branco de longas mangas estava sobre a cama, enquanto a mulher, imobilizada dentre os lençóis, era preparada por sua mãe. Ao lado esquerdo da cama, lindas peônias brancas, suas favoritas. Ao lado direito, o pai, o riso fraco, os olhos lacrimejados, aquele seria o dia em que sua amada filha partiria de sua casa e do seu aconchego.

Dois toques na porta de madeira envelhecida: era hora de descer. Lá embaixo, os parentes e amigos estavam a sua espera. Dentre todos, um rapaz, vestido num terno preto, se destacava, em sua mão estava um ramo de flores, afinal, todos ali presentes tinham consigo flores, peônias.

No meio da sala, ele a esperava, os olhos atentos em seu rosto, aquela face pálida e sem muito brilho. A hora havia chegado, e todos se aproximaram um pouco mais, formaram círculo em torno deles. Após o pai da mulher deitá-la entre os lençóis brancos, o recipiente foi fechado, e as peônias, lindas peônias brancas, postas sobre o caixão.



Pizza de micro-ondas

E. J. de Morais
Goiânia/GO

É impressionante como as pessoas deixam marcas. Impressionante e triste, para falar a verdade. E pior, elas deixam marcas em todo lugar. Não consigo olhar mais para aquela mesa que a gente comprou juntos. Eu a vendi: tem um buraco no meio do meu apartamento agora (você deixou vários desses em mim). Não é como se eu precisasse de você para me completar, mas você me fazia bem, sabe? Eu me sentia melhor com você por perto.

Os filmes que a gente via junto? Eles perderam a graça. É complicado falar disso, mas o cinema francês me parece bem menos atraente agora. Só estou assistindo comédias norte-americanas (principalmente as que você mais odiava). Também sinto saudade de quando você me mostrava suas músicas favoritas. Você que me fez gostar da Cássia Eller. Agora, igual ela cantou, eu me sinto um vaso sem flor. Ah!, como você amava aquela música! E eu amava te ouvir cantando. Era fora do ritmo? Era. Era fora de tom? Era. Mas era você. E eu amava tudo o que você fazia, até o que você fazia errado.

Você dizia amar minha comida, mas eu nunca tinha cozinhado antes de te conhecer. No nosso segundo ou terceiro encontro, você me disse que eu tinha que preparar algum prato para te conquistar. No quarto ou quinto, eu fiz aquele macarrão. Não foi nada muito difícil, mas você me fez sentir como um chef de Paris. Eu gostei daquilo, de verdade. Cozinhar me fazia feliz, porque te deixava feliz. Depois disso, foram vários brownies, strogonoffes, feijoadas e lasanhas. Você dizia que eu só melhorava. E, quando eu estava tentando aprender a fazer pizza, você se foi.

Aquele acidente foi fatal para nós dois. O maior problema, é que para você ele o foi literalmente.

Então, foi assim que você me deixou: com um apartamento esburacado, com um gosto para filmes questionável e com várias caixas de pizza de micro-ondas, mas está tudo bem. A culpa não foi sua. Eu já deveria ter aprendido a viver sem você. É, quem eu estou tentando enganar? Você me completava sim. De que adianta o vaso, se não tem mais a flor?

Poema

Charles Burck
Rio de Janeiro/RJ

Arranca pena a pena como se a alma moldada aos vícios prepostos se alinhassem aos teus gozos não dados

Como se a ave plena, dentro do peito se libertassem para os voos como se soubesse das dores maiores que nunca contastes

Lastrei os teus pés no piso para que nunca caminhes locais sagrados onde as chagas manchariam o chão

Pede o fogo apagado um carvão, as cinzas e pinta a cara e apaga os olhos à face escondida aos apelos de amor

Dobra as vestes de perdidas vontade de ser nua e alivia o contraste entre a boca e as palavras que alongam para dentro os desejos quando a parte mais sentida pede para ser tocada

Dê-se a todos os sentidos sem censura, pois a pureza concede mil desejos antes de cingir-se à imoral língua apregoada pelos santos,

Lambe e se farta antes que o sonoro cansaço a convença que a música não presta,

Mas saiba que dentro da presa a música boa é a da entrega quando não cabemos mais no desejo

Lava a alma boa, a vida pregressa sem a pressa de se vestir, deixa a brisa brinca na tua boca atrevida, nas partes mais íntimas

Deixa cada toque de vida te servir, pois a liberdade só vem depois cada desejo deixar de existir.



Poesia MAR -(va)GINAL

Maya Pires

A blusa é do meu pai,
O cinto da minha mãe.
Existem coisas em mim que não são minhas.

Eu ando sempre do lado esquerdo da calçada, e meus quadris não passam em metade das calças.
Me irrito fácil, choro difícil.
Falo pouco quando os ouvidos são muitos.
Falo muito quando os ouvidos são poucos.
Gosto das manhãs,
E procrastino enquanto houver amanhãs.

Existem coisas em mim que não são minhas,
Mas se tornaram minhas.
E das coisas que se tornaram minhas, sobraram as que continuam não sendo minhas.
Resta saber o que de fato é meu.





Ponto e vírgula da paixão

Larissa de Oliveira

Bacabal/MA

Ponto e vírgula da paixão
Conjuguei os teus verbos,
esculpi arestas nos teus adjetivos,
encantei-me com a tua perspicácia.
És amálgama na mais perfeita definição
do querer.

Caminhei por entre as preposições de
tuas formas. Elas me indicaram a tua precisão
de Mulher mágica e esplendorosa.
Abro um parêntese em minha observação:
tu és incrível.

Teu fonema me é perfeito
Exclamo por entre as aspas da colocação.
Minha oração é subordinada a ti,
concordância verbal da paixão.
Reticências de um período composto.

Possua-me

Carmem Aparecida Gomes
Ipameri/GO

Você se tornou uma ilusão
Sua imagem nua se desfez na escuridão.
Acordei ofegante lhe estendendo a minha mão...
Sentindo as batidas fortes de meu coração
Desnuda no escuro sinto o suor escorrer entre os meus seios.
Delirando na escuridão eu imploro...
Possua-me!
Estou delirando...
De olhos fechados sinto o toque dos seus lábios...
No meu corpo suado... Não são gotas de orvalho e sim do suor do pecado.
Sonhos devassos!
Suas mãos perdidas nos segredos de meu corpo...
Sua boca úmida...
Eu sinto o seu sabor
Do pecado eu sinto o odor...
Estou delirando...
Lábios abertos
Olhos fechados
Corpo suado...
No desespero eu imploro as sós no escuro do meu quarto.
Possua-me!
Meus delírios... Estou adoentado.
Não me deixe perecer.
Possua-me!



Potsdam

Ivo Franco
São Bernardo do Campo/SP

Parece que foi ontem à noite
Que um senhor numérico fissionou nossa
Alma
Sobre uma falsa ilusão de liberdade

Ele e Oppenheimer reuniram-se em "Los Alamos"
Para dissertar acerca de assuntos
Sobre os quais não tenho nenhuma ideia
Em tempos que eu sequer existia
Flertavam com coisas que deixariam existir

No horizonte de um deserto
Bem longe de minhas vistas
Desenharam-se milagres matemáticos
Que jamais estariam ao alcance de minha mente
Terceiromundista

Dessa maneira
Os senhores de Potsdam
Entre sorrisos e apertos de mãos educados

Proclamaram
Com uma voz binária, gutural e retumbante
(Que saiu de dentro do modelo padrão)
Os ditames de minha condição servil

A mim, inebriado pelo cheiro de mato
Limitado por cercas e cercas de arame
Farpado, soja, café e outros quetais
Restou somente comprar, alienado, um monte
De artigos dos quais não entendo absolutamente nada





Prece

Isabel C S Vargas
Pelotas/RS

Aparentemente, o dia seria igual aos demais.Clotilde já sabia o que iria ocorrer.

Levantar, tomar seu café bem simples, sem leite e com uma fatia de pão única, sem direito a repetição. Arrumar sua cama, no quartinho do fundo da casa que a filha, generosamente, cedia para ela. Era sua única filha.

Quando jovem, conheceu Juvenal, seu marido com quem viveu até que ele faleceu vítima de um câncer. Ele não a deixara trabalhar fora. Também, não sabia se conseguiria. Casara cedo e sem profissão definida. Não passara do ensino ginasial.

Quando o marido faleceu teve de ir morar com a filha, pois não conseguiria pagar o aluguel, mesmo na periferia porque a pensão que recebia era irrisória.

Na casa da filha sentia-se um estorvo. Elas pouco se falavam. O marido dela era um jovem de seus trinta e cinco anos que era de meias palavras, pouca afetividade e muita ambição.

A vida era meio apertada. A filha, a exemplo dela, não trabalhava fora, por vontade dele.

Vivia reclamando do custo de vida, que tinha que aumentar o orçamento e foi em função disso que ele passou a colocar no orçamento da casa sua pensão. Já decorreram quatro anos desde que ela passou a não dispor de dinheiro. Então, ficava em casa, sem amigos, sem carinho, sem lazer. Ajudava na organização da casa, mas sem muito participar, opinar ou receber qualquer coisa que demostrasse que gostavam de sua presença.

Para não ser injusta, tinha que considerar que saía de vez em quando para ir à igrejinha ali perto.Era bom porque encontrava pessoas diferentes, às vezes, durante a oração alguém a abraçava ou apertava sua mão, sorridente, desejando-lhe paz. Outras, recebia a benção do padre ao final do culto. Parecia sentir-se mais fortalecida com esses episódios. Gostava de ir ali. Não era sempre que podia, só quando a filha a mandava passear e só voltar umas horas mais tarde.

Sobre estas ocasiões não podia comentar nada com o genro e nem com outra pessoa.

Já sabia que este dia seria um deles. Era quinta-feira. Sempre às quintas. Já estava antevendo que o dia passaria mais rápido. Ao mesmo tempo, parecia que as horas se arrastavam.

Após o parco almoço e a saída do genro para a loja onde trabalhava no almoxarifado, a filha a avisou que deveria dar uma volta, ir à igreja e só voltar lá pelas cinco horas.

E assim foi. Chovia na hora que saiu. Mas, mesmo assim foi até lá. Rezou, rezou tanto que as horas passaram e ela quando se apercebeu tremia de frio. Sentia uns calafrios.

Era hora de ir. Tinha pressa de chegar a casa e tirar a roupa úmida que tinha no corpo. Chovia ainda, agora mais forte, as ruas estavam com muita água. Seus óculos com água a escorrer turvava sua visão. Quando se deu conta, só ouviu a buzina, a freada e nada mais.

Silêncio. Acreditou que estava bem, pois se sentia flutuar. No meio da rua, uma mulher estirada que ela não reconheceu. Pensou seguir seu caminho. Deus devia ter escutado suas preces. Queria a paz e o aconchego de um lar. Estava voltando para casa.



Prece de cada dia

Ananda Lima

Barreiras/BA

Roguemos,
Por relações mais sinceras
Por sorrisos verdadeiros
Por escutas éticas.

Roguemos,
Pelo aperto de mão com desvelo
Pelo abraço para revigorar
Pelo olhar penetrante.

Roguemos,
Pela ética nas relações
Pela conduta das ações
Pela vida plena.

Roguemos,
Pela resiliência
Pela lealdade
Pela indulgência

No outro?
Não, em nós.

Roguemos ao Senhor
A paciência conosco diante de tantas imperfeições.





Primavera

Odirlei Lopes
Valente/BA

Flor,
A sutileza da tua fragrância
Me cativa
Os espinhos dos teus galhos
Me ferem,
Mas não te podo

Contigo aqui
O tempo escapa dos relógios
A melodia que a memória dedilha
Não se apressa

Quero desabrochar-te
Pétala por pétala
Enfim,
Deliciar-me em teu néctar.

http://instagram.com/odirlei.lopes



Putoesia

Ler Mil Livros

Alvrez

Leio bicicleta

Leio cérebros

Leio mentes

Leio esquinas

Leio rimas

Leio garotos

Leio meninas

Leio em cima

Leio em baixo

Leio mangas

Leio abiu

Leio ar

Leio elefantes

Leio abrigo

Leio mães

Leio agasalhos

Leio alimento

Leio irmãos

Leio água

Leio você

Leio eu

Leio no bar do Irineu

No bar do Abreu

Na birosca da Aquarela

Leio na favela

Leio ruas

Leio becos

Leio vielas

Leio pássaros

Leio descalço

Leio vagina

Leio anarquia

Leio Anas, Anitas e Marinas

Leio cu

Leio livros

Leio mulheres

Leio músicas

Leio tempo

Leio momento

Leio cerveja

Leio pênis

Leio poesias

Leio Augusto sem anjos

Leio punk

Leio putoesias

Leio Anigav

Leio-me

Leio-te

Leio vós

Leio nós

Leio

O que não

Leio

Acasalo.

https://putoesia.wordpress.com/

Redenção

Carlos Jorge Azevedo
Santa Marinha do Zêzere- Baião- Portugal

Quantas vezes nos virámos do avesso
E fizemos da boca cobra cuspideira
Extravasámos, não o que nos ia na alma,
Mas o que o raio dos sentidos nos ditava
E sem eira nem beira
Fomos carpir no bar da esquina
Atrás de um monte de cervejas
Tal e qual o muro das lamentações
O turbilhão que nos assolava
Às vezes recordamos as memórias
Tristes memórias, que não disfarçamos,
De momentos de desfaçatez
Quem não passou por coisas assim
Quem nunca viveu no fio da navalha
E nesse fio desceu aos infernos
Desbaratou energias ao deus dará
Resolvemos expurgar
Os erros cometidos
Só que é tarefa vã
As marcas lá estão
Jamais se apagam e enodoam
A toalha branca, de linho, que construamos,
Enxugamos um ao outro
Lágrimas sentidas que brotam
No arrependimento que já vem tarde
E foi nessas catarses,
Que juramos redimir-nos
E a nossa vida, desde então,
Tem sido entrega eterna à redenção…

www.facebook.com/yolanda.azevedo.3

Reflexo

Angélica Neneve
Cascavel/PR

O cheiro de inverno enche o escritório. Na verdade, é cheiro de roupas de frio a muito guardadas e café, mas ele gosta de pensar que é o cheiro do inverno que se instalou ali. É julho e os jornais fazem previsões sobre a madrugada mais fria do ano e que por acaso seria aquela. Ainda há trabalho a se fazer quando o tic-tac do relógio finalmente bate. É hora de ir embora. No elevador ele ouve os planos dos colegas animados com a noite de sexta, limita-se a cumprimentá-los e recusa educadamente os convites lançados a ele: prometeu que em uma próxima, talvez – hoje não.
As portas do elevador se abrem e ele rapidamente sente a brisa gelada que vem de fora. Começa a levar a sério o que o cara em frente a uma tela verde falava sobre frentes frias vindas do sul. Instintivamente leva as mãos a boca e tenta aquecê-las com um ou dois assopros. Fecha um pouco mais o velho paletó cinza escuro que está vestindo, e imagina que teria sido melhor ter colocado mais uma blusa por baixo. Passa apressado pela porta giratória. Foi um dia longo e estressante como todos os outros naquele banco: ele só quer ir para casa.
Enquanto caminha com pressa pela calçada já começa a imaginar o que terá para o jantar. Uma pizza seria uma boa pedida. Ou talvez passasse em algum restaurante no caminho para comer 'comida de verdade' para variar. Preso em seu devaneio gastronômico quase tropeça em um homem deitado em frente a uma loja de roupas. Os manequins em suas jaquetas de couro contrastando com os farrapos que cobriam o corpo quase esquelético do velho. Do cobertor sujo com o qual o homem se enrolava emanava um cheiro forte de urina e álcool. Imediatamente ele se lembra que odeia essa época do ano por causa dos gatos entrando em motores para se aquecer e dos moradores de rua se aglomerando em frente as lojas que oferecem um mínimo de proteção contra os ventos cortantes do inverno: ele detestava ter de ligar o carro e esperar a eventual saída de um gato de dentro do motor, odiava pedintes de todas as formas – seu pai lhe ensinou assim. Seu pai era um homem sábio e bem-sucedido e, segundo sua filosofia, todos eram capazes de fazer qualquer coisa. O fracasso das pessoas, então, era problema delas e de mais ninguém.
Antes de continuar seu caminho, sentiu a culpa inconsciente que detestava sentir. Remexeu nos bolsos um pouco até encontrar uma nota, não prestou atenção ao valor, apenas a atirou ao mendigo que tremia na calçada, virou-se rapidamente e

procurou o caminho mais curto para longe dali. Aquela cena já estava lhe dando náuseas.

Dentro do carro, e quando já aquecido, decidiu sobre o jantar: passados alguns minutos percebendo que nenhum gato se escondia em seu motor engatou marcha ré e saiu do estacionamento. A pizza chegou fria, mas ele comeu-a mesmo assim e se preparou para dormir. A cena em frente à loja já fora esquecida – ele se deitou cedo e dormiu um sono digno e tranquilo. Aquela foi a madrugada mais fria do ano.

Mesmo prometendo a si mesmo que ficaria na cama até mais tarde não conseguiu se conter. Levantou-se e preparou um café forte, o único tipo de café que deveria existir. Ele ri consigo por aquela crítica feita em sua cozinha a ninguém em específico. Liga a televisão sem se importar com o que estava passando: não gostava da casa silenciosa como estava e a tv só faria fundo. Ouve a âncora do jornal da manhã falando sobre os lugares castigados pela geada. Algumas plantações perdidas, aquilo era ruim para a economia, pensou ele, mas logo o barulho do micro-ondas o distraiu, sua pizza amanhecida estava pronta. Mais uma notícia sobre possíveis bonecos de neve em um país tropical. Aparentemente eles não tinham nada para falar além do clima, o jornal inteiro parecia uma conversa forçada de elevador.

A próxima notícia tirou sua atenção da cebola em cima da pizza que ele claramente avisou a atendente que não queria: uma pequena chamada sobre o impacto do frio nas pessoas mais carentes. Com uma expressão de pesar no rosto, a jornalista informava a morte de dois moradores de rua que não aguentaram o frio daquela madrugada. Os corpos seriam recolhidos e medidas seriam tomadas. Sua expressão passou do pesar ao entusiasmo em um piscar de olhos, quando começou a anunciar os próximos jogos que aconteceriam na Copa do Mundo, dando um ponto final na conversa sobre o clima.

Ele se pegou segurando sua xícara de café que, a essa altura, já tinha perdido todo o calor. O modo como deram mais ênfase nas plantações do que a morte daquelas pessoas o incomodou. Ele sabia o porquê do incômodo, soube no momento em que viu o cobertor surrado jogado na calçada enquanto uma equipe colocava o velho em um saco plástico. Algumas pessoas assistiam enquanto outras estavam ali só a trabalho: aquela seria uma notícia de dois segundos no jornal da manhã. Ele imaginou se o homem chegou a pegar o dinheiro: provavelmente nem notou a nota que ele lhe deu.

Ele soltou a xícara em cima da pia, o sentimento de culpa o consumiu o dia todo e o outro também. Na volta ao trabalho evitou olhar para as calçadas, sentia-se responsável pela morte daquele homem. Tentou se convencer de que muitas pessoas haviam passado por ali aquela noite. Muitas tinham visto o velho tremendo de frio e, assim como, ele muitas pessoas passaram tapando as

narinas por conta do mal cheiro. Ele, pelo menos, deixou alguns trocados para o homem: não devia ficar se culpando – decidiu culpar as pessoas que passaram por ali e não deram nem mesmo uma moeda àquela criatura. É, a culpa era delas – ele tinha feito a parte dele, não tinha?

A culpa também era do governo: esse problema, assim como saúde, educação e segurança, é trabalho do governo, afinal. Ele já pagava seus impostos, não era trabalho dele se preocupar com moradores de rua.

Sem falar que a culpa era do próprio homem: ele desistiu, deixou de tentar vencer na vida. É, a culpa era do próprio velho, do governo e da sociedade, não dele. Ele ajudou, fez tudo que estava ao seu alcance, não fez? Sim, ele fez.

No elevador, a caminho do escritório, ele ouve duas colegas falando sobre o ocorrido. Uma delas está se sentindo culpada por ter passado pelo mendigo e não ter oferecido sua jaqueta.

— Era minha jaqueta preferida! – Ela diz como se se defendesse.

Era o que ele precisava ouvir: Ele estava certo, não era culpa sua: era dela e de todos os outros.

No final do dia, e enquanto se dirige a seu carro, ele encara a calçada onde dois dias antes jazia um corpo gelado: não sente mais culpa, está tudo bem novamente. Ele liga o motor e da marcha ré, mas ouve um baque e se assusta: desliga o carro imediatamente e sai para ver o que era – o corpo de um gato amarelo o faz lembrar que devia ter esperado um pouco antes de sair com o carro. Mas como ele poderia saber? Aquela noite nem estava tão fria... Sente culpa pelo gato como sentiu pelo homem da calçada, mas o gato foi realmente culpa dele, ele imagina: vai demorar mais para esquecer.

É julho, não que ele realmente soubesse em que mês estava: a muito desistiu de contar os dias. O emprego perdido, a morte da esposa e a rejeição da família o deixaram completamente sem esperança. Mas está muito frio, e ele ainda pode ver as bandeirinhas de festa junina que estão penduradas em quase todos os lugares já há algum tempo, então deduz ser julho.

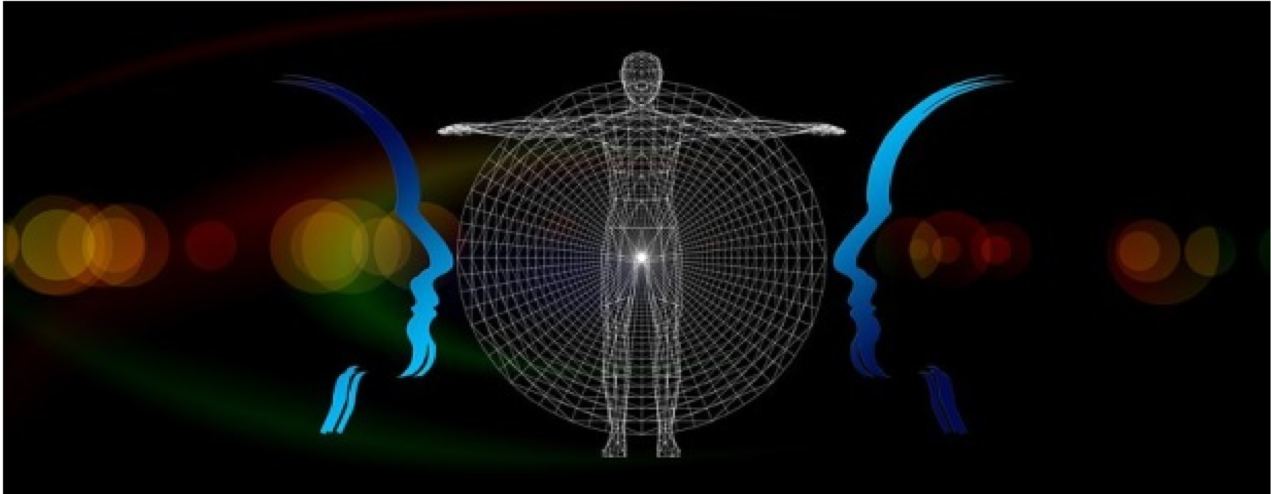
Ele pega o dinheiro arrecadado durante o dia e vai até um mercadinho ali perto. O fiscal o segue por todos os corredores… ele conta as moedas constrangido: nunca fica mais fácil – o dinheiro é suficiente para uma garrafa. Ele está com fome, mas sabe que o frio vai ser mais difícil de aguentar do que a dor no estômago. Então pega a garrafa passa pelo caixa e sai do mercado ouvindo as pessoas que estavam ali comentando sobre sua aparência, cheiro e preferência pela bebida. Ele já esteve daquele lado então entende como elas pensam: elas nunca estiveram do lado em que ele está e é por isso pensam assim.

Dirige-se à loja próxima, abriga-se do vento sob sua marquise, se enrola no cobertor e toma alguns goles da bebida: sente a garganta queimar e deseja que consiga dormir logo. Algumas horas se passam, porém, e a bebida não foi

suficiente para aquecê-lo: ele treme tanto que sente seus ossos doerem. Sente alguém se aproximar e sente medo, sabe que ficar ali o torna um alvo fácil para pessoas ruins. Mas, aparentemente, aquele homem que se aproximou não é ruim: ele joga uma nota de dois reais ao lado do velho que limita-se a permanecer como está, o frio não o deixa pensar muito bem, mas ele imagina que com aquela nota vai comprar um café bem quente para se recuperar daquela noite difícil. O amanhã não chegou para ele, porém.
Aquela foi a madrugada mais fria do ano.

https://www.facebook.com/angelica.alves.9041





Reflexos Internos

Almir Floriano

São Paulo/SP

Há dias em que me sinto murcho e vazio
Tudo de repente fica tão sem emoção
Não vejo as cores nem me sinto integrado
Como se todos soltassem a minha mão

E sigo vagando em meu mundo subjetivo
Dentro dos cânticos e mazelas de mim mesmo
Escritos nas paredes da minha consciência
Perdido em minhas telas espalhadas a esmo

E preciso desses introspectos epistemológicos
Para os debates filosóficos e contemporâneos
Tratados nessas reuniões acerca de mim mesmo
Para seguir autor e escritor do meu mundo

Eu que por vezes desci da minha nave em prol de outros
Me reciclo em minhas paragens distantes
Para que haja um resgate profilático interno
E para desataviar sentimentos de perda

Então eu me lembro de Narciso
E acho feio tudo que não é espelho
E faço silencio enquanto todos gritam
E vejo o reflexo da minha beleza em mim mesmo!

Relacionamentos Fraternos

Samuel Kauffmann

Rio de Janeiro/RJ

Onde estão os meus amigos do passado e os do presente? Por que sendas seus passos os levaram? Aqueles da minha infância ainda estão entre nós? Em alguns momentos de silencio, quando a mente viaja ao passado, lembro-me deles; de alguns só a face, de outros só o nome. Dos colegas do ginásio retive na memória apenas aqueles com quem foi maior o convívio; de outros, diluem-se tanto as fisionomias como os nomes.

Pergunto-me se é natural tal esquecimento, ou se foi porque mudei para a grande cidade, ou se é a degradação do cérebro.

Fenômeno semelhante ocorre com os companheiros do tempo do serviço militar. Também pudera, foram poucos meses de convivência...

E os muitos outros, que por um período bem maior, durante a fase produtiva da vida social, tivemos um mais estreito relacionamento, e que é também no presente, por onde andam?

Como atualmente estou aposentado, sem me relacionar socialmente no trabalho, sinto-os ficando no passado recente. Contudo, há renovação constante, como as nossas aqui na UNATI/UERJ. Vão se intensificando, embora não saibamos onde estas emoções irão desaguar, para manifestar amor recíproco. Tenho esperança que em solo fértil.

Mas o que vem a ser realmente um amigo? Por experiência pessoal separo colega, companheiro, camarada, do verdadeiro Amigo – isto é, aquele Ser que frequenta nossa casa, participa da nossa alegria e do nosso sofrimento, nos consola, ri ou chora, vem buscar um conselho ou nos dar mesmo não solicitado, nos escuta em silencio ou nos fala impondo o nosso aquiescer, nos abraça e nos beija, se permite ser tocado fraternalmente, num momento de depressão nos

convida para o melhor dos passeios, ou assistir um concerto no Theatro Municipal, dizendo: "Depois acertamos as despesas, OK?".

Tal Ser é um diamante róseo, da cor do Amor - raríssimo. Sua amizade é sempre desinteressada – quer o nosso bem maior. Se não é utópico é um verdadeiro irmão - mais do que o carnal. Eu lhes garanto: Ele existe. Quase sempre nós não o percebemos, até que o nosso coração se abra.

É preciso procurá-lo. E ao encontrá-lo, convidá-lo sem timidez, para entrar sem cerimônias, na nossa existência.

Dou-lhes uma pista: não importa a sua face – se feio ou belo – e sim o olhar. Olhe-o nos fundos dos olhos, além das pupilas (janela da alma); ele não desviará, nunca, o olhar.

Amigo, ou Amiga, é um Ser profundamente fraterno, confiável ao extremo, jamais cometerá traição. Acredite! É uma benção!

Sobre a face deste planeta e sob o cosmo envolvente, todos nós somos irmãos. Todavia, nem todos os irmãos são amigos. Por isto foi dito: "Não há maior Amigo do que aquele que dá a vida pelo seu amigo".



Rio das memórias

Alberto Arecchi

Pavia - Itália

Você se lembra daquele mês de maio, um dia de sol, na beira do rio? A menina fora buscar água, como fazia todos os dias. Ela não entendia o idioma de você e olhava com surpresa. Tinha apenas treze anos, era quase uma criança, e havia atraído os desejos de um jovem guerreiro, sedento de conquistas. O nome do rio? Você já não se lembra. Era o Indus, o Nilo, o Paraná, o Congo, o rio Amarelo, o Mekong, o Drina ou o Amazonas?

Você precisava de viver em um mundo de aventura e liberdade total... mas preferia pensar que os outros estivessem a precisar de você. Outros que não tinham chamado você, outros que enviavam sua filha para buscar água no rio, porque em casa eles não tinham as torneiras ligadas, nem a rede eléctrica, ou gás, ou a TV. O Paraná, o Congo e o Limpopo juntos obtiveram sua vingança, você não teria sido capaz de dizer se pertencia mais a eles ou ao Tejo, ao Minho, ao rio da sua terra.

Vivendo lá, você era como uma daquelas ondas que chegam às margens dos oceanos: entre muitas outras, um dia, você vai encontrar novamente uma que já conhece. As florestas, as savanas, os desertos são como mares, as trilhas vão através deles como rotas e as pessoas vivem nos portos. Você voltou, cheio de anos e de experiência, e você percebeu que esta sua sociedade, grande internacionalista e solidária, na verdade era nada mais que uma aldeia pequena, onde todas as nuances da linguagem ou do sorriso te identificam. Seu sorriso era diferente, você agora olhava as pessoas nos olhos e não as avaliava pelo esplendor da ponta de seus sapatos.

Inexplicavelmente, porém, em sua cidade parecia como se nunca tivesse existido, ou que tinha estado ausente durante séculos, como um Ulisses moderno.

De vez em quando, você se lembra daquela menina de treze, na margem do rio, com o cabelo curto coberto de areia, e a natureza circundante.

O jovem estrangeiro tocando violino, na esquina da rua, chama sua atenção. Aquele jovem, quando era criança, recebeu um nome secreto, comprido e difícil de pronunciar, que significa "a garça com pena branca", numa linguagem quase esquecida. As lendas do seu povo falavam de tempos antigos, de uma rainha mítica, mãe do primeiro chefe da aldeia, e de sereias mágicas com duas caudas, saindo da água para oferecer aos homens o mal e o bem.

Sua imaginação volta para um pôr do sol às margens de um rio distante, enquanto as sombras se tornavam mais escuras. Gatos pretos olhavam nas sombras, à procura de presas. A água brilhava vermelha, enquanto o resto do mundo ficava reduzido a linha pura e silhueta preta. É como se o tempo tivesse parado. Você se sente flutuando na água, agitando-se em um arrepio de suor frio.

"Você nunca sabe onde seu irmão mora, nem em que parte do mundo irá encontrar seu filho".

https://www.liutprand.it



Sabotagem

Danilo Giroldo

Rio Grande/RS

Você sabe quem de fato é?
Consegue captar o que há atrás dos olhos,
quando se olha de frente para o espelho.
O executor dos princípios conscientes,
ou o inconsciente sabotador.

Aquele que constrói o próprio fracasso,
e prepara silente a cova pra deitar.
Encara a sombra pelo retrovisor,
no banco de trás, com a mão no seu ombro,
mostrando as setas para o precipício.

Ensurdecer a tais palpites.
Desviar do abismo.
Frear o malogro diário.
Estratégia oculta para sabotar
o sucesso que sucede o fracasso.

A queda profunda é real.
A certeza do caminho fatal também.
A sabotagem que sabota a auto-sabotagem.
Que tipo de sabotador é você?



Se você diz, então...

Paulo Narley

Teresina/Piauí

Eu me lembro bem de como nós costumávamos possuir a noite, da maneira como seus lábios pressionavam os meus. Lembro-me do modo como nossos corpos se moviam numa dança rítmica e prazerosa, envoltos num mar de suor e gozo! E o cheiro? Ah, o seu cheiro! Nós tínhamos um mundo, o nosso mundo... Éramos dois e, ao mesmo tempo, um só corpo, espírito e mente.

Lembro-me de como eu costumava acordar de um breve cochilo e te encontrar me olhando tão profundamente. Nessa hora, era como se minha alma estivesse ali refletida no azul profundo de seus olhos, e que olhos!

Lembro-me das ligações na madrugada, quando tínhamos que dormir separados, em que você me dizia antes de desligar:

"eu te amo, garoto"

E, então, eu logo respondia:

"eu te amo mais"

E você parava, respirava profunda e delicadamente antes de dizer:

"Se você diz, então..."

Hoje, eu me peguei vendo nossas polaroides guardadas naquela velha latinha... Nós éramos mesmo feitos um pro outro...

E olha só o que somos hoje, somos nada mais do que cenas velhas de um musical antigo, daqueles no estilo Broadway, tão antigo que agora nossa melodia não faz mais sentido... Sim, estamos falidos!

A vida te levou de mim e me deixou aqui nesse mundo tão cinza... Enquanto você descansa em paz, eu vivo em guerra. Uma guerra interior onde vozes gritam numa frequência alta que você continua aqui, uma frequência tão alta que, às vezes, eu posso te sentir do meu lado...

A morte é algo engraçado, ela nunca leva apenas uma só pessoa, ela leva consigo a cor e a alegria do parceiro que fica aqui e tem que continuar a vida... E caminhar por essa casa tão cheia de você é cada vez mais difícil...

Nossos epílogos todos apagados, perdidos no tempo... Até quando eu vou saber caminhar por mim mesmo, sem tuas mãos para me salvar dos meus demônios?

Encaro agora a parede vazia, eu tive que tirar todas as nossas fotos ou enlouqueceria e, olha só, de uma forma ou de outra, acho que vou acabar mesmo ficando louco! E eu não tenho a quem culpar por isso...

Seleta de Haicais

Thaís Fernandes
São Paulo/SP



Noite
terra das corujas
em árvores tranquilas



Brisa de verão
toca meus dedos
harmonia



Um vento sul
dirigindo a chuva
o clima frio se instala





Sesta com Camundongos

Micheli Biek
Vera Cruz/RS

Quando meus pais se divorciaram passamos a morar com meus avós maternos. Eles viviam em uma antiga casa de alvenaria com grandes janelas arredondadas e assoalho de madeira que rugia de acordo com as passadas. Lá tinha um antigo relógio cuco que dava as suas batidas a cada meia hora.
Todo sábado minha avó, Cecília, dava corda no relógio. Quem nos visitava afirmava jamais se acostumar com o barulho, mas eu não tinha problemas com ele. Durante o dia, nem ouvia mais as batidas. Á noite, deitada em minha cama no quarto, acompanhava o barulhinho do ponteiro, marcando a passagem do tempo.
Nessa época vivi um período de terrível insônia. Afirmo com absoluta certeza que aqueles que têm o benefício de deitar-se e adormecer são imensamente abençoados e privilegiados. Eu simplesmente não dormia. Quase nunca. Percorri em claro uma maratona de quase cinco dias e cinco noites sem pregar o olho.
Na ânsia de me ver adormecer, a mãe entupia-me de suco de maracujá. Nada! Hoje sei que o suco era cientificamente inútil. Como não dormia ficava em um estado de ansiedade tão crítico que sofria taquicardia. Sabia que precisava dormir, o desejava desesperadamente, mas o sono não vinha. Então eu chorava. Bastante.
Não era permitido assistir TV, qualquer ruído poderia acordar os velhos. Não era permitido sair para o pátio e perambular lá fora, os cães poderiam latir e isso acordaria alguém. Não era permitido nem manter uma luz acesa durante a madrugada para ler! Era somente escuridão e o barulho do relógio ecoando no silêncio da noite.
Minha mãe ajudava a cuidar da propriedade, mas decidiu trabalhar fora por algum tempo para contribuir financeiramente na casa. Eu e minha irmã, Carini, ficamos aos cuidados de Cecília. Todo santo dia ela mantinha o hábito da sesta.

TODOS eram OBRIGADOS a fazê-lo. Que tormento! Já não bastavam as noites terrivelmente longas.

Como de costume não era permitido fazer outra coisa qualquer senão deitar-se. Carini também não apreciava as sestas, então, convencemos Cecília a nos deixar dormir sobre o imenso sofá de couro da sala. Ali podíamos ao menos observar a paisagem pelas grandes janelas laterais e sussurrar alguma conversa.

Na primeira tarde que ali passamos percebemos que não estávamos sozinhas. Ouvimos um ruído vindo debaixo de uma das poltronas de minha avó. Inertes, esperamos. Logo uma pequena movimentação surgiu. Eram dois camundongos que aproveitavam o silêncio da sesta para perambular por aí.

Procuravam avidamente por algum resto comestível. Qualquer ruído os fazia parar instantaneamente. Um deles ainda mantinha a patinha no ar, congelado como uma estátua. Com o cessar do ruído por alguns instantes, voltavam à vida, farejando sorrateiramente.

Era o brinquedo perfeito para duas crianças entediadas. Esperávamos Cecília iniciar seu ronco diário, para então, silenciosamente, roubar um pequenino pedaço de pão na cozinha, prendê-lo a um barbante e deixá-lo na frente da poltrona. Os camundongos se aproximavam cautelosos, pareciam saber que se tratava de uma armadilha.

Ao puxar o barbante, desapareciam rápidos como um raio. Alguns segundos em silêncio e retornavam farejando tudo o que vinha pela frente. Em seu esconderijo havia um buraquinho que os levava para debaixo do assoalho.

Era impossível capturá-los.

Então começamos a deixar os farelos de pão soltos na frente da poltrona. Os camundongos se aproximavam e esperavam. Ao ver que não havia perigo, agarravam um farelinho e partiam rapidamente, retornando segundos depois para ver se havia mais. Por quase dois anos alimentamos aqueles camundongos. Eles foram a companhia que tornou suportáveis as sestas de cada dia.

https://medium.com/@michelibiek



Silêncio

Maria Lucia Inês Fernandes Cruz

Tejuçuoca/CE

Permito-te chegar mais perto. Venha sem receios, pois não tenho expectativas que tu precises atingir.

Ofereço-te a liberdade do não julgamento e a mão que se estende em solicitação à caminhada.

Escuto-te em teu silêncio e ouço as tantas coisas que me dizes por meio dele.

Dou-te o direito de poder ser tudo que quiseres e de nada ser, se assim desejares.

Sejas como qualquer outro, em nada hás que surpreender.

Quanta beleza há de brotar deste encontro, onde almas podem despir-se de toda e qualquer imposição e, sem exigências, fluir ao sabor do vento de fim tarde a enfeitar com a leveza das folhas secas o fértil solo onde repousa a esperança.

Pois que o tempo não mais exista, assim como todo barulho que nos possa reduzir em nossa essência.



Sombras de Deus

Gerson Machado de Avillez

Rio de Janeiro/RJ

"A Ficção revela a verdade que a realidade esconde."
Jessamyn West

Se a tecnologia da informação representou uma revolução para a comunicação ao estreitar laços e diminuir distâncias através da internet imagine o que o advento da computação quântica e ternária provocou no mundo. Um processamento que de tão rápido utilizava-se de dimensões extras de modo a antecipar a si mesmo elevou exponencialmente a capacidade de processamento de máquinas informatizadas em seu apogeu. Mas esta fora apenas a base algo capaz de processar uma gama inimaginável de dados abrindo infinitas possibilidades de programação.

Aproveitando-se disso, o entusiasta do TI e pioneiro da informática na categoria de criptografia quântica, Elliot Forrest, teve um devaneio de possibilidades obscuras a esse advento científico que suplantava a mais visionária predileção utilizando um cérebro quântico a simular propriedade neurais que levavam a suplantar quaisquer simulações do universo nas décadas passadas. A criação desse programa de simulação alimentado por dados de nada menos que o universo buscava recria-lo em detalhes pela mecânica quântica assim como perante a relatividade geral ao aplicar a este leis físicas e ingredientes ao mesmo. Utilizando-se das teorias físicas e astrofísicas mais proeminentes o sofisticado programa era capaz de antever a veracidade das teorias do surgimento do universo em seus resultados por cálculos complexos numa tentativa de esbarrar na busca mais importante da física, a teria da unificação de campo. Tão logo observou-se onde falhavam as teorias das cordas assim como outras que corriam por fora dessa busca de modo que levou a construção intuitiva pela máquina de uma teoria capaz de preencher as lacunas onde as teorias anteriores falharam levando a um despontar científico sem precedentes. o resultado inesperado trabalhava em múltiplas dimensões mas apesar de semelhanças com a teoria das supercordas levava a conclusões de que mesmo a definição das leis físicas e propriedades de partículas que tornavam possível o surgimento de estrelas estava atrelada aos elementos essencialmente do espaço-tempo e sua curvatura, ou seja, a chave era a gravidade postulada com propriedades de partículas anteriormente postuladas em teoria, como os gravitons e mesmo elementos similares de tempo como cronotons.

A partir disso o resultado emergente levou a uma recriação do universo precisa e coesa numa contemplação correta com o observado pelos aceleradores de partículas assim como na astronomia e astrofísica.

Disto surgiu numa simulação as primeiras estrelas e nebulosas ao reduzir os bilhões de anos em horas de forma totalmente condizente ao descoberto pelas observações dos mesmos. O frisson que se espalhou pelo mundo fora de tal comoção que alguns passaram a se referir ao projeto de Forrest como uma recriação simulada do poder de Deus ao darem luz a um universo inteiro simulado em meio a probabilidades. As sombras de Deus, como passou ser aclamado pela mídia levou a muitos protestos de pessoas o qual resistentes as ideias pareciam aludir a possibilidades funestas a este programa em seu noctígero processamento de modo similar ao ocorrido com os primeiros críticos dos aceleradores de partículas.

Numa entrevista coletiva, Forrest, ao apresentar os resultados ao lado de sua equipe agora laureado pelo Nobel de Física as recentes descobertas obtidas pelo programa, mas que em tom de reprovação buscava acalmar os ânimos num alento de que tudo aquilo não era real.

— Tudo está acontecendo mesmo que não sendo visto, apenas a renderização e processamento gráfico que são feitos quando enviados diretamente ao cérebro ocorrem. O cérebro artificial é induzido a comportar parte do processamento em cumplicidade de forma a preencher as lacunas por indução emocional. Mas no fim tudo não passa de bits e bytes só que numa escala de Yottabytes o que nos compeliu a criação de novos sistemas de armazenamento de memória.

— Até onde será levada a simulação? - Indagou um jornalista perplexo.

— Chegamos ao ponto crítico da simulação e os resultados são sem precedentes. — Respondeu ele tomando um gole de água e prosseguiu proferindo. - Aparentemente a simulação evoluiu a um ponto em que primeiros microrganismos começam a surgir.

— Como assim? Quais dados foram alimentados o computador para isso? — Interrompeu um outro jornalista.

— Nenhum. Aparentemente o universo era propício a vida de modo que partículas combinadas deram lugar a moléculas e essas por sua vez a compostos orgânicos. A física deu lugar a biologia e aparenta pipocar disto por vários pontos do universo simulado o qual demonstrou também outros padrões perturbadores. A simulação pode ter respostas para a origem da vida e o futuro do universo.

— Quais padrões Dr.Forrest? — Perguntou o mesmo jornalista alarmado.

— Aparentemente muitas das estrelas se aglomeram em formações e padrões muito similares ao visto nos céus há alguns milhões de anos. Digo num

ponto específico da simulação que fora direcionada com dados paralelos de nosso universo.

— A via láctea? — Perguntou o homem tendo um assentir positivo dele.

Tão logo murmúrios se ouviram por todo auditório ecoando em tom temerário a surpresa da imprensa.

Ao término da coletiva Dr.Forrest teve que retirar-se em meio a flashes e gritos histéricos de alguns ativistas que surgiram no auditório aumentando o clima de consternação das descobertas anunciada em jornais com grande destaque.

Dias se passaram enquanto a simulação não era interrompida de modo a seguir linearmente uma cronologia ainda que defasada em escala em relação ao nosso universo. Forrest desacelerou deliberadamente a simulação de modo a acompanhar mais de perto o surgimento de microrganismos que em questão de horas se tornaram formas de vida complexa de modo gradualmente crescente como se algo estivesse impulsionado aquilo a uma direção de maneira inteligente ante seus padrões evolucionários aparentemente onipresentes em todo universo simulado. Forrest viu naquilo como se determinadas leis e lacunas preenchidas criassem uma fórmula tal capaz de debulhar uma inteligência em si ao atribuir na equação da simulação mais que o ocaso o que implicava em aspectos igualmente revolucionários a teoria do caos por realizar feitos surpreendentemente preditivos.

Forrest então focou-se na galáxia em questão ao atribuir-se semelhanças gradualmente crescentes com a via láctea a medida que a simulação progredia. Quanto mais perto chegava a idade próxima a de nosso universo mais trechos dessa galáxia se assemelhavam com a nossa via Láctea de modo que com o tempo fora possível até mesmo identificar um sistema com as mesmas características do sistema solar onde habitávamos. Forrest e sua equipe agora estavam em igual perplexidade com os resultados atribuídos ao processamento de modo que após apenas dois dias fora possível perceber a mesma conjunção exata das estrelas e do sistema solar levando a equipe estupefata a focar-se agora no planeta identificado como Terra. O objetivo da simulação era responder questões sobre o próprio universo através de previsões, mas estava conseguindo superar as expectativas enquanto outros membros da equipe similarmente focavam-se em outros planetas onde a vida era um perturbador padrão emergente que parecia compelir ao surgimento de vida inteligência como num salto evolucionário praticamente misterioso, mas inequívoco.

A simulação agora parecia nutrir mais de 6 yottabytes sendo necessária a criação de novos itens de armazenamentos baseado em cristais e mesmo em DNA em servidores refrigerados 24 horas por dia. Mais que a quantidade de todos os livros escritos na história humana ou todos filmes produzidos.

Forrest então pensou em fazer ajustes no universo virtual de modo que fora discutido com sua equipe as implicações disto pois pela primeira vez na história humana era observado uma recriação tão precisa do universo ao ponto de ser tornar um programa preditivo que poderia mesmo mostrar o futuro do próprio universo e da Terra.

Agora não mais haviam dúvidas de que aquele programa havia chegado aos mesmos efeitos que conceberam a Terra como se fosse o destino do universo dar lugar aquele planeta azul o que deixavam os antropocentristas eufóricos.

O ponto culminante fora com o surgimento de uma espécie humanoide o qual imagens renderizadas mostravam se tratar de várias versões identificadas como neandertais e outros até que culminou na prevalência do homo sapiens que lhe sucedeu. Com consternação puderam então observar uma história nunca contada em livros históricos, a dos primeiros homens que aparentavam ter sofrido algum tipo de ajuda de seres não descritos na equação, mas que eram delineados por dados circundantes que praticamente os intuíam, fosse o que fosse eram entidades de poder magistral, sobre-humano.

Muitos das equipes se indagaram se aquilo se tratava da intervenção de seres de outros mundos onde a vida inteligente era emergente, todavia numa pesquisa de uns oito dias nos dados subsequentes arquivados não encontrou de dados sólidos. A pergunta permanecia ao observarem outro padrão igualmente perturbador por cálculos de Forrest sobre a diminuição da escala de velocidade da linearidade intemporal levando segundo um membro da equipe a presunção da criança da Terra ao ser humano sete dias.

O grau de expectação da equipe era a esta altura exponencial de modo que eles se revezavam em turnos para monitorar a simulação de modo a observar a evolução da raça humana em milhares de anos em poucos dias. A formação a seguir dava lugar ao surgimento de civilizações e sociedades gradualmente complexas ao se organizarem de modo similar ao pesquisado pela arqueologia até atingir a história com apenas poucos pontos diferentes da história humana conhecida. Um dos membros da equipe então propôs criar um avatar de observação nesse mundo virtual gêmeo a Terra, mas eles temiam que a intervenção pudesse comprometer a simulação ao criar divergências e alterações ao impactar os lugares onde fora. Todavia a contragosto de Forrest um inveterado membro da equipe assim fez ao manifestar-se no mundo simulado de modo que ao interagir demonstrando conhecimento superior aqueles o avatar fora morto para que os bárbaros hominídeos tivessem seus crimes perdoados num complô de acobertamento e conspiração.

Impressionado com o comportamento primitivo dos homens virtuais, Forrest, parecia decepcionado, mas era isto mesmo que esperavam ao se tratar de uma simulação assim tão próxima do ser humano capaz de recriar

involuntariamente até mesmo sua corrupção. Todavia o perturbador padrão seguiu ao observarem mortes de inocentes e guerras numa busca insana pelo poder pelo poder, a fama pela fama, o dinheiro pelo dinheiro.

Forrest estava dias sem dormir direito perturbado por sonhos que para ele agora eram não menos diferente das simulações presenciadas. Até que aparentemente num dia destes quando a civilização parecia declinar-se a um equivalente a nossa atualidade viram que o mundo se acabou numa guerra global ante a busca por um poder centralizado que a todos dominassem e governassem. O mais incrível fora observar que no mesmo dia e ano em que Forrest nasceu um sujeito surgiu com seu mesmo nome sendo morto ao propor a ideia de uma simulação como a feita por ele. Os dados cruzados sobre as perspectivas intemporais e cronológicas fora capaz de similares feitos ao postularem um tempo universo na simulação em contrapartida ao tempo da cronologia humana sendo capaz de localizar muitos dos membros da equipe e mesmo celebridades, alguns das quais não ficaram famosos ou fizeram outras coisas de sua vida.

Deprimido e decepcionado com o que concebeu não sabia como noticiar isto a imprensa que parecia ávida por novas informações sobre o projeto que agora era acompanhado de perto por órgãos de inteligência que lutavam junto a um comitê internacional para manter aquilo em sigilo. Pelo fato do projeto ter sido realizado num consórcio internacional que reunia países da União Europeia, China, EUA, Japão, Austrália e Brasil.

Sobretudo Forrest não compreendia o porquê da simulação ter sido tão precisa mas não o suficiente a fim de chegar ao mesmo ponto com perfeição idêntico a humanidade. Talvez por uma intempérie ínfima de variação tenha norteado rumos imprevistos em algo o qual não se poderia atribuir o destino. Mas se chegaram até ali, a equipe se reuniu afim de rever os cálculos em busca de dados que justificasse aquele desvio que fora anterior a inserção do avatar morto. Foram dois meses de processamento de cálculos refeitos e dados alimentados por equações dos membros da equipe ao perceberem que erram uma vírgula na definição da velocidade da luz ao colocar 1 após 299.792.458 m/s ficando 299.792.458,1 ficando numa simulação que apesar de imperceptível no transcorrer do tempo e das relações físicas levou a uma sutil alteração no rumo da civilização humanoide ainda que não alterasse o resultado de seu comportamento, mas resultante onde o ódio e a cobiça prevaleceram acabando com todo um planeta.

Ao apresentar os dados numa coletiva de imprensa Forrest havia emagrecido por causa da depressão e das noites mal dormidas de modo que a apatia lhe sucedeu a euforia inicial do projeto. Ao apresentar os dados sob aplausos de todos o homem esboçou apenas um sorriso ao relatar o ocorrido o

qual material renderizado estava sendo preparado para uma série de documentários, assim ele disse.

— Acredite no amor, pois na ilusão do mundo hipócrita é a única verdade.

Todos amaram o predito pelo homem de modo que ele fora aplaudido de pé por um auditório entusiasmado. Com os meses Forrest se recuperou da depressão ao passar as férias com sua família, onde sem saber um fã obcecado o aguardava para lhe dar um tiro fatal ceifando sua vida gerando mais uma comoção pública e clamor sobre o ocorrido.

Mas afinal aquela simulação era uma porta para outra realidade ou a computação híbrida criou-o? Talvez sejamos nós parte da própria simulação!



Sonhos...

Cláudia Borges
Rio Grande/RS

Ela acordou de uma noite bem-dormida. Como de costume com os olhos semicerrados levantou da cama, colocou os chinelos de pelúcia e foi até o banheiro. Fez xixi, deu descarga. Foi a pia, lavou as mãos, o rosto. Olhou-se no espelho, o rosto de sempre. Olhou novamente. Havia algo em suas costas. Uma corcunda? O que seria?

Correu para o quarto, tinha um espelho enorme e poderia olhar melhor. Tirou a roupa e olhou, piscou os olhos. Mas como? Parecia uma concha de caracol, como os de jardim. Tentou tirar, mas saia de sua pele.

E agora? Como iria ao casamento de Luiza? O vestido não iria servir! Só pode ser um sonho. Resolveu deitar, fechar os olhos para acordar de novo. Repetiu todo o processo. Até fez xixi. *Droga! Ainda está aqui!* Não sabia o que fazer. *Será que foi colocado com superbonder?*

De suas mãos começou aos poucos a sair uma gosma, parecia que seu corpo produzia. Olhou-se de novo no espelho. *Agora tenho guampas?* Tocou, agarrou, apalpou. Eram anteninhas.

Durante o dia passou assim, trancada em seu apartamento. Tentando não tocar em nada para não sujar com a tal gosma. Tentou quebrar a concha batendo na parede. Fez um estrondo. E nada mudou. Continuou inteiro e o muco que saia de suas mãos se espalhava por todos os móveis. Suas pernas desapareceram e no lugar havia uma cauda com a qual se arrastava.

O apartamento todo ficou sujo. Correu ao banheiro. *Um banho me fará acordar deste pesadelo.*

Já eram oito horas da noite e nada. Nunca usaria o vestido vermelho, *tão lindo!* Fez uma última tentativa de quebrar a concha. Nada, só barulho. O caracol continuava grudado.

Nesse instante a porta do apartamento foi arrombada. Inês estava lá se debatendo e gritando: *tira isso de mim!* Como uma louca, com as mãos ensanguentadas, o corpo com hematomas de tanto se debater. Os vizinhos apavorados, os bombeiros chamaram o psiquiatra... Foi internada no mesmo dia.



Superficialidades

Clarice de Assis Rosa
Ituiutaba/MG

-Espera, mais pra direito um pouco. Isso, assim tá bom.

-Não ficou nítida, de novo. Mais uma. Coloque agora os braços no queixo. Isso.

Seriedade novamente, de volta à vida real, esta aleivosia ocultada por sorrisos e demonstrações públicas de afetos, com a extrema necessidade de convencer ao outro e, talvez a si mesmo, de sua autêntica felicidade.

-Acho que você anda muito distante ultimamente.

-Não entendo por que você pensa isso, estou te tratando normalmente, como sempre tratei e.. .olha, que paisagem linda, enfeitaram as lojas com decoração referente ao dia dos namorados, vamos lá tirar fotos.

Muitas poses, beijos, mãos dadas, abraços. Em instantes, legenda de algum poeta famoso que faz alusão ao amor perfeito, ou algum versículo bíblico que remete a relacionamento blindado por Deus.

-Nossa, olha quantas curtidas já tivemos nas nossas fotos.

-Que legal, e você viu os comentários? Acho que o Públio disse aquilo porque tem muita inveja da gente, a namorada dele é muito estranha, nunca vejo fotos dos dois juntos.

-Também acho e, além do mais, nunca vejo publicações de passeios deles, nem devem sair juntos.

Em um mundo em que as alegrias precisam ser divulgadas, os momentos apenas mostrados, não mais vividos, as raras pessoas que fogem a esse novo modelo de relacionamento, são vistas como infelizes, reclusas, depressivas, antissociais. O ideal é que tudo seja fotografado, não há mais o abraço que acolhe, os beijos que queimam, as carícias que dizem mais que palavras. Não existem mais momentos de descontração entre amigos, segredos, intimidades, instantes que precisavam ser vividos, sentidos. Tudo agora se reflete em imagens, em dizer o que se está sentindo, com quem, aonde. Vivemos a superficialidade das relações, a banalidade dos sentimentos, a vil circunstância em que o que fazemos é mais importante do que o que sentimos .

-Como eu ia dizendo, você anda muito distante de mim, antes era mais carinhosa, mais participativa.

-Não acho que mudei, talvez seja porque eu esteja estudando muito esses dias.

-Isso não justifica, eu trabalho e estudo e não sou....nossa, olha aqueles carros, é uma exposição de carros antigos, vamos lá, preciso colocar isso na minha página, o Marcos vai morrer de inveja, sempre foi louco pra ver isso de perto.

Muitas curtidas, muitos comentários nas fotos tiradas em momentos que deveriam ser vividos, mas não foram, olhares que deveriam ser trocados, não capturados por uma câmera de celular, abraços copiosos, fugazes.

- Adorei a nossa viagem, é sempre muito bom estar com você.

- Também gostei muito de estar com você todos esses dias, mas acho que agora devemos conversar, como eu te disse, você está diferente comigo, distante.

- Se você acha isso, não posso fazer nada, já te disse que estou te tratando normalmente.

-Faz três anos que estamos juntos e até hoje não conheço os seus pais.

- Ah, então esse é o problema? Eu já falei de você pra eles, já mostrei fotos, eles nos acompanham nas redes sociais, não estou escondendo você de ninguém, você mesmo já viu comentários deles.

- Sim, mas você nunca fez questão de me levar até a casa deles, me apresentar como seu namorado.

-Não entendo o porquê dessa cobrança agora, mas acho melhor darmos um tempo.

Silêncio. Faz parte das relações superficiais os jogos sentimentais, onde um espera que o outro insista, sofra, corra atrás. Parece ser mais fácil do que tentar resolver as diferenças racionalmente.

- Débora, ele vai vir atrás, pode olhar a página dele, deve ter fotos e mensagens com indiretas pra mim.

Mensagens de sofrimento, de amor, tanto nas redes sociais de um quanto de outro. Muitas postagens de arrependimento, de destino, união. Vários amigos curtiam, comentavam que eles formavam um lindo casal, que deveriam reconciliar-se, que não valia a pena romper por motivos tão fúteis.

Nenhuma palavra dita, nenhum encontro, nenhuma ligação.

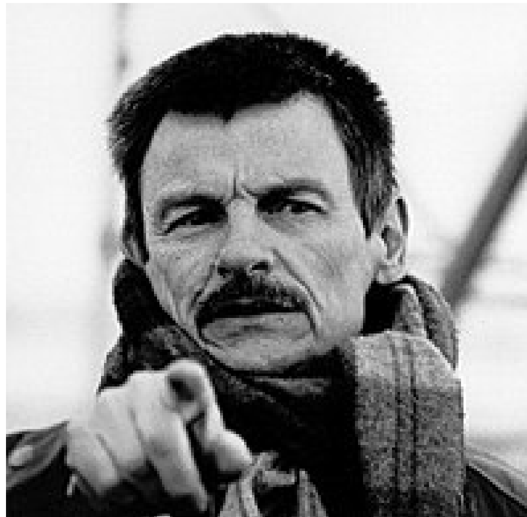


Tarkovski

Eduard Traste
Florianópolis/SC

no sonho de sempre
ninguém acreditou quando confessei
que meu diretor favorito
era russo.. e no fim o filme acabou
e não pude explicar
o porquê?

Acordei.



www.estrAbismo.net

Terabytes chineses

Paulo Ras
Paranaguá/PR

Terabytes chineses carregados de informações quase falsas russas fazem a Bolsa de Valores de Oslo recuar a níveis jamais vistos. Crianças paquistanesas aprendem inglês para trabalhar em empresas indianas de telemarketing, contratadas por míseros centavos pelas grandes corporações americanas. No Nepal, monges aprendem a fazer mantras binários para conquistar adeptos nas redes sociais. Na República Democrática do Congo, crianças que não sabem o que é facebook morrem de fome, adultos matam para comer qualquer coisa que se mova, enquanto a igreja sei lá o quê de Deus arranca migalhas vendendo a salvação em uma rua movimentada de Kinshasa. Deus não mora em favelas, grita o pastor colérico, enquanto Marie Mobutu come um pedaço de milho carunchado que ela roubou da boca de um cavalo doente, ela mal sabe, mas será vendida pela mãe antes de completar onze anos para o pastor insano, apreciador de carnes ainda puras. Há tempos que extirpam o coração. Preciso de um novo. Minhas palavras ainda estão madrugadoras para estes tempos insanos. O recorte do avesso sempre é o contrário do direito, por isso sou canhoto, ou, talvez, apenas para ser do contra, e reavivar peregrinações nos meus papéis passados a limpo. Porém sempre é tempo de acordar dissabores, por isso lerei um livro de Pessoa, apenas para saber o quanto o tédio pode ser tratado como genialidade. Meus fakes literários e literais são mais interessantes que Reis, Caeiro e Campos. Um deles tem vagina e seios exuberantes, e trepa com meu alter ego nos tempos em que sou abusado pelas palavras. Olho para o relógio. Oito e meia da noite. Acordo para dentro, refarei dois poemas e um conto que nunca escrevi. Não vou complicar. Vou beber um vinho, fumar um cigarro, tomar um banho, desligar as luzes, acender uma vela, queimar um incenso, deslizar um tempo à toa. Antes de sorrir, farei uma oração ecumênica por Marie, mesmo que ela não saiba. Quero salvá-la de mim mesmo, da minha mente insana de prescrever eternidades, da minha mania de divindade cruel, criadora, parideira e assassina de tantas Maries abstratas, que sempre renascem quando abro meus olhos de piscar possibilidades.



Teresa não sabia

Francine S. C. Camargo
Vinhedo/SP

Tinha as palmas das mãos lacrimejando de suor, mas não ousaria renunciar ao momento. Teresa sabia sim. Os olhos pálidos ao espelho denunciavam a destruição velada em seu corpo.

O médico retornou já sem a resposta na ponta da língua, pois alternativa não havia e Teresa também já sabia. Mirou sua expressão ruiva com a visão meio turva e anteviu: não havia o que receitar, nem recitar. Era apenas mais uma poesia de vida que se extinguia.

Pouco tempo quanto? Idealizo a formatura das crianças, a viagem de final de ano ou o breve café com as amigas, quis saber Teresa. Opção mais judiciosa seria a última, logo entendeu Teresa.

Desceu, então, as escadas com os pés quase tortos de pavor, não do final em si, mas sim da imprevisão, da inevitabilidade de um dia ensolarado transformar-se em inconsciência, em juventude aniquilada.

Espalhou esclarecimento, o tanto que pôde. Mas Teresa não mediu as palavras, não ajeitou antes o terreno para impor a má notícia. Estava ela tão doída que logo mais não teria clareza da dor alheia. E tristeza, teria? Teresa não sabia.

Beatriz, a melhor amiga, segurou as mãos já enxutas de Teresa:

– Vou ficar com você o quanto puder, todos os dias.

Com os olhos ardidos de lágrimas, não conseguiam prognosticar um dia sem conversa, sem filosofias.

– No final da semana, vamos nos reunir todos os amigos – insistiu Beatriz.

– No final de semana não estarei mais aqui.

Foi com convencimento que Teresa falou, logo Beatriz se afastou para não se aguar em covardia, pois Teresa não sabia, mas essa inexistência repentina não parecia tangível e decerto não caberia na semana seguinte.

Teresa fechou-se em seu quarto a fim de escrever cartas de despedida, enquanto ainda podia escrevê-las. Gastou tinta, letra bonita e lembranças, essas só ela as tinha e precisava compartilhar. No caso de contarem histórias a respeito dela, que fossem as mais genuínas.

Todos os dias dava adeus ao sol nos minutos finais antes de partir, acendia todas as luzes da casa e deitava-se com os olhos bem abertos até render-se ao sono. O que Teresa não sabia é que também o ocaso pode ser bem generoso, transformando-se em espetáculo em si mesmo.

E foi assim, como um anoitecer previsto. Não viu formatura, nem as árvores de Natal armadas. Mas tomou alguns cafés com quem, de fato, importava. Ao final, cada ser amado ocupava uma fração de seu regaço.

E ela conseguiu, por fim, fechar os olhos e apagar as luzes.

https://papodefran.com/



Tributo à Dona Rosa

Clélia Jane Dutra

Contagem/MG

Passei a minha infância em uma casa às margens da Avenida Amazonas, em BH. Naquela época o movimento de veículos já era grande, principalmente porque não existiam outras vias de acesso ao centro de BH, Contagem e Betim.

Em meio às freadas, atropelamentos, batidas de carros, buzinas e poeira, crescemos, brincamos, aprendemos a andar de bicicleta.

A bicicleta era do Cleiton, somente uma Monark antiga, para oito filhos. Sete na verdade, pois a Lúcia jamais quis aprender. Duas rodas para catorze pernas. Em uma casa com muitos filhos e pouca mordomia, desde cedo aprendemos a compartilhar. Compartilhar significa repartir o pão. No caso, a partilha ia além do pão. Estendia-se ao patinete, à bicicleta, à coleção de contos dos irmãos Grimm. Os livros de capa dura, com cores variadas, foi aquisição do meu pai, assim como outros de aventuras. Ele pouco estudou, mas preparava um campo fértil onde floresceria, entre os filhos, paixão pelos livros.

Com a bicicleta, cada um tinha direito a uma volta completa no passeio da Avenida Amazonas, ida e volta, que equivaleria a seis quarteirões. Às vezes, íamos dois de cada vez. Para ficar mais divertido, quem estava na "garupa", esticava as pernas e pedalava. Não abandonei o gosto pela bicicleta até hoje, trinta e cinco anos depois.

Como se fossem poucos os irmãos, aos domingos, alguns primos se agregavam às brincadeiras. Dentre eles, os gêmeos nada idênticos Edson e Edgard, o Carlinhos, o Paulinho, o Chico de Pará de Minas, a Cida da tia Ana e a Sônia, filha da tia Virgínia.

A Sônia, com apenas um mês de diferença de mim, nasceu no dia 25 de novembro e eu 26 de dezembro; era minha companheira inseparável. Ela, loura de olhos verdes, eu, morena. Ambas secas de carne, com cabelos lisos e aparados bem próximo às orelhas, para dificultar o problema incansável dos piolhos. Por causa desses minúsculos e desprezíveis bichinhos, eu era sempre

levada à casa da tia Terezinha, minha cabeleireira, que mantinha meu visual estilo "Joãozinho". Ficava muito triste, com baixa estima, quando voltava de lá, nessas ocasiões. Dava perfeitamente para entender a relação do Sansão com seu cabelo. Até que um dia, fui chamada de "boy", por um senhor, ao visitar o trabalho do meu pai, na Feira dos Produtores. Indignada, pedi à mamãe que deixasse o meu cabelo crescer. Ela permitiu, com a condição de que, daí para frente, eu me encarregasse de cuidar dele sozinha.

Sônia e eu fazíamos muitas coisas juntas. Criamos nossas "filhas bonecas", cuidamos de nossos "lares", no porão da loja que ficava debaixo da minha casa. Preparávamos nossa comida, que variava entre laranjas picadas e tomates com açúcar. Participávamos do coral da Dona Therezinha, na igreja. A senhora míope, usava óculos de fundo de garrafa e era muito irritada. Tínhamos mais medo do que prazer em cantar. Por trás, os meninos nos chamavam de "Curral da Dona Therezinha". Nos meses de maio, com vozes esganiçadas e asas de anjo, coroávamos a Nossa Senhora. Éramos comadres, cúmplices, amigas, companheiras. Juramos amizade para sempre, que foi eterna na infância. A vida se encarregou do resto. Hoje nos vemos raramente, mas o carinho na memória não se apagou.

Dona Rosa faz parte dessa época. Ela, uma senhora muito branca e gorducha, usava saias compridas e os cabelos como algodão, enrolados em um coque denso no alto da cabeça.

Na ocasião, ela tinha uns oitenta anos. Morava na Rua Taperi, em um barracão nos fundos da casa de seu filho, Sr. Geraldo.

Uma senhora extremamente dócil e carente que ansiava por companhia. Naquele tempo, eu não avaliava a situação com essa clareza.

Sônia e eu éramos convidadas a ir à sua casa. Comíamos bolo com leite quente, arroz-doce e biscoitos fritos. Depois, ela nos dava presentes: forrinhos de mesa, feitos de crochê; copos de plástico pintados; santinhos de papel, recebidos na igreja, e carambolas.

As carambolas têm um lugar especial nessa história. Na casa dela existia um pé enorme. Acredito que por não receber poda todo ano, o pé da fruta, apesar de ser muito alto, dava carambolas penduradas em galhos rentes ao chão.

Ainda hoje, ao colher carambolas na chácara do meu pai, Camilo, lembro-me da Dona Rosa e penso que suas frutas eram mais doces, pois comíamos várias sem fazer caretas.

Muitas vezes, Dona Rosa saía de sua casa, juntamente com Sônia e eu, para visitar a sua neta. Essa morava em uma das casas que pertenciam à Vila Magnesita. Andávamos aproximadamente 2 Km, só na ida.

No dia, em que Dona Rosa nos perguntava se queríamos acompanhá-la à casa de sua neta "Nega", que era tão branca quanto ela própria, sentíamos na glória.

Dona Rosa andava no seu passo "tartaruga", apoiada em sua bengala marrom de cabo encurvado, com seus pés gordinhos enfiados nas "congas". Íamos pulando na frente, correndo e voltando, servindo às vezes de apoio para ela ao subir no meio-fio.

Servimos de companhia à senhora idosa, várias vezes, porém lembro-me mais de um passeio específico. Ao despedirmos da "Nega", ela entregou à avó, uma vasilha de vidro com doce de mamão. Fiquei fascinada com os desenhos, em alto relevo, que realçavam sobre o verde do mamão. Dona Rosa, segurando sua bengala, trazia o doce na outra mão. Quis carregar a vasilha para ela. Temerosa da minha pouca idade, não permitiu. Em instantes, enfiou a bengala em um buraco injusto. Foi ao chão e esparramou pedaços de cristal, tão bonitos, por terra.

Quando regressávamos dos vários passeios, recebíamos "gorjeta". Olha só, que maldade! Éramos pagas por um prazer e o pior, aceitávamos de bom grado.

Tão logo deixávamos Dona Rosa em seu reduto, a "gorjeta" era transformada em sorvete de morango ou creme, que saia da máquina em forma de cilindro.

Dona Rosa com suas mãos gorduchas, seus olhos claros, seus bolos deliciosos, já passou pela história. Mas ainda hoje, sua doçura e suas carambolas visitam minha mente.

Trovas de dar pena

Aparecida Gianello dos Santos
Martinópolis-SP

I

Chuva e vento contra o ninho...
Vê, pois, que isso não mata.
Tem receio, passarinho,
é do homem, que desmata.

II

Em sua vida inocente
já comeu tanto jiló
que outro amargo já nem sente,
na gaiola, o curió.

III

Faz o jogo do contente,
na clausura, ave canora.
Faz que canta alegremente,
mas por dentro ela chora.





Tudo o que um corpo não é

N. Gomes
Pindamonhangaba/SP

Meu corpo não é partida de futebol pra ter comentarista,
humorista
Pra fazer suas piadas machistas.
Meu corpo não é propriedade
Pra sua falta de senso, respeito e
personalidade.
Meu corpo é meu,
Por isso tire sua maldade
daquilo que nunca será seu.
Meu corpo é só um corpo
Que não precisa ser avaliado, notado
Comentado, estuprado
Por homem mal amado, mal educado
que não sabe se conter.

https://www.facebook.com/resilienciaversada/



Um sol para um girassol

Venâncio Amaral
Sorocaba/SP

Você é assim para mim! Uma luz estridente de um amarelo ouro, porém, muito mais valioso. Enquanto na simplicidade busco estar ao seu lado...
Mas que distância é esta?
Que parece ser incalculável, isso é tão ruim!
Fico aqui imóvel, não por que quero, porém, acho que já criei raiz. Por mais que gire não consigo me soltar e te alcançar.
Será que mesmo na distância você consiga me notar? Estou sempre a te admirar, sabia?
Acredito que sim, pois consigo sentir o seu calor, mesmo tão distante.
Você compõe o meu viver. Por isso quero te fazer um pedido!
Fica para sempre comigo?
Para quem sabe um dia desses, possa te beijar e abraçar... E no ápice do amor e dos carinhos, o corpo todo se queimar. Me desfaço! Desarmo-me em seu abraço, que me enche de amor! Assim não penso no fim.
Quero eternizar os vãos momentos, mesmo que isso me desfaça.
Por que o amor na distância até esquenta, mas o amor de perto... Queima... E mesmo que vire cinzas ao vento... Não se entristeça!
Por que por amor, sei que valerá à pena.

Uma missão civilizatória

Bruno Antonio Picoli
Chapecó/SC

É um trabalho difícil, sabe? Tem dias que cansa, que só quero saber de chegar em casa e cair na cama. O serviço também, só faz crescer, o serviço e o cansaço. Cansa, sabe? Tem que trabalhar muito, às vezes fico horas extras no laboratório, sentado, inclinado sobre aqueles peças de porcelana, medindo, lixando, polindo, colando, secando, medindo, lixando, polindo, cansa! Você não imagina! Cada dente exige uma perícia! Só falar disso me cansa! Pra você entender fico apenas com os caninos, acho que é o bastante. Os malditos estão lá testemunhando o passado de símio, cada um deles provocando-me com sua audácia em se manter ligado a essa natureza de maldito selvagem. Pontiagudos, afiados, diferentes entre si e em cada boca, malditos! É aí que entra a minha arte. Mesmo cansado, muito cansado, dedico aos caninos atenção especial, lixo, lixo, pulo, pulo, civilizo o símio. Ao fim do dia, a sensação da missão cumprida e, sobre a bancada do laboratório, dentes que em diferentes bocas produzem sorrisos iguais. Você acha isso pouco? Não se engane! O trabalho só faz crescer! Porque além disso cada boca insiste em ser uma boca diferente da anterior. O formato, a curvatura do palato, o tamanho da língua, o número de dentes para cada boca banguela, e não só isso! Cada boca, malditas bocas, tem lábios mais ou menos carnudos, mais ou menos longos, com covinhas, sem covinhas, bochechas gordas ou magras, tonalidades e até o maldito nariz! Acredita que até a distância entre os olhos pode atrapalhar meu êxito? É difícil chegar ao sorriso perfeito, igual ao anterior e ao anterior deste. É um trabalho duro! Sabe? Artesanal! Moldar boca por boca, para no fim ser uma boca só, igual a anterior e à anterior. E ainda tem mais! Mais malditas que as bocas, são esses novos dentistas. Acreditam que cada dente tem na sua diferença sua beleza! Como permitem isso? Todo o trabalho de gerações questionado por modismos. Não respeitam tradição nenhuma e, às

vezes, entre uma peça concluída e outra a ser iniciada, me pergunto onde vamos parar se ninguém tiver a coragem de resolver isso? Mas eu preciso fazer justiça a uma categoria de dentistas, os que se dedicam, à sua maneira, a difícil arte de igualar sorrisos e assim puxam de um lado para outro, com os mais criativos aparatos, dentes teimosos, que a despeito de seu próprio bem insistem em ser diferentes. Estamos lado a lado nessa trincheira, sabe? Mas só eu lixo e pulo caninos. Eles devem reconhecer isso! Lembro com saudades quando éramos mais conscientes de nossa missão. Todos nós, dentistas, práticos e protéticos lado a lado. O mundo era mais simples, arrancavam-se todos os dentes e pronto! Uma boca novinha substituia a banguela! Dentes simétricos, entre si e com os do vizinho! Nenhum dentista exaltado aparecia fazendo escândalo! É, o mundo hoje está muito chato! Eram tempos bons que os modismos modernos, desvituados, puseram fim. Malditos! Talvez possamos um dia retornar à antiga glória! Imagina? Na rua a beleza em cada sorriso, ainda uma boca por vez, mas inteira, sem ter que negociar com aquele farrapo de dente que sobra, que insiste em querer ser ele mesmo... Maldito! Mas até lá, é trabalho duro! E cansa, sabe?



Vazão

Luana Maria

Lavras/MG

Às vezes eu sou o avesso do mundo
O viés do discurso
A via marginal
A voz do silêncio
A veia que ainda pulsa
O vislumbre da surpresa
A vida que esqueceu de desistir

Às vezes sou o volume que ainda vai escorrer
A vítima estilhaçada
A valsa não dançada
O vinagre derramado
A vista embaçada
O vinteu do mendigo
O visto rabisco
A viga que ergue
A vida que segue
Que escolha ficar.
A vida. A vida.

https://entrelinhas11.blogspot.com/



Ventos da Cultura

Amélia Luz
Pirapetinga/MG

Do seio do povo nasci, trazendo comigo todas as colheitas feitas pelas outras gerações que me antecederam. Meus velhos ancestrais me passaram desde a canção de ninar até o falar, o gesticular, o proceder pela correnteza da cultura. Braços fartos, leques abertos, mãos que distribuíram um arco-íris colorido de influências culturais em abundância. Da ama negra herdei a mansidão, o pouso do olhar brando, a ingenuidade. Com ela brinquei de roda, cabra-cega, pique de esconder. Aprendi longas histórias que atravessaram o oceano em navios negreiros cheios de amargura e saudade. Conheci os sabores de quitutes deliciosos como também a utilizar palavras que saiam dos seus lábios no africano trazido na alama. Colocou-me um "patuá" para me livrar de "mau oiado" rezava com galho de arruda para me curar de "ispinhela caída" e me fazia cafuné para abrandar minhas lágrimas de criança.

Dormito na rede nas horas da tarde ouvindo o cacarejar das galinhas d'angola. Ao meu redor as influências indígenas do povo silvícola maculado pela colonização bruta. Subo nas árvores, desço nos igarapés, ouço o canto da Iára, do Boitatá, do Boto cor de Rosa nas matas onde o Saci Pererê assobia anunciando as suas travessuras. Com ele vem chegando a Mula sem Cabeça, O Curupira, a Cuca para com seus feitiços me encantarem na minha ingenuidade de menina.

Levo comigo o olhar altivo dos lusos chegando, dominando, injetando aqui uma cultura ibérica de muitas e diferentes nuances. Saboreio receitas da terra portuguesa, além das manifestações religiosas cunhadas pela missão evangelizadora trazidas com a Campanha de Jesus na Contra Reforma.

Sou uma colcha de retalhos!!! Em faces múltiplos e desdobráveis como assim me fizeram no barro virgem com mãos indígenas, africanas e portuguesas sem falar no envernizamento que me foi dado pela mão do imigrante. Nesse caldeirão de enlaçamento falo latim, português e neolatinas, dialetos africanos diversos e o tupi-guarani que teima poderoso em não sair da minha boca. Inventariando tudo isso no santuário arqueológico do balanço da minha vida deito-me e descanso no berço cultural da minha latinidade viajante que sou trazendo na "cacunda" (?) um mundo de mistérios herdados no correr dos séculos. E esta chama não pode se apagar. Ela continuará a iluminar a VIDA no correr manso do tempo que traiçoeiro nos arrasta.

Verdadeiramente...

Diana Pinto
Portugal

O silêncio apoderou-se daquele lugar. O terror entrou por entre as veias das personagens. O Bernardo foi descoberto. A Amélia viu tudo, ao longe, com lágrimas nos olhos. A Leonor ficou surpreendida pela coragem de Adriana.

O silêncio permaneceu até ao toque, indicando o fim das aulas da faculdade. A Adriana, a sorrir, agarrou o braço do Miguel e encaminhou-se para o portão da escola. A Leonor sentou-se num degrau, enquanto via a dor de Adriana... Foi a última vez que a viu.

Agora ela estava sentada no sofá da sala, sustentando a cabeça com a mão. Adriana estava sentada à frente dela e tentava consolá-la.

– Precisas de continuar, Leonor!

– Não é a mesma coisa sem ela. Ela morreu!

– Ela não morreu. Lembras-te das coisas que faziam juntas? Essas lembranças estão vivas dentro de ti.

Leonor olhava nos olhos da sua antiga amiga engolindo em seco. Ela nunca tinha se sentido tão triste em toda a sua vida. É certo que errou, mas foi para construir um futuro com Amélia. Leonor nunca teve qualquer relação com o Bernardo. Bernardo foi apenas um dador. As duas queriam uma criança, queriam ser mães. O Bernardo soube e voluntariou-se, mas Amélia não soube da decisão até descobrir por Adriana. Leonor já estava grávida de dois meses.

A mentira pode matar. Leonor teve a certeza disso. Mas ela tinha agora uma criança que seria a razão da vida dela e a maior prova de que Amélia continuava ali, com ela.

https://www.facebook.com/Dianapintoautora/

Vida

Conceição Maciel
Capanema/PA

Viver é um ato de coragem
É um caminho que hora se está indo
Hora se está vindo
E em umas dessas V(idas) e Vi(n)das pela Vida
Uma dúvida surge:
Seria livre a Vida?
Ou seria apenas um passeio pelos caminhos da lida em vida?
A Vida só teria V(ida) e Vi(n)da
Se fosse livre a Vida.
Mas se a vida fosse livre
Como seria a vi(n)da sem v(ida)?
Mas já que sem vida não há
poesia lida
Então que a vida seja sempre
bem Vi(n)da e bem (vi)vida.
Viva a Vida com todas as suas V(idas) e vi(n)das.



Viés

Vânia Bandeira
Aracajú/SE

Hoje passei o dia dentro de mim,

Em uma viagem sem fim,

Achei que era fácil viajar no meu próprio eu

Dentro de mim achei desafios, Ilusão, solidão, prontidão, decepção, reflexão,

Questionei-me com a tristeza

Dentro de mim fiz analise,

Solidão quis machucar,

Prontidão me fez repensar

Que rumo a vida pode nos dar

Reflexão foi importante

Para novos impulsos tomar

Caminhei em via publica

Discutindo com a decepção

Da vida dura e da luta

Que somos incapazes de vencer sem se machucar.



Yolanda

Rodiney da Silva
São José dos Campos/SP

- Yolanda, acho que te amo.
- U-hum...
- Não acredita?
- Não.
- Por quê?
- Você me deu um tapa...
- Ora, mas aquilo foi tesão.

Se despediu e saiu. Chegou em casa. Silêncio. A mulher ainda mantinha-se muda. Foi ao quarto, tirou a roupa e tomou uma ducha. Na sala, a mulher com olhar distante não via a novela que passava na tevê. Foi à cozinha, mexeu nas panelas, serviu e esquentou no micro-ondas. Era irritante o silêncio. Ouvia com agonia o garfo bater no fundo do prato, a comida sendo mastigada e engolida, o som de dente roendo unha. Resolveu manter o jogo do silêncio. Foi ao quarto, pegou o notebook, leu as notícias. Pegou o celular, duas mensagens de Yolanda. Pensou em acessá-las, desistiu. Foi ao banheiro, escovou os dentes, voltou para a cama, pegou o celular e leu as mensagens de Yolanda: "Desculpe..." e "Se puder, vem me ver..." Voltou para a sala e a mulher chorava um choro de gente distante. Sentou-se ao seu lado, tocou-lhe a mão, ela a recolheu. A mulher desligou a tevê com o controle remoto, levantou-se, foi à cozinha, bebeu água e foi para a cama. Ele a seguiu com os olhos e depois a seguiu até a cama. Ela ainda chorava e ele se despia. Ela se virou, ele deitou e a abraçou. Estava fria e gelada. Estava distante. Não havia tesão. Ela dormiu. Ele se levantou, se vestiu e saiu.
- Você veio...?
- Sim, Yolanda, eu acho que te amo.
- Entra.

Ele entrou.

https://letraincapaz.blogspot.com/



Antologia “Eu Jardineiro”

Não percam a oportunidade de participar da Antologia “Eu Jardineiro”, organizada pelo nosso amigo Lenilson Silva. O tema é livre e as participações são gratuitas!

Eu jardineiro – Poesias
Vagas para 1000 escritores Gratuitamente!
Regras:
Cada autor enviará 1 poesia com título em arquivo word que não ultrapasse UMA LAUDA.
(Não envie o seu texto no corpo do e-mail, todos os dados são dentro do arquivo word)
Tamanho 12, fonte times new roman, espaçamento 1,0.
Abaixo do texto estará o seu nome completo, cidade, Estado e pequena biografia que não deve ultrapassar de 6 linhas.
Envie seu texto revisado.
Assunto do e-mail: "Eu jardineiro - Poesias"
E-mail: fabinhomora2003@gmail.com (letras do e-mail são todas minúsculas)
Valor: Gratuitamente
O autor ganhará um e-book para leitura, caso queira o livro físico ele ficará na loja da editora Perse por valor de fábrica e o autor compra quando quiser, não tem obrigação.
Curta minha página: https://www.facebook.com/P.Lenilson/
Inscreva-se em meu canal: https://www.youtube.com/user/len22100

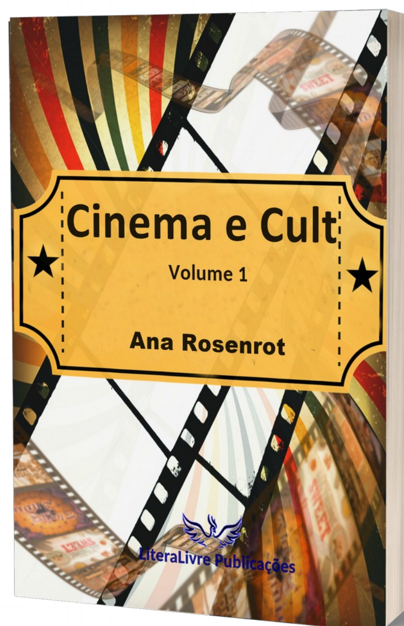
Informações do livro:
Tamanho 17x24cm
Capa luxo
Previsão de 900 páginas
1000 autores!
compromisso: O autor no ato do envio das poesias deve enviar o contrato assinado da autoria de seu texto, assim confirma sua presença no livro.



Cinema e Cult – venha se apaixonar pela sétima arte!!

Um livro sobre cinema, feito por quem ama cinema!!

Sinopse:



Para conhecer e compreender melhor o mundo mágico da sétima arte, este livro traz os textos atualizados de todas as edições da Coluna CULTíssimo, criada pela escritora e cineasta Ana Rosenrot e publicados originalmente na Revista Suíça Varal do Brasil (ISSN 1664-5243) entre 2014 e 2016.
Com linguagem acessível para o público em geral e também para estudantes de cinema, Cinema e Cult aborda a importância do cinema como ferramenta histórica e cultural e sua capacidade de transgredir, acompanhar e modificar conceitos, quebrar tabus e incentivar o livre pensamento e a reflexão.

Recanto das Letras (Versão Digital Gratuita):

https://www.recantodasletras.com.br/e-livros/6514745

Amazon Kindle(ebook):

https://www.amazon.com.br/Cinema-Cult-1-Ana-Rosenrot-ebook/dp/B07KSN5Y95

Clube de Autores (Versão Impressa):

https://www.clubedeautores.com.br/ptbr/book/267359--Cinema_e_Cult_vol_1#.W_2M-FrPzIU

Convocatória para a Antologia “A Arte do Terror-Apocalipse

A “Elemental Editoração” está com as inscrições abertas para a Antologia “A Arte do Terror – Volume 6 – Apocalipse”.

As participações são gratuitas e as inscrições vão até 28/02.

Vejam o regulamento no site:

https://aartedoterror.weebly.com/edital





Conheçam o Projeto "Cartas para a Vida"

Texto: Ananda Lima

O Projeto *"Cartas para a Vida",* nasceu de uma parceria da Academia Barreirense de Letras - ABL e a Polícia Militar da Bahia.

A proposta do projeto é levar palavras de esperança, de acalento a quem está vivendo problemas emocionais, especialmente os que têm pensamentos de morte e depressão.

Qualquer pessoa pode escrever, qualquer idade, formação...

Temos recebido cartas de cunho religioso, cartas simples, cartas mais elaboradas, cartas com relatos de superação... uma diversidade. Inclusive temos recebido poemas com mensagens lindas.

Quem escreve, tem ciência que as cartas serão publicizadas. Então, a pessoa decide se identifica ou deixa anônima. Temos as duas situações. Há quem usa pseudônimo.

Em qualquer ponto do planeta a pessoa pode escrever ou pode ter acesso à carta. Quem escreve, envia para o e-mail: *cartasparaavida2018@gmail.com*

As cartas serão publicadas nas redes sociais que poderão ser amplamente compartilhadas até chegarem aos seus destinatários, que pode ser eu, você, qualquer pessoa a depender do dia que estamos vivendo.

O projeto nasceu em setembro de 2018, com a força do Setembro Amarelo, mas não se restringe apenas a este mês. Ocorre permanentemente.

Agora, estamos organizando para ter um livro com as cartas já recebidas.

facebook - https://www.facebook.com/cartasparaavida/

Intagran - @cartasparaavida1

WhatsAp: (77) 9-9998-3406

Vejam o Banner e fotos do projeto:









PARAÍBA
Cartas para a vida
Falar

Participem da Antologia: O Sonho do Corvo

Mais de dois séculos se passaram desde o nascimento de Edgar Allan Poe e suas obras ainda são cultuadas e usadas como referência pela grande parte das pessoas que aventuram-se pelas Artes; especialmente a da escrita.

Dito isso, o Selo "EFH - eBooks from Hell" procura textos baseados na obra de Poe para integrarem o eBook "O Sonho do Corvo".

Cada autor(a) poderá usar qualquer referência que venha de uma das obras de Edgar Allan Poe, sejam seus poemas e/ou contos, sejam personagens, locais, ambientações e/ou situações. Desde que a obra mantenha-se dentro dos gêneros Terror e/ou Suspense.

A participação do eBook é completamente gratuita. Não é necessário pagar qualquer taxa ou adquirir qualquer serviço.

Os textos não precisam ser inéditos. Desde que os(as) autores(as) possuam os direitos de publicação da obra.

O prazo de submissão de textos vai até as 23h59 do dia 25 de fevereiro de 2019. Inscrições feitas após data e horário limites serão descartadas.

Previsão de lançamento para março.

Link para o edital completo: http://bit.ly/EditalEFH-OSonhoDoCorvo



LiteraAmigos

Espaço dedicado a todas as entidades e projetos amigos que de alguma forma nos ajudam ou possuem proposta de trabalho semelhante a nossa:

Canal "Conto um Conto" - Canal do Youtube criado pelo locutor Marcelo Fávaro, onde podemos "ouvir" clássicos da literatura mundial. O canal proporciona entretenimento inclusivo e de qualidade para todos os amantes da boa literatura; tem Guimarães Rosa, Monteiro Lobato, Stephen King, Edgar Allan Poe, Machado de Assis e muito mais.

Conheçam, se inscrevam e aproveitem.
Ouvir histórias é relaxante e instrutivo!!

https://www.youtube.com/channel/UCsqheVzvPGoI6S3pP3MBlhg

Conto um Conto
6.685 inscritos
INSCREVER-SE 6,6 MIL
INÍCIO VÍDEOS PLAYLISTS COMUNIDADE CANAIS SOBRE
Envios REPRODUZIR TODOS CLASSIFICAR POR

Grande Sertão: Veredas - Parte 21 - Audiolivro - Cont... 26:09 · 33 visualizações • 12 horas atrás
#185 - Arthur Clarke - Nove Trilhões de Nomes de Deus ... 22:59 · 351 visualizações • 2 dias atrás
#184 - Edgar Allan Poe - Pequena conversa com um... 1:01:05 · 411 visualizações • 3 dias atrás
#132 Nas Montanhas da Loucura - Vídeo 9 Final -... 1:06:33 · 326 visualizações • 4 dias atrás
#183 - Zenod - Alessandro Extro - Conto um Conto 9:53 · 228 visualizações • 1 semana atrás
#182 - Florbela Espanca - A Morta - Conto um Conto 20:44 · 320 visualizações • 1 semana atrás
#181 - Edgar Allan Poe - O Demônio da Perversidade -... 26:56 · 556 visualizações • 1 semana atrás
#180 - Rubem Fonseca - Passeio noturno - Conto um... 21:24 · 336 visualizações • 1 semana atrás

"Blog Concursos Literários" - Blog criado em 2011, com o objetivo de divulgar editais e resultados de concursos literários e prêmios literários.

É considerado por muitos autores como uma fonte completa e acessível de editais e resultados de premiações realizadas no Brasil e em todo o mundo. O projeto também é elogiado por não incluir em suas postagens os concursos que cobram quaisquer taxas de inscrição ou publicação dos autores. Além disso, muitos organizadores de concursos literários reconhecem este espaço como uma referência no apoio à divulgação.

Acessem o site e conheçam os Concursos do mês, do ano e as seleções permanentes:

https://concursos-literarios.blogspot.com.br/

CONCURSOS



LITERÁRIOS

Blog RMBS Rock

Criado pelo talentoso J. Marcos B., o blog RMBS Rock, traz um pouco de tudo: Música, Cinema, Literatura, HQs e muito, mais muito entretenimento de qualidade e bom gosto.

Com uma interface bonita e bem organizada, o blog é uma ótima alternativa para quem procura conteúdo variado e eclético.

Visitem e prestigiem o RMBS Rock!!

https://rmbsrock.blogspot.com/

RMBS Rock

Et clamor meus ad te veniat...

Página inicial | Bandas Baixada Santista | Sétima Arte | Literatura | HQs | Web | Estúdios

Sétima Arte

Documentários, Curta Metragens, Seriados, Opera Rock, Shows...

Revista SerEsta

Criada por um grupo de escritores, ilustradores e fotógrafos, a Revista SerEsta é uma publicação semestral, virtual e independente, que nos traz mais um importante espaço para divulgação da literatura e da arte.
A segunda edição traz uma entrevista com Claudia Brino e Vieira Vivo e homenageia o grande artista ZIRALDO.

Inscrições abertas para a próxima edição até 15/03.

https://revistaseresta.blogspot.com/p/edicoes.html









"Casa Brasil Liechtenstein" - uma organização cultural criada para promover eventos e cursos para brasileiros na Europa.

https://www.facebook.com/casabrasil.li/





"Mulheres Audiovisual" - uma plataforma criada para unir as mulheres e a arte em geral, cadastre seu portfólio e participe:

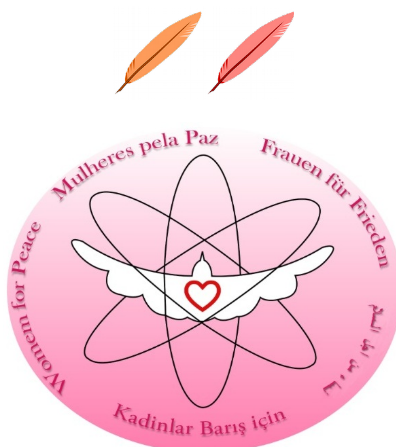
http://mulheresaudiovisual.com.br/

Elemental Editoração"



Elemental Editoração é um selo editorial independente do qual edita e publica livros nos formatos impressos e digitais sem qualquer vínculo com editoras.

https://seloee.weebly.com/



Mulheres Pela Paz - Frauen für Frieden - Ong criada na cidade da paz Augsburg, na Baviera - Alemanha, que promove ações entre cidadãs e cidadãos da Terra, criando um intercâmbio cultural de Paz através das Artes.

O projeto, que tem como curadora a escritora e Embaixadora da Paz Alexandra Magalhães Zeiner, tem realizado ações por todo o mundo, promovendo encontros, saraus e apoiando iniciativas que visam a inclusão social, a defesa do meio ambiente, a igualdade e a paz para todos os povos.

https://www.facebook.com/Mulheres-pela-Paz-Frauen-f%C3%BCr-Frieden-6642538000869/



Modelo de envio de textos para publicação na revista

No meio do caminho **(título)**

Carlos Drummond de Andrade **(nome para publicação – este nome não será trocado)**

Rio de Janeiro/RJ **(cidade e estado onde vive – país somente se for do exterior)**

(no máximo 3 textos com até 3 páginas)

(texto – utilize fonte arial ou times new roman)

No meio do caminho tinha uma pedra,
tinha uma pedra no meio do caminho,
tinha uma pedra,
no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento,
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho,
tinha uma pedra,
tinha uma pedra no meio do caminho,
no meio do caminho tinha uma pedra.

https://www.pensador.com/melhores_poemas_de_carlos_drummond_de_andrade/

(site, página ou blog – pessoal ou de divulgação de obras)



Vamos mudar o mundo através das palavras !!!

http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre

https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre/